

Luís António Martins dos Santos

A evolução Histórica e Geográfica da Baixa de Coimbra- Funções e Transformações. Uma proposta de exploração pedagógica

Relatório final de Estágio no âmbito do Mestrado em ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Doutora Ana Isabel Sampaio Ribeiro e coorientado pela Doutora Adélia Nunes, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A Evolução Histórica e Geográfica da Baixa de Coimbra – Funções e Transformações. Uma Proposta de Exploração Pedagógica.

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A EVOLUÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA BAIXA DE COIMBRA - FUNÇÕES E TRANSFORMAÇÕES. UMA PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO PEDAGÓGICA.
Autor	Luís António Martins dos Santos
Orientador	Doutora Ana Isabel Sampaio Ribeiro
Coorientador	Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes
Júri	Presidente: Doutor António Campar de Almeida Vogais: 1. Doutor Norberto Nuno Pinto dos Santos 2. Doutor Fernando Taveira da Fonseca 3. Doutora Ana Isabel Sampaio Ribeiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	História e Geografia
Especialidade	Ensino de História e Geografia
Data da defesa	22-10-2013
Classificação	17 valores



Agradecimentos

Início o presente relatório com uma palavra de gratidão a todos aqueles que me ajudaram a tornar possível a concretização do presente trabalho.

Deste modo, dirijo primeiramente o meu agradecimento à Doutora Adélia Nunes e à Doutora Ana Isabel Ribeiro, pelo apoio prestado ao longo deste ano letivo, nomeadamente na composição e elaboração do presente relatório.

Agradeço igualmente ao Dr. Pedro Cunha e à Dra. Cristina Nolasco, professores cooperantes da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, pelo incomensurável apoio, disponibilidade, compreensão, paciência e respeito que revelaram ao longo deste ano de Estágio. A sua presença, exigência, os seus conselhos e conhecimentos foram sem dúvida preponderantes para a minha aprendizagem enquanto futuro docente.

Aos meus colegas de Estágio Pedagógico, João Tavares e Cláudio Brito. Com eles cresci e aprendi bastante. Formámos juntos, um núcleo de estágio forte, coeso, sincero, responsável, cooperante, onde todos deram o melhor de si e se ajudaram mutuamente. Crescemos porque trabalhamos juntos. Para além deste ano de trabalho em comum fica uma gratificante experiência e a certeza de uma grande amizade.

À comunidade escolar da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores.

Aos restantes colegas de Mestrado em Ensino de História e Geografia e a todos aqueles que se cruzaram comigo ao longo da minha vida académica e contribuíram para a minha formação.

Aos primos Liliana Azevedo e João Martins pela ajuda na elaboração da cartografia inserida neste relatório.

Aos meus amigos que sempre de forma forte, carinhosa e sincera me incentivaram, apoiaram e acompanharam neste meu percurso.

Aos Sempr'Abrir e a ELE que sempre se fizeram presentes no trilho que percorri.

Um agradecimento especial à minha namorada e à minha família, em particular à minha mãe, pilar essencial na minha vida.

A Todos eles, o meu eterno e sincero Obrigado.

Resumo

O presente Relatório tem como principal objetivo descrever e compilar as atividades letivas e extra letivas desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico realizado na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, em Coimbra, no ano letivo 2012-2013. Pretende-se ainda, apresentar o estudo de uma temática de natureza científico-didática, delimitada no âmbito dos Seminários Científicos de Geografia e História e aprofundada no presente relatório, subordinado ao tema “A evolução Histórica e Geográfica da Baixa de Coimbra. Funções e Transformações”, bem como, a sua respetiva aplicação pedagógica.

Palavra-chave: estágio pedagógico, ensino da História, ensino da Geografia, Baixa de Coimbra.

Abstract

The present report has the main objective to describe and compile teaching, and non teaching, activities developed during the Pedagogical Internship realized in Basic and Secondary School of Quinta das Flores, in Coimbra, in the school year of 2012-2013. Another objective is to present the study of a thematic of scientific-didactic nature, delimited in the context of Geography and History Scientific Seminars and developed in the present report, under the theme “The Geographical and Historical evolution of Coimbra Downtown. Functions and Transformations”, as well as your respective pedagogical application.

Keyword: pedagogical internship, History teaching, Geography teaching, Coimbra Downtown.

Índice

Agradecimentos.....	1
Resumo	2
Abstract	2
Introdução	6
1. Descrição e análise das atividades desenvolvidas no decurso do Estágio Pedagógico	8
1.1 Breve caracterização da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores	9
1.2 Atividades letivas	11
1.2.1 A preparação, concretização e avaliação das aulas lecionadas	12
1.2.2 Caracterização das turmas	14
1.2.3 As sessões de trabalho dos Seminários Pedagógicos	15
1.3 Atividades extra letivas	16
1.4 Balanço Final do trabalho desenvolvido no Estágio Pedagógico.....	19
2. Estudo de uma temática de natureza científico-pedagógica trabalhada nos seminários científicos de Geografia e História – “A evolução Histórica e Geográfica da Baixa de Coimbra. Funções e Transformações.”	22
2.1 Contextualização Histórica da cidade de Coimbra.....	22
2.1.1 Da Aeminium à Coimbra Contemporânea	22
2.1.2 O Arrabalde	26
2.2 As ruas do Arrabalde.....	31
2.2.1 A Rua Ferreira Borges.....	31
2.2.1.1 Consolidação da centralidade.....	34
2.2.1.2 A organização e estrutura da Rua da Calçada	35
2.2.1.3 As atividades económicas	38
2.2.1.4 As suas vivências	39
2.2.2 A Rua Visconde da Luz	41
2.2.2.1 As atividades económicas	42
2.2.3 A Rua da Sofia	43
2.2.3.1 Os Colégios da Rua da Sofia.....	46
2.2.3.2 As atividades económicas	49

2.3 A Baixa de Coimbra: funções e transformações recentes	52
2.3.1 Estado da Arte	52
2.3.2 Conceitos de Função e Serviço	53
2.3.3 A importância do Centro Histórico	56
2.3.4 Metodologia Utilizada	57
2.3.5 Ferreira Borges [Funções e Serviços; Estado de Conservação do edificado]	58
2.3.6 Visconde da Luz [Funções e Serviços; Estado de Conservação do edificado]	60
2.3.7 Rua da Sofia [Funções e Serviços; Estado de Conservação do edificado].....	63
2.3.8 Funções e Transformações	66
2.3.9 Problemas identificados	70
2.4 Requalificação da Baixa de Coimbra – Projetos e iniciativas.....	75
2.4.1 Conceito de Reabilitação Urbana – Coimbra Viva SRU.....	75
2.4.2 Gabinete para o Centro Histórico de Coimbra	76
2.4.2.1 “Universidade de Coimbra- Alta e Sofia”- Património Mundial	77
2.4.3 Agência de Promoção para a Baixa de Coimbra [Coimbra ConVida].....	78
2.4.4 A Sociedade Metro Mondego	79
3. Aplicação didática da temática nas disciplinas de História e Geografia.....	80
3.1 Aplicação didática na disciplina de História	81
3.1.1 Plano da visita de estudo - "Coimbra: a Almedina e o Arrabalde"	83
3.1.2 Itinerário e planeamento da visita de estudo	84
3.1.3 Aplicação e avaliação da visita de estudo	85
3.2 Aplicação didática na disciplina de Geografia	86
3.2.1 Plano da visita de campo - "As Funções da Baixa de Coimbra"	88
3.2.2 Aplicação e avaliação da visita de campo	89
Conclusão	90
Bibilografia	92

Índice de Anexos

Anexo I – Planificação a Longo e Médio Prazo de Geografia	i
Anexo II – Planificação a Longo e Médio Prazo de História.....	viii
Anexo III – Planificação a Curto Prazo de História.....	xvii
Anexo IV – Planificação a Curto Prazo de Geografia.....	xxv
Anexo V – Caracterização da turma do 9º ano (x).....	xxxiv
Anexo VI – Imagens	xli
Anexo VII – Exemplo da grelha utilizada para a elaboração do trabalho e cartografia	xliv
Anexo VIII – Roteiro da visita de estudo de História	xlv
Anexo IX – Guião de orientação para os trabalhos de grupo de História.	xlviii
Anexo X – Exemplo de um mapa auxiliar para o trabalho de campo de Geografia	xlix
Anexo XI – Guião e grelha de observação para o trabalho de campo de Geografia.....	l

Introdução

O presente Relatório de Estágio insere-se no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Este trabalho congrega em si, as experiências e atividades letivas e extra letivas desenvolvidas no decorrer do Estágio Pedagógico realizado na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, em Coimbra, no ano letivo 2012-2013, bem como, os dois trabalhos científicos realizados no âmbito dos Seminários Científicos de Geografia e História.

Após o início do Estágio Pedagógico, procedeu-se à escolha dos temas na área da Geografia e da História em vista da realização de um trabalho científico aprofundado e da sua respetiva aplicação didática no contexto da sala de aula. Após a análise dos Programas e Orientações curriculares das duas disciplinas, elencou-se possíveis temas que pudessem estar interligados nas duas áreas disciplinares. No entanto, esta relação e interdisciplinaridade não se revelou tarefa fácil devido à diversidade programática dos conteúdos de História e Geografia no 9º ano (ano de escolaridade com que trabalhei diretamente ao longo do Estágio Pedagógico).

Deste modo, optou-se por um tema mais geral, onde a História e a Geografia pudessem-se complementar mais facilmente. Nesse sentido, escolheu-se como tema “A evolução Histórica e Geográfica da Baixa de Coimbra. Funções e Transformações”.

Partindo de um estudo-de-caso específico, Coimbra, e de uma realidade muito concreta, três ruas da sua Baixa – Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia – definiram-se metodologias e iniciaram-se os devidos trabalhos de investigação.

O presente Relatório encontra-se dividido em três grandes capítulos. No primeiro, caracteriza-se a Escola onde decorreu o Estágio Pedagógico, descrevendo posteriormente, as atividades letivas e extra letivas desenvolvidas, terminando com uma reflexão crítica e global.

No segundo capítulo, apresentarei o trabalho científico delimitado e aprofundado nos Seminários Científicos de História e de Geografia. Deste modo, farei inicialmente uma breve contextualização histórica da cidade e do seu crescimento urbano, centrando-me no Arrabalde local onde as ruas em estudo surgiram primeiramente. Em seguida, debruçar-me-ei no estudo individualizado das ruas anteriormente referidas, analisando a sua formação, toponímia, evolução nas diferentes épocas históricas, funções e serviços associados ao longo dos séculos.

Posteriormente, analisarei o estado atual das ruas mencionadas. Darei destaque às suas funções e serviços atuais, ao estado de conservação do seu edificado e aos seus problemas. Neste ponto, apresentarei a cartografia elaborada das ruas em estudo referente às suas funções, serviços e estado de conservação. Terminarei este capítulo, com a definição do conceito de “reabilitação urbana”, apresentando os projetos e iniciativas que trabalham diretamente na reabilitação, preservação e requalificação da Baixa de Coimbra.

De forma a obter uma correta organização cronológica no Relatório, optei por apresentar primeiramente o trabalho científico realizado no Seminário Científico de História, apesar deste, ter sido realizado posteriormente ao de Geografia.

Por último, no quarto capítulo, é abordada a aplicação didática e pedagógica do tema anteriormente referido. Importa ainda mencionar, que devido ao calendário letivo apertado e à realização de exames por parte dos alunos do 9º ano (ano de escolaridade que trabalhei no decurso da prática pedagógica), não foi possível concretizar a aplicação didática. No entanto, a mesma foi devidamente planeada e organizada.

O presente Relatório terminará com uma conclusão, onde farei um comentário final sobre o trabalho científico desenvolvido e o Estágio Pedagógico.

O trabalho seguidamente apresentado baseia-se sobretudo, em estudos científicos de investigadores, que se debruçaram, estudaram e investigaram a Geografia e a História de Coimbra e das suas atividades, bem como, em obras de carácter didático-pedagógico das duas áreas disciplinares.

A escolha do presente tema deve-se ao facto de sempre me ter interessado em saber e conhecer mais sobre a cidade onde nasci, cresci e vivo. Depois, porque a “Baixinha” Coimbrã, tem sido nos últimos anos bastante falada pelos conimbricenses devido ao estado atual do seu comércio e dos seus problemas. Na impossibilidade de estudar toda a Baixa de Coimbra, optei pelo seu eixo principal as Ruas Ferreiras Borges, Visconde da Luz e Sofia. É certo que cada uma tem a sua especificidade, no entanto, é inegável a sua importância no contexto da história da cidade e da sua evolução.

1. Descrição e análise das atividades desenvolvidas no decurso do Estágio Pedagógico

A experiência do Estágio Pedagógico é de facto de suma importância na formação de professores. É através da sua prática, que o estagiário contacta com a profissão docente, trabalhando e adquirindo as competências necessárias para o exercício da profissão de professor. É no trabalho permanente com o Núcleo de Estágio e com os Professores Cooperantes, que o estagiário contacta com a realidade escolar e desenvolve metodologias de trabalho inerentes à profissão.

Nesse sentido, e no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizou-se o Estágio Pedagógico de História e Geografia na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores.

No que concerne à composição do Núcleo de Estágio Pedagógico este era constituído do seguinte modo: Orientação Científica na área de Geografia, Doutora Adélia Nunes; Orientação Científica na área de História, Doutora Ana Isabel Ribeiro; Orientação da prática pedagógica na escola, Dra. Cristina Nolasco, Professora Cooperante de Geografia; Dr. Pedro Cunha, Professor Cooperante de História, e os três alunos-estagiários Luís Santos, Cláudio Brito e João Tavares.

Após se conhecer a composição do núcleo, seguidamente, com o objetivo de avaliar e analisar as atividades desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico, serão descritas as atividades realizadas pelo núcleo ao longo do ano letivo 2012-2013, em concordância com o Plano Anual de Formação de Professores da Faculdade de Letras de Coimbra. Para uma maior organização, dividiremos as atividades em Atividades Letivas e Atividade Extra Letivas.

Posteriormente, em vista de melhor avaliar o trabalho desenvolvido e as competências adquiridas será apresentada uma reflexão crítica sobre o Estágio Pedagógico.

No entanto, antes de analisar as atividades desenvolvidas, importa conhecer e caracterizar a comunidade escolar e a escola, onde grande parte do trabalho se desenvolveu. Nesse sentido, caracterizarei de seguida em breves linhas, a Escola Básica e Secundária Quinta das Flores.

1.1 Breve caracterização da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores

Como anteriormente foi referido, a escola onde decorreu o Estágio Pedagógico, foi a Escola Básica e Secundária Quinta das Flores. Esta escola, localizada no centro urbano de Coimbra¹, na rua Pedro Nunes, pertencente à freguesia de Santo António dos Olivais, possui características *sui generis* em relação a outras escolas públicas, dividindo o mesmo espaço físico com o Conservatório de Música de Coimbra. Este facto é realmente essencial para perceber a dinâmica e o ambiente da própria escola. Muitos são os alunos que optam por um percurso escolar articulado entre a formação geral e a formação artística (Música e Dança). Nesse sentido, não é de estranhar que se ouça constantemente e com bastante facilidade, o som de instrumentos musicais, quer no intervalo quer no decorrer dos tempos letivos. A música e a dança estão de facto bastante presentes no ambiente da escola contribuindo para um maior dinamismo e atividades no âmbito da sua oferta educativa.

Neste ponto, importa ainda localizar a escola no espaço envolvente. Situada no centro urbano de Coimbra, a escola beneficia da proximidade de diferentes espaços, com diferentes funções, como é o caso do Centro Comercial Coimbra Shopping (função comercial e serviços), a Escola Superior de Engenharia de Coimbra (função de ensino e investigação), e o Teatrão (função cultural).

No que concerne à Oferta Educativa, esta escola apresentou no ano letivo 2012-2013, um diversificado conjunto de propostas entre o Ensino Básico (com o 5º e 6º anos com um ensino articulado de Música e Dança, 7º, 8º e 9ºanos com regime normal), o Ensino Secundário com variados cursos Científico-Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades, Artes Visuais) e o Ensino Profissional (Gestão de Equipamentos Informáticos, Apoio à Gestão Desportiva, Auxiliar de Saúde).

Ao longo do ano letivo, a escola mostrou-se bastante ativa e dinâmica, com constantes atividades (exposições, concertos musicais, peças de dança, concursos, formações). A comunidade escolar é bastante recetiva a novos projetos e atividades.

Importa ainda referir que, em 2010, a escola foi alvo de remodelações e intervenções físicas no seu espaço. Deste modo, o espaço foi ampliando, sendo

¹ Ver anexo VI (fig.1) o mapa da localização geográfica da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores.

instalado o Conservatório de Música. Os bolcos e as salas onde decorrem as aulas também foram alterados, sendo equipados com quadros interativos, computadores, projetores multimédia e Internet. Nesse sentido, a escola apresenta-se bastante bem apetrechada, possuindo um conjunto muito bom de equipamentos e infraestruturas (biblioteca, pequeno auditório, grande auditório, pavilhões desportivos, laboratórios, refeitório, etc.). Este facto contribui para um maior conforto da comunidade escolar, possibilitando aos professores e alunos um conjunto de recursos relevantes na dinâmica de ensino-aprendizagem.

O Núcleo de Estágio de História e Geografia beneficiou de todas estas condições e infraestruturas, sendo-lhes concedida a Sala de Trabalhos dos Professores, para nela poderem trabalhar no decorrer do ano letivo. Este espaço foi dividido permanentemente com o Núcleo de Estágio de Matemática e ocasionalmente com o Núcleo de Estágio de Português- Francês. As condições da sala e o ambiente foram sempre propícios para a realização dos diversos trabalhos e atividades do núcleo.

1.2 Atividades letivas

Seguidamente serão descritas as atividades letivas realizadas ao longo do Estágio Pedagógico. O Estágio Pedagógico teve o seu início em Outubro de 2013. Ao chegar à escola, a primeira tarefa a realizar, foi o Plano Individual de Formação (PIF). Neste Plano Individual de Formação, delineei as atividades que pretendia realizar ao longo do ano de estágio. As atividades definidas no PIF foram previamente estabelecidas por acordo entre mim, Aluno- Estagiário, as Orientadoras Científicas da faculdade e os Professores Cooperantes.

Após a sua elaboração, entreguei no decorrer do 1º semestre, o documento final às Orientadoras Científicas da faculdade e aos Professores Cooperantes. Deste modo, o PIF representou o “esqueleto” do Estágio Pedagógico, onde se definiriam as atividades letivas e não letivas a realizar.

As atividades seguidamente descritas foram realizadas no contexto de cinco turmas, três do 9º ano, uma do 11º ano (Geografia) e outra do 12º ano (História). Estas turmas pertenciam aos Professores Cooperantes. Após o núcleo conhecer as turmas com quem efetivamente iria trabalhar, procedeu-se à divisão das mesmas entre os três estagiários do núcleo. Na área disciplinar de História, o Professor Cooperante Pedro Cunha possuía três turmas do 9º ano. Deste modo, cada estagiário ficou vinculado a uma turma do 9º ano. Por sua vez, em Geografia as turmas foram rodando entre os três estagiários, devido ao facto da Professora Cooperante Cristina Nolasco possuir apenas duas turmas do 9º ano e uma do 11ºano.

Após a definição das turmas em que cada estagiário iria lecionar, procedeu-se à observação e assistência das aulas dos professores cooperantes. Através desta observação inicial, foi-me possível ir conhecendo as turmas, os seus alunos e as suas dinâmicas. Aproximei-me da realidade escolar, das metodologias de trabalho de um professor, e tomei o primeiro contacto com a docência. Este primeiro contacto foi essencial para compreender as diferentes dinâmicas e os diferentes fatores inerentes ao processo de ensino-aprendizagem.

Neste ponto, cumpri mais do que os 75% de assistências e observações às turmas a que estava vinculado, ponto definido no Plano Anual de Formação de Professores. Importa ainda referir que, durante a observação de aulas dos Professores Cooperantes, auxiliei no decorrer do ano letivo, um aluno com necessidades educativas especiais,

ajudando-o na aula a acompanhar os conteúdos e explicando os mesmos quando necessário, bem como, acompanhando-o na elaboração dos testes de avaliação. Auxiliei ainda, com menos frequência, uma aluna estrangeira, que devido às suas dificuldades linguísticas precisava de um acompanhamento permanente na sala de aula.

1.2.1 A preparação, concretização e avaliação das aulas lecionadas

Concomitantemente procedeu-se à elaboração das planificações a longo e médio prazo. Neste ponto, o facto de entrarmos tardiamente a trabalhar na escola, fez com que as planificações a longo e médio prazo² já estivessem definidas e elaboradas pelos professores. No entanto, os professores cooperantes não deixaram de apresentar e explicar as planificações elaboradas aos estagiários, de modo a que estes se inteirassem de todo o processo. As planificações sejam elas de longo, médio e curto prazo, não foram novidade para os estagiários. Estes, ao longo do primeiro ano do Mestrado, trabalharam nas cadeiras de Didática, a sua elaboração e organização. É claro que a sua elaboração e execução foi aprimorada com a constante prática ao longo do ano de estágio.

Seguidamente, após as primeiras observações de aulas e contacto com as planificações a longo prazo das duas áreas disciplinares, foram definidas e agendadas as primeiras aulas a lecionar. Nesse sentido, procedeu-se em seguida às primeiras planificações a médio e curto prazo.

Apesar de algumas resistências iniciais, é inegável a importância de uma planificação cuidada e rigorosa. Através das planificações o professor define os conteúdos a lecionar, as estratégias e recursos a utilizar e os objetivos a alcançar. No entanto, o professor não deve tomar a planificação como um “espartilho”, ou algo estático, mas sim como um instrumento que pode ser adaptado e modificado consoante os objetivos pretendidos e as lacunas surgidas. Seja de que modo for, uma planificação, embora não consiga prever tudo aquilo que acontece no processo de ensino-aprendizagem, permite que o professor construa um fio condutor da aula, distinga o principal do acessório, reorganize e pense estratégias e se sinta seguro na leção.

Deste modo, e após os Professores Cooperantes definirem as temáticas a lecionar pelos estagiários, começou-se a trabalhar nas devidas planificações. Neste

² Ver anexos I e II.

processo, sobretudo na fase inicial, o auxílio e supervisão dos Professores Cooperantes foi essencial. O modo de planificar nas duas áreas disciplinares embora diferente tem muitos pontos em comum. O objetivo é o mesmo, definir conteúdos, relacionando-os com os objetivos de aprendizagem e com as estratégias e recursos a utilizar.

Na planificação a médio prazo na área disciplinar de História, partimos sempre do Programa de História e das Orientação Curriculares. Em seguida, identifica-se a unidade e a subunidade. Posteriormente descreve-se a linha conceptual da unidade selecionada, define-se os indicadores de aprendizagem, os conteúdos a lecionar, as estratégias de aprendizagem, os recursos e por fim a avaliação. No que concerne à planificação a curto prazo³ a História, esta é organizada do mesmo modo que a planificação a médio prazo, elaborando-se o sumário e a linha conceptual, definindo com maior detalhe os indicadores de aprendizagem, os conteúdos a lecionar e as estratégias e recursos selecionados.

Por sua vez, na área disciplinar de Geografia, na planificação a médio prazo, partimos igualmente do programa de Geografia e das Orientações Curriculares. Identifica-se o tema, o subtema e a unidade didática. Seguidamente definem-se o número de aulas previstas, as finalidades educativas, as questões-chave. Elabora-se o esquema conceptual da unidade e define-se outros tópicos como: conceitos novos, os objetivos gerais e o objetivos específicos, a avaliação e a bibliografia utilizada na preparação e aprofundamento científico da unidade. No que diz respeito à planificação a curto prazo⁴ a Geografia, esta é antecedida pela planificação a médio prazo, definindo posteriormente o sumário e descrevendo a experiência educativa pormenorizadamente, mencionando os recursos a utilizar, as estratégias definidas, as questões equacionadas e objetivos pretendidos. A aula fica assim descrita minuciosamente.

Embora com uma organização diferente, os dois tipos de planificação, permitem um planeamento da aula eficaz, rigoroso e exigente. Numa fase inicial, o núcleo trabalhou em conjunto na elaboração das planificações a médio e a curto prazo. No decorrer desse trabalho, foram-se treinando competências, colmatando possíveis lacunas, aprimorando saberes e discutindo opções. Com a prática e o decorrer do ano, cada estagiário foi ficando mais autónomo a nível da planificação, aprofundado cientificamente os conteúdos, definindo as estratégias e os recursos a utilizar. Apesar desta autonomia, sempre que necessário, existiu um auxílio mútuo entre os estagiários e

³ Ver anexo III.

⁴ Ver anexo IV.

um à-vontade com os Professores Cooperantes para esclarecer qualquer dúvida. No final do ano os Professores Cooperantes possibilitaram que os estagiários planificassem sem a sua supervisão, facto que se revelou significativamente positivo, evidenciando a autonomia dos estagiários e a aquisição de competências a este nível.

No decurso do Estágio Pedagógico, lecionei um total de 3 aulas de 45 minutos e 15 aulas de 90 minutos dividindo-se do seguinte modo: 2 aulas de 45 minutos e 8 de 90 minutos na área disciplinar de História, 1 de 45 minutos e 7 de 90 minutos na área disciplinar de Geografia.

Trabalhei com as três turmas do 9º ano, sendo que a História estive vinculado a uma particularmente, participando nas reuniões de Conselho de Turma e Reuniões Intercalares da mesma. As aulas que lecionei foram sempre supervisionadas pelos Professores Cooperantes, bem como pelos meus colegas estagiários. Em quatro delas, estiveram presentes ainda as Orientadoras Científicas da Faculdade.

Após a leção das aulas, estas eram avaliadas pelo núcleo, procedendo-se primeiramente a uma autoavaliação da mesma e em seguida de uma heteroavaliação. Estas sessões eram posteriormente transcritas para uma ata, em que o estagiário avaliado escreveria os principais pontos analisados. Estas discussões foram bastante produtivas, pois através delas, foi possível compreender os pontos positivos da prestação dos estagiários, aprimorar os pontos menos positivos da sua leção e colmatá-los. Estas discussões foram sempre pautadas por um clima de respeito, cordialidade e interajuda entre os membros do núcleo, pois só identificando os erros cometidos se pode melhorar. Para isso, contribuiu a capacidade de análise, de diálogo e escuta entre os estagiários e os Professores Cooperantes. O processo de avaliar um colega não é fácil, e não o foi no início, pois exigiu confiança, maturação e responsabilidade. No entanto, no decorrer o Estágio Pedagógico foi possível fazê-lo de forma aberta e sincera.

1.2.2 Caracterização das turmas

Como anteriormente referi, no decurso do Estágio Pedagógico, trabalhei com três turmas do 9º ano. São três turmas bem diferentes entre si, com alunos de perfis socioeconómicos diferenciados e interesses múltiplos. Essa diferença foi de imediato assinalada pelo seu percurso escolar.

Uma das turmas, com 29 alunos, pertencia na sua totalidade ao ensino articulado, frequentando as disciplinas de Dança e Música em simultâneo com as disciplinas de regime normal. Os alunos apresentavam um perfil socioeconómico médio-alto. Muitos participavam em desportos e outras atividades fora da componente letiva, vivendo na sua grande maioria perto da escola. Era uma turma bastante homogénea entre si e empenhada nas atividades letivas e extra letivas.

Por sua vez, a segunda turma, com 29 alunos, era considerada mista, ou seja, metade dos alunos frequentavam o ensino articulado e a outra metade o ensino em regime normal. Em termos socioeconómicos a turma apresentava alguma dualidade. Existiam alunos com um perfil socioeconómico médio e outros com um perfil médio-baixo, vivendo a sua maioria nas proximidades da escola. Por estes motivos era uma turma bastante heterogénea, nos seus gostos, interesses e relações, mas bastante afável e receptiva.

Por último, na terceira turma, os seus 19 alunos frequentavam na sua totalidade o regime normal. No que diz respeito ao seu perfil socioeconómico, os alunos pertenceriam na sua grande maioria a um perfil médio-baixo, existindo mesmo alguns que usufruíam de apoio económico por parte dos serviços sociais da escola. No que concerne ao seu local de residência, metade dos alunos viveriam próximos da escola e no centro de Coimbra e a outra metade na periferia da cidade. Era uma turma bastante reservada e num primeiro contacto introvertida. No entanto, com o decurso do ano, foram-se revelando receptivos e afetuosos.

Embora muito diferentes entre si, as três turmas revelaram-se bastantes receptivas e cooperantes à nossa presença enquanto professores estagiários. Colaboram nas aulas e nas atividades extra letivas dinamizadas pelo Núcleo de Estágio, mostrando-se empenhados e entusiasmados.

1.2.3 As sessões de trabalho dos Seminário Pedagógicos

No que diz respeito aos Seminários Pedagógicos, estes foram cumpridos conforme o estabelecido no Plano Anual de Formação de Professores. De uma forma geral, os estagiários reuniam com os Professores Cooperantes 90 mais 45 minutos por semana. Contudo, por diversas vezes, o tempo despendido pelos Professores Cooperantes foi superior ao anteriormente referido. Por diversas vezes, em virtude de questões ou dúvidas surgidas no seio do núcleo, os Professores Cooperantes

mostravam-se disponíveis e pacientes. As sessões de Seminário Pedagógico serviram para a realização de um conjunto diversificado de trabalhos tais como: elaboração e análise de planificações de longo, médio e curto prazo; preparação de aulas; análise e discussão de aulas; elaboração de materiais de apoio e fichas de trabalho; concretização de testes de avaliação e grelhas de correção; preparação e realização de atividades extra letivas.

Para além destes pontos, nestas sessões de trabalho, discutiam-se ideias, esclareciam dúvidas e consolidavam-se relações num ambiente agradável e bastante propício para o trabalho e evolução. Neste tópico cumpri mais do que os 75% de participações nos Seminários Pedagógicos, parâmetro definido no Plano Anual de Formação de Professores.

Importa ainda salientar que, a maior parte do tempo despendido no Estágio Pedagógico foi passado na sala de trabalho do núcleo, onde individualmente ou em conjunto com os meus colegas estagiários e Professores Cooperantes preparei as diferentes atividades letivas e extra letivas.

1.3 Atividades extra letivas

Como anteriormente foi referido, ao longo do Estágio Pedagógico foram realizadas diversas atividades letivas e extra letivas. Após analisar as atividades letivas e a sua realização, descreverei seguidamente as atividades extra letivas, atividades realizadas fora da componente letiva, que o núcleo dinamizou ou participou.

Para uma melhor organização, apresentarei primeiramente as atividades que o núcleo dinamizou e participou/colaborou, descrevendo em seguida, as atividades em que houve participação individual e/ou do núcleo como reuniões, ações de formação, conferências, entre outras.

Antes de elencar as atividades, é importante referir que a dinamização ou participação de atividades extra letivas quer individualmente quer a nível do núcleo de estágio, se revelou muito importante. Através delas o núcleo fortaleceu relações e aproximou-se ainda mais dos alunos e da restante comunidade escolar. Sinto que, nas atividades extra letivas desenvolvidas pelo núcleo, os alunos participaram ativamente, com entusiasmo e criatividade e que estas foram bem acolhidas no seio da escola e dos seus intervenientes.

- Atividades extra letivas que o núcleo de estágio dinamizou:
 - **Exposições:**
 - “Segunda Guerra Mundial e o Holocausto” - Exposição de cartolinas elaboradas pelos alunos dos 9^{os} anos no âmbito da disciplina de História. Abril de 2003.
 - “ 25 de Abril” - Exposição concedida pelo Centro de Documentação do 25 de Abril inserida nas comemorações escolares do 25 de Abril. Abril de 2013.
 - “Dia Internacional do Ambiente”- atividade realizada no âmbito da disciplina de Geografia para os alunos do 9º ano. Colaboração na seleção e montagem da exposição. Maio de 2013.

 - **Conferências:**
 - "Portugal, o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial" conferência adestrada pela Doutora Irene Flunser Pimentel no âmbito da disciplina de História para os alunos do 11º e 12ºanos e para os alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Fevereiro de 2013.
 - "O rio Mondego: passado, presente e futuro" conferência adestrada pelo Professor Doutor Luciano Lourenço no âmbito da disciplina de Geografia para os alunos dos 9ºanos e restante comunidade escolar. Abril de 2013.

 - **Visita de Estudo:**
 - Barragem de Castelo de Bode e Central Termoeléctrica do Pego. Visita de estudo realizada no âmbito das disciplinas de Geografia, Físico-química e Ciências Naturais para os alunos do 9º ano. Abril de 2013.

 - **Outras atividades:**
 - "Querida Anne Frank"- Concurso de produção escrita, dinamizada em conjunto com o núcleo de estágio Português- Francês no âmbito das disciplinas de História e Português para os alunos do 9º e 10º ano. Fevereiro de 2013.
 - “Aristides Sousa Mendes – o cônsul de Bordéus” organização da assistência ao filme sobre a vida de Aristides Sousa Mendes no âmbito da disciplina de História para os alunos do 12º ano. Novembro de 2012.

- Atividades extra letivas que o núcleo de estágio colaborou:
 - “ Comemorações do 25 de Abril”- atividade realizada no âmbito da disciplina de História no 2º Ciclo do Ensino Básico. Colaboração na montagem das diferentes exposições e no espetáculo alusivo ao tema anteriormente referido. Abril 2013.

- Atividades extra letivas que existiu a participação individual e/ou do Núcleo de Estágio:
 - Ação de Formação “Olhar 21”- dinamizada pela Associação Olhar 21 sobre o problema da Trissomia 21. Outubro de 2012.
 - Ação de Formação sobre o problema dos Diabetes dinamizada por um aluno da escola. Dezembro de 2012.
 - Reuniões de avaliação de final de período do Conselho de Turma. Dezembro de 2012 e Março de 2013.
 - Reunião intercalar. Nesta reunião apresentei a caracterização⁵ da turma do 9º ano a qual estive afeto. Outubro de 2012.
 - Assistência ao filme "As Linhas de Wellington" no Teatro Académico Gil Vicente. Outubro de 2012.
 - Assistência à sessão de apresentação das propostas para o Parlamento Jovem. Janeiro de 2013.
 - Conferência "(Des)ordem na escola: Mitos e Realidades" adestrada pelo Professor Feliciano Henriques Veiga. Fevereiro de 2013.
 - Conferência “Riscos e catástrofes naturais” adestrada pelo Professor Doutor Fernando Rebelo. Conferência dinamizada pelo Núcleo de Estágio de História e Geografia da Escola Secundária Infanta D. Maria. Abril 2013.
 - Participação no colóquio internacional sobre "Formação de professores e educação" realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Abril de 2103.
 - Visita ao Museu da Água e passeio ao Parque Verde do Mondego. Visita de final de ano, dinamizado por diversos professores das turmas do 9º ano. Junho de 2013.

⁵ Ver anexo V.

1.4 Balanço final do trabalho desenvolvido na Estágio Pedagógico

Após a descrição e análise das atividades letivas e extra letivas realizadas no âmbito do Estágio Pedagógico, importa agora fazer uma reflexão e um balanço final da prática pedagógica.

Considero o ano letivo que agora se finaliza como um ano muito especial. No seu decurso, todas as experiências vividas, as competências apreendidas, as relações desenvolvidas e a envolvimento com a comunidade escolar, permitiram-me crescer enquanto futuro docente mas também a nível pessoal. Foi sem dúvida um dos anos mais exigentes da minha vida, mas também um dos mais enriquecedores a todos os níveis. Sinto-me feliz por chegar ao fim de um ciclo e sentir que cresci com a ajuda e apoio dos meus colegas e com o incansável suporte de dois Professores Cooperantes, que deram de si o melhor que tinham e sabiam, num espírito de clareza, trabalho, exigência e compreensão.

Foi um ano dedicado à aprendizagem da profissão de professor, onde aprendi metodologias e desenvolvi competências que me ajudarão na minha futura docência. Todo este percurso foi pautado por inúmeros desafios, incertezas, receios, conquistas e vivências. Foi também um ano em que compreendi na sua essência, o que é o trabalho de um professor. Ao entrar no Estágio Pedagógico os receios e as incertezas eram muitas. O facto de me estar a formar para algo que não conhecia integralmente, foi um grande desafio. Estava apenas habituado a viver a escola do lado dos alunos, e desta vez, pela primeira vez no meu percurso, conheci o outro lado, o lado de ensinar.

Aprendi que ser professor é muito mais que preparar alunos para um determinado exame ou teste de avaliação. Ser professor implica uma grande responsabilidade e uma grande preparação. Exige uma constante preparação científica e domínio de conteúdos, uma preparação rigorosa e meticulosa da aula, através da escolha de estratégias de aprendizagens e da seleção de recursos. É impensável lecionar uma aula sem planeá-la previamente, sem estar à vontade com os conteúdos. Só assim o professor pode escolher as melhores estratégias para ensinar.

Para poder lecionar, é necessário uma consistente preparação científica. Nesse sentido, a preparação científica das aulas foi um trabalho constante ao longo do Estágio Pedagógico. Neste ponto, a leitura de bibliografia especializada, a troca de ideias com

os colegas estagiários e o esclarecimento de dúvidas com os Professores Cooperantes foi essencial para uma correta e cuidada preparação.

Por outro lado a prática letiva e didática vai-se aprimorando com a experiência e no decorrer das aulas lecionadas. Foi assim que fui evoluindo e aprendendo a expor e explicar os conteúdos, a interligar saberes, a colocar questões, a explorar diferentes recursos, a colocar as turmas a participar, a impor ritmo na aula, a saber gerir comportamentos e atitudes, a esclarecer dúvidas, a gerir imprevistos, a criar e desenvolver uma relação com os alunos.

Confesso que a minha primeira aula lecionada foi uma experiência completamente desesperante, devido ao facto da turma ser pouco participativa e de não dar o devido *feedback*. Senti-me um pouco perdido e deslocado do contexto da sala de aula. No entanto, com o apoio dos Professores Cooperantes e dos meus colegas de estágio, fui aceitando o desafio e ultrapassando os receios e incertezas iniciais.

É uma profissão que implica um trabalho prévio, pensado, planeado e organizado. Só depois de todos estes parâmetros realizados, chega o melhor da profissão, o ensinar e contactar com os alunos. Poder contribuir para o desenvolvimento de um Ser Humano é realmente uma experiência muito gratificante, mas que exige uma grande responsabilidade e humildade.

No final desta experiência tenho a certeza do trabalho intrínseco que esta profissão exige, mas também me sinto completamente motivado para a exercer.

A experiência foi realmente muito enriquecedora a todos os níveis. Trabalhei num núcleo coeso, unido e solidário em que a presença dos Professores Cooperantes foi essencial para o trabalho desenvolvido. Ajudaram-nos desde logo a perceber que só trabalhando em conjunto conseguiríamos alcançar as metas desejadas e evoluir individualmente e coletivamente. Nesse sentido, penso que o núcleo funcionou muito bem, trabalhando de forma responsável, num clima de interajuda e suporte. Nas tarefas realizadas, revelámos que conseguimos trabalhar em grupo dividindo as tarefas. Mesmo nas planificações e na preparação de aulas, facilmente trocámos ideias, recursos e opiniões sobre as estratégias a executar. Nas atividades letivas e extra letivas que desenvolvemos, mostrámos empenho, brio e dedicação na sua conceção e execução.

Mesmo nas avaliações, existiu um clima saudável de sinceridade e recetividade às críticas e sugestões. Para além da relação profissional ficou sem dúvida uma sólida relação de amizade.

No que concerne à comunidade escolar a relação foi igualmente positiva. É realmente uma escola muito bem apetrechada a nível de equipamentos e estruturas, no entanto, é nas pessoas que a compõem, no seu corpo docente, no seu espírito aberto, democrático e entusiástico e nos alunos que a congregam que está a sua maior riqueza. Por todos estes fatores, o núcleo sentiu-se enquadrado e apoiado ao longo do Estágio Pedagógico. Apoio esse, visível e sentido na receptividade demonstrada nas atividades extra letivas dinamizadas pelo núcleo.

Foi um ano francamente positivo, que recordarei com saudade nos anos vindouros, quer pelo trabalho desenvolvido, quer pelas turmas com quem trabalhei e muito aprendi, quer pelas relações desenvolvidas com os Professores Cooperantes, colegas de estágio e restante comunidade escolar.

Sei contudo, que a profissão atravessa uma fase difícil no que concerne à sua empregabilidade e condições de prática. Espero no entanto, vir a ter uma oportunidade no futuro de a exercer, praticando e aprimorando as competências que adquiri ao longo deste Estágio Pedagógico.

2. Estudo de uma temática de natureza científico-pedagógica trabalhada nos seminários científicos de Geografia e História – “A evolução Histórica e Geográfica da Baixa de Coimbra. Funções e Transformações”.

2.1 Contextualização Histórica da Cidade de Coimbra

2.1.1 Da *Aeminium* à Coimbra Contemporânea

A cidade de Coimbra nasce na colina onde hoje encontramos fixada a Universidade. Foi neste local que surgiram as primeiras povoações, que encontraram na posição estratégica do território e na presença próxima do rio Mondego⁶, o lugar ideal para se fixarem. Existem indícios de que a cidade tenha sido ocupada no período pré-romano⁷, no entanto, é durante a ocupação romana que a cidade cresce e se transforma num dos mais «importantes percursos terrestres entre o norte e o sul da Península Ibérica, servindo de comunicação entre o interior e o mundo romanizado»⁸. Da *Aeminium*, nome pela qual a cidade se designava na época, apenas restam alguns vestígios como parte da muralha – construída no final do século III sobre a égide da *Pax Romana*⁹ – criptopórtico romano e o aqueduto. Por volta do século VI, após as invasões bárbaras ao território lusitano, a cidade ganha nova importância com a transferência do bispo de Conimbriga para *Aeminium*. Com esta mudança, a cidade passa a ser sede de Diocese mudando a sua designação para *Colúmbria*¹⁰.

Em 711, os muçulmanos invadem a península entrando também em Coimbra. A cidade torna-se deste modo, um importante entreposto comercial muçulmano. Desta ocupação, resulta uma nova reestruturação urbana «patente não apenas na designação da cidade propriamente dita (*medina*) e da sua porta principal (Porta de Almedina) mas também na de outras portas (Porta de Belcouce) e arcos, e sobretudo, como a arqueologia tem vindo ultimamente a provar, na implantação no ponto mais alto da

⁶ Leontina Ventura, *Coimbra Medieval: A gramática do território*, sep. *Economia, Sociedade e Poderes – Estudos de Homenagem a Salvador Dias Arnaut*, 2004, pág. 23. A partir deste momento esta obra será referida como: Leontina Ventura, *Op. Cit*, 2004, página correspondente.

⁷ Walter Rossa, *Diversidade: urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, 2001, pág. 44. A partir deste momento esta obra será referida como: Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001, página correspondente.

⁸ Márcia Xavier, *Imagem da Baixa de Coimbra – Imaginabilidade, Identidade e Legibilidade*, 2001, pág. 11 A partir deste momento esta obra será referida como: Márcia Xavier, *Op. Cit*, 2001, página correspondente.

⁹ Isabel Nogueira, *Coimbra: das origens a finais da Idade Média*, coord. António Leite da Costa, Mário Nunes, 2008, pág. 17.

¹⁰ Para entender com maior profundidade a origem e evolução do topónimo ver Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001, pág. 41.

medina, da residência palatina, a alcáçova»¹¹. Nos séculos seguintes, Coimbra será disputada entre cristãos e muçulmanos¹², sendo definitivamente reconquistada pelos cristãos em 1064 por Fernando Magno de Leão. Após a reconquista definitiva, Coimbra devido à sua posição de fronteira no processo de reconquista cristã da península e à permanência da Sé episcopal na cidade, será a «cabeça, a *civitas*, de um extensíssimo *territorium*, onde não só se integraram numerosíssimas aldeias, mas também outros *territoria* e outras *civitates* menores»¹³.

Coimbra ganha novo destaque a partir de 1130, quando Afonso Henriques herdeiro do condado Portucalense e futuro rei de Portugal, a elege como capital do reino ainda em formação, tornando a cidade «residência real (e ainda episcopal) e centro de fronteira a partir da qual se organizava a Reconquista»¹⁴. O facto de Coimbra se tornar a cidade mais importante do reino e a sua capital, trará novas consequências no âmbito da configuração da urbe e de novas construções arquitetónicas.

Deste modo, é durante os séculos XII e XIII que, Coimbra assiste para além da construção da sua Sé (atualmente conhecida como Sé Velha) à «fundação de inúmeros mosteiros (...) sendo o mais importante o Mosteiro de Santa Cruz»¹⁵ bem como à reconstrução e construção de «novas estruturas de utilidade coletiva como fontes, fornos, ruas, calçadas»¹⁶. Datam ainda deste período a fundação de «infraestruturas assistenciais, como albergarias, hospitais ou a Gafaria de S. Lázaro»¹⁷.

Deste modo, podemos concluir que a cidade vai crescendo à medida que o reino é consolidado, vendo a sua organização e estrutura definidas nos finais da 1ª Dinastia. De facto, nos finais da dinastia afonsina, Coimbra apresenta-se como uma cidade consolidada espacialmente, estando dividida entre a Almedina e o Arrabalde (divisão conhecida atualmente como a Alta e a Baixa da cidade).

Na Almedina encontramos uma cidade aristocrática, política e militar, onde residiam os membros da alta e média Nobreza. Por outro lado, no Arrabalde, do qual falaremos posteriormente com mais pormenor, encontramos uma cidade mercantil e artesanal, onde habitava o povo, os comerciantes e os artesãos. Aqui localizavam-se

¹¹ Leontina Ventura, *Op. Cit*, 2004, pág. 25.

¹² Coimbra é primeiramente reconquistada em 878 por Afonso III de Leão sendo reocupada novamente pelos muçulmanos entre 987-1064. Ver Leontina Ventura *Op. Cit*, 2004, pág. 25.

¹³ *Idem*, pág. 25.

¹⁴ *Idem, ibidem*, pág. 25.

¹⁵ Raquel Romero Magalhães, *Coimbra: das origens a finais da Idade Média*, coord. António Leite da Costa, Mário Nunes, 2008, pág. 59.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ *Idem, Ibidem*.

ainda as judiarias, a velha e a nova, bem como a principal praça da cidade, a praça Velha (atual praça do Comércio). Para além destas duas zonas principais, existiriam ainda na época pequenos aglomerados urbanos localizados perifericamente, que surgiam em torno de alguns mosteiros e conventos – como é o caso de Santa Clara, Celas e Santo António dos Olivais.

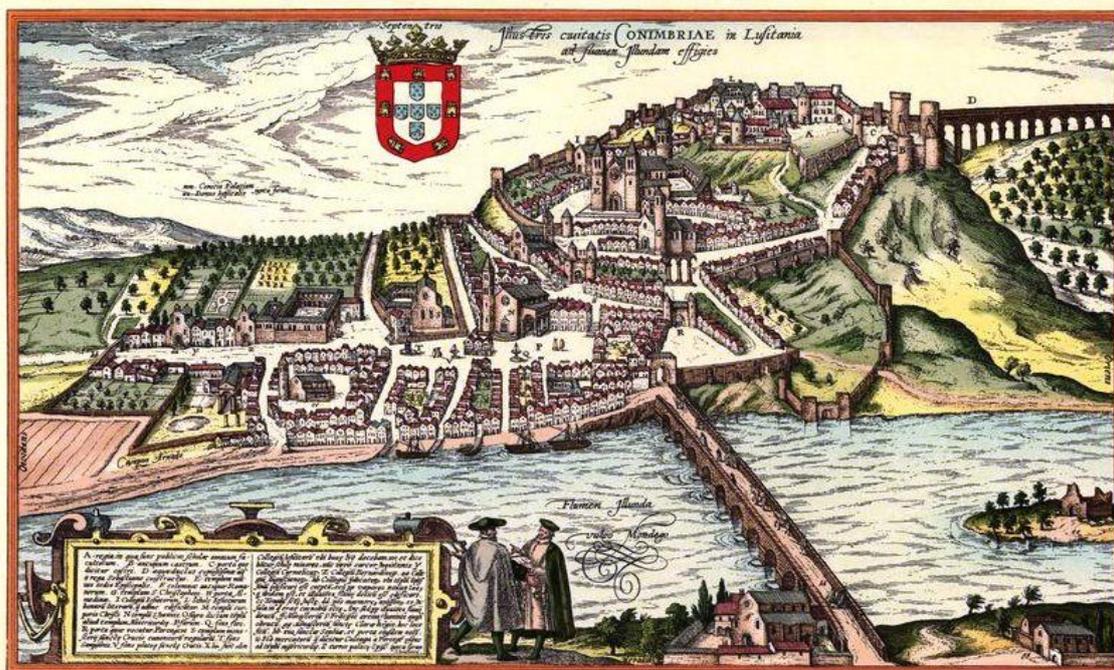


Figura 1- *Illustris Civitatis Conimbræ in Lusitania*

Representação de Coimbra elaborada por G. Braun e F. Hogenberg, em finais do séc. XVI¹⁸.

É no século XVI que a cidade ganha uma nova configuração. Em 1537, D. João III instala definitivamente a Universidade em Coimbra¹⁹. É neste mesmo século que é edificada em 1535 a Rua da Sofia, da qual falaremos mais adiante no presente trabalho, onde se vão fixar diversos conventos e colégios religiosos. Coimbra transforma-se deste modo numa cidade do conhecimento, albergando inúmeros estudantes e aumentando deste modo a sua população residente devido «a um conjunto novo de pessoas ocupadas em prestação de serviços necessários à permanência de mestres e alunos»²⁰.

Durante o século XVIII com o Marquês de Pombal, a Universidade de Coimbra é alvo de uma grande reforma, que para além de uma remodelação curricular, assiste à

¹⁸ Estampa de Georg Hoefnagel, ed. Por Georg Braun, *Civitatibus orbis terrarum*. Publicada por Armando Carneiro da Silva, *Estampas Coimbrãs*.

¹⁹ A universidade é fundada a 1 de Março de 1290 por D. Diniz, permanecendo itinerante entre Coimbra e Lisboa até 1537, data em que D. João III transfere definitivamente a Universidade para Coimbra. Para um maior aprofundamento da temática ver Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2001, pág. 613- 621/ 762- 830.

²⁰ Márcia Xavier, *Op. Cit.*, 2001, pág. 29.

criação de novos edifícios destinados às faculdades e à aplicação de um ensino mais prático. Surgem deste modo as novas faculdades de Medicina, de Matemática e de Filosofia bem como alguns edifícios de apoio às faculdades como o Hospital Escolar, o Teatro Anatómico e o Dispensário Farmacêutico, o Observatório Astronómico, o Jardim Botânico entre outros²¹.

Posteriormente, no decorrer do século XIX surgem diversos acontecimentos que modificam novamente a estrutura da cidade. Primeiramente, a extinção das ordens religiosas em 1834. Este acontecimento será bastante relevante para a cidade que mantinha em si 7 mosteiros e 22 colégios e que vê nesta medida uma nova configuração da urbe, nomeadamente na Rua da Sofia onde se encontravam grande parte destes colégios²².

Por outro lado, já na segunda metade do século XIX assistimos a um maior desenvolvimento da cidade. Nesse sentido face ao contínuo crescente populacional, ao início da industrialização portuguesa e no contexto da Regeneração «criam-se equipamentos coletivos que permitiram o crescimento e o desenvolvimento da urbe, como por exemplo: o cemitério da Conchada, o caminho-de-ferro (1875) e o Americano (1874), a edificação do Mercado D. Pedro V, a construção da ponte da Portela e da nova ponte metálica, o projeto da Penitenciária, assim como os arranjos urbanísticos da baixa e beira-rio»²³.

Já durante o século XX, impulsionada pelas novas vias de comunicação, a cidade continuará o seu movimento de expansão. Surgem deste modo, novas zonas residenciais como Celas, Santo António dos Olivais e Calhabé. A cidade expande-se aumentando cada vez mais a sua população. Durante o Estado Novo nos anos 40, iniciam-se as demolições da Alta, surgindo novos edifícios universitários. A zona antiga e histórica da cidade é toda remodelada²⁴. Por outro lado, na periferia da cidade, constroem-se novos bairros sociais como «o das Sete Fontes e para acolher os desalojados da Alta, criam-se

²¹ Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal*, 2001, pág. 464.

²² “Por 1850, Coimbra continuava ainda o velho burgo académico, iluminando-se a candeeiros de azeite, sem águas canalizadas, nem esgotos, nem vias-férreas, nem estradas, nem escolas, dormitando letargicamente à sombra da Universidade e restabelecendo-se penosamente e com lentidão do enorme abalo sofrido com a extinção das congregações religiosas que mantinham aqui nada menos de 7 mosteiros e 22 colégios.” José Pinto Loureiro, *Anais do Município de Coimbra (1870-1889)*, 1937, pág. 9 e 10

²³ Artigo de Raquel Romero Magalhães in http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_conten (acedido em 17-05-13).

²⁴ “Na sua visão autista, a nova Alta Universitária sonhada pelo Estado Novo, ficará condenada a uma existência introvertida e esvaziada de uma verdadeira plurifuncionalidade urbana, ainda hoje visível.” Gonçalo Byrne, *Metro ligeiro de superfície na baixa de Coimbra*. Seminário internacional de desenho urbano. 2007, pág. 17.

os bairros Marechal Carmona, atualmente Bairro Norton de Matos, o Bairro da Cheira e a Fonte da Castanheira»²⁵.

Atualmente, a cidade pouco se relaciona com a Coimbra Medieval estando o núcleo primitivo da cidade «ocupado sobretudo por comércio e serviços, tendo vindo a perder a sua função residencial»²⁶. Da *Aeminiun* muito pouco chegou até nós, apenas alguns vestígios e o seu traçado, embora também já muito alterado pelos conimbricenses ao longo dos séculos.

Coimbra é atualmente no contexto nacional, uma cidade importante intimamente ligada às funções administrativas relacionadas com a saúde e educação. É inegável a relação entre a herança histórica da cidade com as suas atividades e funções atuais. Atualmente, a cidade é com a sua Universidade, a Rua da Sofia e as tradições académicas, património mundial da UNESCO. Podemos pensar esta candidatura como um reflexo de uma nova atitude e sensibilidade face ao património local – que poderíamos discutir se foi ou não bem preservado, restaurado e requalificado ao longo dos tempos pelas autoridades locais – mas também da importância da cidade no contexto nacional e na formação de Portugal.

Após uma breve contextualização histórica da cidade e da sua evolução ao longo dos séculos, debruçar-nos-emos especificamente no estudo da Baixa Coimbrã. Nesse sentido, estudaremos em seguida a evolução morfológica e funcional do Arrabalde, estrutura onde se inserem as ruas em estudo – Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia.

2.1.2 O Arrabalde

Após uma breve contextualização histórica da cidade, da sua evolução e organização, importa agora analisar mais profundamente o seu Arrabalde. Como escrevemos anteriormente, a cidade de Coimbra nos finais da 1ª dinastia, seria já uma cidade consolidada com uma organização bem definida e estruturada.

A urbe estaria dividida pela muralha²⁷ em duas zonas distintas: a Almedina e o Arrabalde.

²⁵ Márcia Xavier, *Op. Cit*, 2001, pág. 29.

²⁶ Artigo de Raquel Romero Magalhães in http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content (acedido em 17-05-13).

²⁷ A muralha seria destruída e reconstruída ao longo dos séculos, sendo composta nos finais do século XII, por cinco portas, de onde destacamos a Porta da Almedina, porta principal do Castelo, e várias torres defensivas. Raquel Romero Magalhães, *Coimbra: das origens a finais da Idade Média*, coord. António Leite da Costa, Mário Nunes, 2008, pág. 64. Ver anexo VI (fig.2) o mapa do perímetro muralhado da

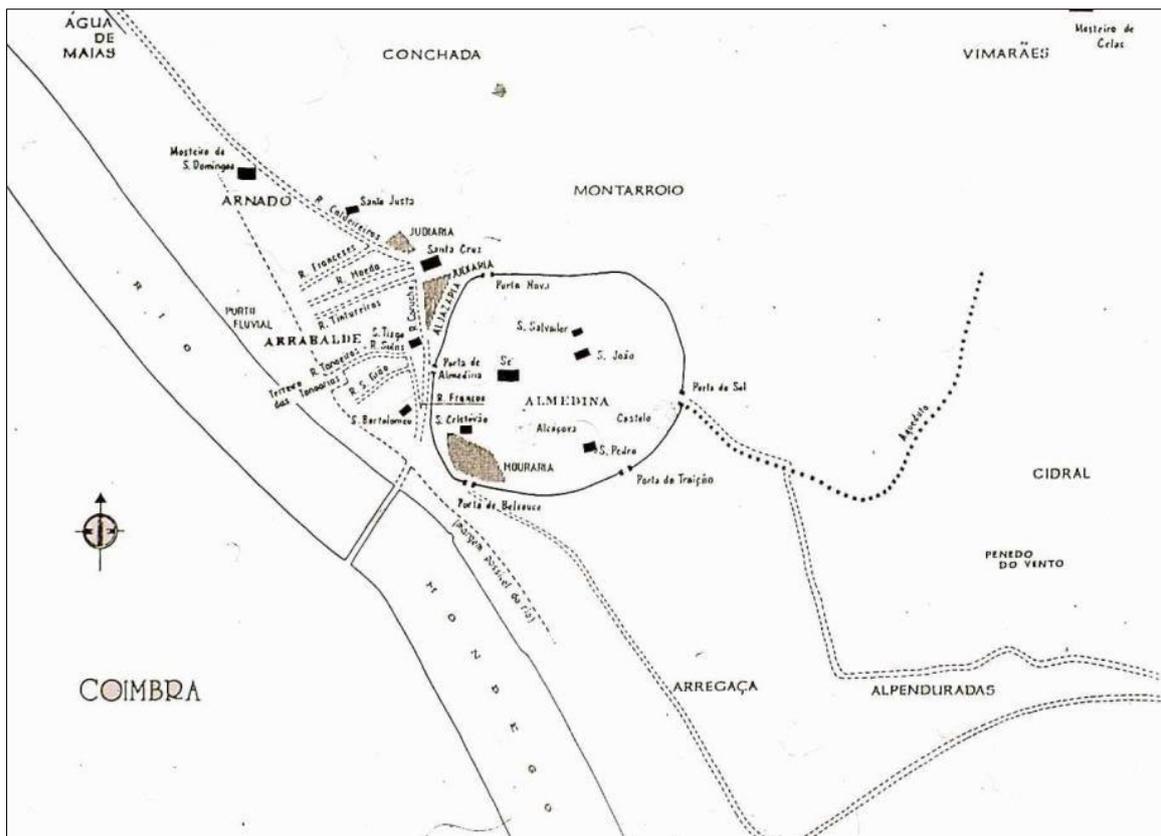


Figura 2- Estrutura urbana medieval da cidade de Coimbra, segundo Jorge Alarcão²⁸

Não interessa neste momento estudar com profundidade a Almedina, ponto central da cidade, onde estariam instalados o Castelo, o Paço Real, o Paço Episcopal e a Sé e onde viveria a alta e média nobreza. O importante neste momento é conhecer melhor o Arrabalde, local de comércio e de artesanato da urbe, espaço que foi crescendo ao longo dos séculos e onde se inserem as ruas em estudo.

Nos inícios do século XIII «afirmou-se a importância comercial do Arrabalde»²⁹. Esta zona da cidade estava situada entre a muralha e o rio, encontrando-se bem próxima das principais vias de comunicação da cidade. Nela, encontramos uma população principalmente ligada ao sector mercantil e artesanal que se agrupava consoante as suas atividades comerciais. Seria certamente um espaço «fervilhante de vida e trabalho» onde

cidade de Coimbra no século XII, elaborado por Alfredo Fernandes Martins em *Esta Coimbra...:alguns apontamentos para uma palestra, Cadernos de Geografia*, 1983.

²⁸ Jorge Alarcão, *Coimbra- A montagem do Cenário Urbano*, 2008. A partir deste momento esta obra será referida como: Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008,página correspondente.

²⁹ Raquel Romero Magalhães, *Coimbra: das origens a finais da Idade Média*, coord. António Leite da Costa, Mário Nunes, 2008, pág. 85. A partir deste momento esta obra será referida como: Raquel Magalhães, *Op. Cit*, 2008,página correspondente.

se compravam e vendiam produtos num «comércio agitado, febril, vibrante no telintar metálico das moedas»³⁰.

São várias as ruas que compõem o Arrabalde. Podemos destacar a atual Ferreira Borges e Visconde da Luz, das quais falaremos mais adiante, ou as ruas da Moeda³¹, da Louça³², Corvo³³, Direita entre outras. Estas ruas ter-se-ão desenvolvido nas imediações e segundo o eixo do Mosteiro de Santa Cruz, num perfil que segundo Walter Rossa já «denota uma matriz geométrica»³⁴ condicionado pela « passagem da runa ou ribela oriunda do vale de Santa Cruz»³⁵.

Para além destas ruas, em que se fixam diversos tipos de comércio e artesanato, é mormente importante realçar a existência no Arrabalde da Praça Velha, conhecida atualmente como Praça do Comércio. A Praça velha terá surgido entre a «união de dois espaços públicos que se foram desenvolvendo em torno das duas igrejas de S. Bartolomeu e S. Tiago»³⁶. Esta praça, situar-se-ia numa cota mais baixa do que a atual, estando no entanto mais elevada do que as ruas que desciam perpendicularmente em direção ao rio. Deste modo, nesta praça confluíam diversas ruas provenientes de diferentes pontos do Arrabalde, tornando o local numa espécie de «interface mercantil entre a cidade e o seu principal centro de comunicações e transportes, o rio e o seu porto comercial»³⁷. Na praça muitos comerciantes se reuniam para vender e trocar produtos dinamizando o comércio local.

Como referimos anteriormente, também no Arrabalde durante a Idade Média, se localizavam para além de estabelecimentos ligados ao comércio e ao artesanato, infraestruturas assistenciais como hospitais e albergarias que tinham como principal

³⁰ Maria Helena da Cruz Coelho, *Coimbra trecentista: a cidade e o estudo*. 1992, pág. 337 A partir deste momento esta obra será referida como: Maria Helena da Cruz Coelho, *Op. Cit*, 1992,página correspondente.

³¹ Não se sabe ao certo a origem do nome desta rua, no entanto, pensa-se que terá derivado de *moenda*, devido aos moinhos que aí existiriam, ou de *moneta* (moeda), aceitando a possibilidade da existência nesta rua de oficinas de cunhagem de moeda. No entanto, nenhuma das teorias foi até hoje devidamente comprovada. Para um estudo mais aprofundado ver Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008 pág. 187.

³² O nome desta rua poderá ter a sua origem na palavra em latim medieval *figulorum*, ou seja oleiro. Pensa-se deste modo, que esta rua chamar-se-ia inicialmente rua dos Oleiros, por nela se encontrarem diversos fabricantes de louça. Posteriormente a rua designou-se Tange-Rodilhas (Tange= pôr em movimento; Rodilhas= roda do oleiro em latim) evidenciando mais uma vez a sua origem toponímia com o serviço artesanal que nela se encontra. Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008 pág. 188.

³³ Jorge Alarcão indica a possibilidade desta rua designar-se inicialmente de *Tinturarri*, ou seja rua dos Tintureiros, que se dedicariam a uma atividade em torno dos tecidos e da sua coloração, bem como da confeção e tingimento de roupas. Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008, pág. 188.

³⁴ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001, pág. 450.

³⁵ Raquel Magalhães, *Op. Cit*, 2008,pág. 86.

³⁶ *Idem*, pág. 85.

³⁷ Raquel Magalhães, *Op. Cit*, 2008,pág. 86.

função dar assistência aos pobres, peregrinos e viajantes doentes. Deste modo, destacamos a fundação de alguns desses estabelecimentos como o Hospital de Milréus, fundado em 1093, o Hospital de S. Nicolau, fundado em 1144 junto ao Mosteiro de Santa Cruz, Hospital ou Gafaria de S. Lázaro – local de internamento e isolamento dos leprosos, ou gafos como se chamavam na altura – fundada em 1209 por D. Sancho I, num local designado de Azinhaga dos Lázaros (atualmente localizada numa travessa que sai da Rua da Figueira da Foz em direção à Avenida Fernão Magalhães).

Para além das infraestruturas anteriormente mencionadas, no Arrabalde Coimbrão encontrávamos ainda na época medieval, as Judiarias nova e velha³⁸, bem como alguns mosteiros e conventos – Mosteiro de Santa Cruz (fundado em 1131), Convento de S. Francisco da Ponte (fundado em 1362), Convento de S. Domingos (fundado em 1227 junto à atual zona entre a Rua Direita e o Arnado), Mosteiro de Santa Clara (fundado em 1286) entre outros³⁹. É justamente nas proximidades de alguns destes mosteiros, conventos e igrejas que se fixam as zonas comerciais da cidade e se adensam a troca e venda de produtos⁴⁰.

Por último, outro ponto a ter em conta na análise do Arrabalde é a ponte medieval que ligava a margem direita e esquerda do rio Mondego. Esta infraestrutura foi ao longo dos séculos de suma importância para Coimbra⁴¹, revelando-se importante no desenvolvimento e fortalecimento da parte “baixa” da cidade. Em junção com outros fatores «favoreceu o crescimento do Arrabalde enquanto espaço de trocas comerciais e produtos artesanais⁴²». Posteriormente, à medida que a cidade ia perdendo a sua posição de fronteira no processo de Reconquista Cristã, ia desaparecendo a necessidade da população procurar proteção intramuros. Deste modo, o Arrabalde (extramuros) vai afirmar-se «como espaço mais amplo, mais barato, com melhores acessibilidades, com uma topografia mais favorável à circulação e venda de produtos»⁴³.

³⁸ Para um estudo mais aprofundado sobre a localização da Judiarias em Coimbra ver Raquel Magalhães, *Op. Cit.*, 2008, pág. 81-83.

³⁹ *Idem*, pág. 90- 92.

⁴⁰ Atentemos ao exemplo de Santa Cruz: “O Mosteiro de Santa Cruz, centro de vocações religiosas e atração de clientelas, torna-se um pólo dinamizador da cidade e no seu largo corre um vivo comércio”. Maria Helena da Cruz Coelho, *Op. Cit.*, 1992, pág. 338.

⁴¹ Existem autores que defendem que desde a época romana, existiria uma ponte que ligava as duas margens do rio Mondego. Na Idade Média, foi construída a ponte medieval, obra demorada, tendo o rei D. Sancho I deixado no seu testamento 1000 morabitinos para a sua conclusão. Já na Época Moderna, no reinado de D. Manuel I a ponte medieval terá sido restaurada, sendo designada de ponte do “O”, por nela existir um espaço em forma de rotunda onde os carros de tração animal esperariam pela sua vez para passarem, visto apenas se circular num sentido. Raquel Magalhães, *Op. Cit.*, 2008, pág. 88-89.

⁴² Raquel Magalhães, *Op. Cit.*, 2008, pág. 89.

⁴³ *Idem*.

O facto do Arrabalde se localizar próximo do rio e do porto fluvial, possibilitava um maior dinamismo comercial da zona baixa da cidade. Não é de estranhar portanto que, com a conjugação de todos os fatores anteriormente mencionados, o Arrabalde ganhe em relação à Almedina uma nova centralidade, nomeadamente através dos seus principais pólos comerciais, a Praça Velha e a Rua dos Francos (atual rua Ferreira Borges), da qual falaremos de seguida.

De facto, são as freguesias do Arrabalde (Santa Justa, S. Tiago e S. Bartolomeu) que «contribuíram, em termos fiscais, com valores superiores aos da Almedina o que demonstra a sua superioridade em termos económicos⁴⁴».

Deste modo, terminamos a análise geral do Arrabalde, percebendo a sua evolução e dinâmica ao longo dos séculos. Importa agora, conhecer um pouco melhor, algumas das suas ruas e analisar como elas se afirmaram no contexto da urbe coimbrã e contribuíram para um maior desenvolvimento e centralidade do Arrabalde (Baixa de Coimbra) em relação à Almedina (Alta de Coimbra).

⁴⁴ Maria Helena da Cruz Coelho, *Op. Cit.*, 1992,pág. 338.

2.2 As ruas do Arrabalde

Após conhecermos a importância do Arrabalde, a sua evolução, as suas dinâmicas e funções, importa agora analisar com maior pormenor algumas das suas ruas. Nesse sentido escolhemos para o estudo e composição do presente trabalho as atuais ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia. Sabemos que ao analisar a evolução, dinâmicas, funções, serviços e organização destas três ruas conheceremos melhor a importância do Arrabalde no contexto da cidade de Coimbra. Nesse sentido, elencamos um conjunto de questões que nos permitem criar um fio condutor da temática. Que funções e serviços encontraríamos nestas três ruas? Qual a sua importância no contexto urbano da cidade? Como se organizavam no espaço? Todas teriam as mesmas funções e serviços associados? Teriam a mesma importância? Como se desenvolveram ao longo dos séculos?

São estas e mais algumas questões, que tentaremos responder ao longo do próximo subcapítulo do presente trabalho. Para já, debruçemo-nos na análise e estudo da atual Ferreira Borges.

2.2.1 A Rua Ferreira Borges

A atual rua Ferreira Borges, que liga o Largo da Portagem à Rua Visconde da Luz⁴⁵, é de facto uma das ruas mais antigas da cidade. Localizada na freguesia de S. Bartolomeu⁴⁶, fora durante séculos considerada a rua mais importante da urbe coimbrã ocupando na malha urbana de Coimbra «um lugar verdadeiramente excepcional»⁴⁷.

⁴⁵ Em relação à sua extensão, nos séculos XII e XIII, existem dúvidas entre a historiografia tradicional e estudos recentes. Se por um lado, a historiografia tradicional caracteriza esta rua como eixo principal entre a ponte e a Almedina, iniciando-se na Portagem e terminando nas escadas de São Tiago, alguns autores recentemente, como Jorge Alarcão e Octávio Augusto, levantam a hipótese desta rua apenas ser constituída pelo traçado entre as escadas de São Bartolomeu e as de S. Tiago, não existindo portanto, a ligação direta entre a Almedina e a Portagem. Estes autores defendem que não existe nenhum registo documental que comprove efetivamente que esta rua atingisse o Largo da Portagem. Segundo Octávio Augusto, terá sido no século XIV, aquando do calcetamento da Rua dos francos, que terá surgido o trecho entre a Portagem e Almedina, completando o segmento da atual Rua Ferreira Borges. No entanto, tanto uma hipótese como outra carecem de mais provas para se confirmarem. Para um estudo mais aprofundado da temática ver Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008 e Octávio Augusto, *A praça de Coimbra e a afirmação da baixa- origens, evolução urbanística e caracterização social*, 2013, pág. 86 a 101.

⁴⁶ Para um estudo mais aprofundado da temática ver *Mappa Topografico Da Cidade de Coimbra Com a Divisão Das Antigas Freguezias*, século XVIII, Instituto Geográfico Português, Inv. n.º CA 391. Publicado em *Evolução do espaço físico de Coimbra: exposição*, comissário Santiago Faria, Câmara Municipal de Coimbra, 2006, pág. 35.

⁴⁷ Luísa Trindade, *A Praça e a Rua da Calçada*, sep. Media Aetas, 2004, pág. 125. A partir deste momento esta obra será referida como: Luísa Trindade, *Op. Cit*, 2004, página correspondente.

Ao longo dos séculos mudou algumas vezes de designação chamando-se primeiramente Rua dos Francos, posteriormente Rua da Calçada e, por último, Rua Ferreira Borges. Esta mudança na sua toponímia é reflexo e consequência da sua evolução ao longo dos séculos. A primeira designação conhecida desta rua foi Rua dos Francos⁴⁸. Designação que surge no *Livro das Kalendas* em 1191, em que se deixa «um assento em certa tenda em casas da rua dos Francos, em oposição à Porta do Arco»⁴⁹. Nos séculos seguintes, a rua será referida diversas vezes em alguns documentos régios, eclesiásticos e concelhios⁵⁰. Esta designação manter-se-á até aos finais do século XIV, altura em que muda de denominação para Rua da Calçada, a qual explicaremos posteriormente.

A designação de Rua dos Francos, deriva da existência e permanência nesta rua ao longo dos séculos XII e XIII, de uma comunidade de mercadores e comerciantes vindos do centro europeu, designados de *Francos*. Estes comerciantes, vindos de além Pirenéus, viam nesta rua e nos espaços extramuros uma mais valia «fosse pela mais fácil acessibilidade, fosse pelos menores encargos fiscais a que as mercadorias estavam sujeitas»⁵¹. Esta designação reforça o fortíssimo carácter comercial desta rua nos primórdios de Coimbra. No entanto, não foi apenas esta comunidade de mercadores francos a única a estabelecer-se nesta rua. Sabemos que bem próximo dela, «na encosta entre a rua de Coruche (atual rua Visconde da Luz) e a muralha e com porta já na própria rua dos Francos»⁵², existiria uma judiaria⁵³ facto que corrobora o seu forte cariz mercantil e artesanal. Outro dado interessante que reafirma a presença de mercadores e da prática comercial nesta rua, é o facto desta entre os séculos XIII e XV aparecer em alguns documentos, embora escassos, com a denominação de Rua dos Mercadores⁵⁴.

Nos finais do século XIV e inícios do século XV, a designação de Rua dos Francos vai desaparecendo, sendo substituída por Rua da Calçada. Esta nova denominação tem a sua origem na expressão de um documento datado de 1404 em que o cabido da Sé de Coimbra dá de emprazamento umas casas «na calçada nova de sô a

⁴⁸ José Pinto Loureiro, *Toponímia de Coimbra*, 1964, pág. 357. A partir deste momento esta obra será referida como: José Pinto Loureiro, *Op. Cit.*, 1964, página correspondente.

⁴⁹ *Idem*, pág. 357

⁵⁰ Para um estudo mais aprofundado ver José Pinto Loureiro, *Op. Cit.*, 1964, pág. 357- 363.

⁵¹ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 127.

⁵² *Idem*, pág. 127.

⁵³ Saúl António Gomes, *A comunidade judaica de Coimbra Medieval*, 2003, pág. 19. «estam apes da porta da judaria en quaes lavram os Judeus orevyzeyros».

⁵⁴ José Pinto Loureiro, *Op. Cit.*, 1964, pág. 357- 363. O autor fala-nos de três documentos que mencionam a rua dos Francos com rua dos Mercadores. No entanto salienta, que esta designação não terá sido na época de uso generalizado, e que carece de um estudo mais aprofundado.

porta d'Almedina»⁵⁵. Através desta expressão podemos concluir, que a antiga Rua dos Francos entre os finais do século XIV e inícios do século XV, foi «alvo de alterações significativas no seu pavimento», ou seja, foi calcetada⁵⁶. Se à primeira vista, esta informação parece pouco relevante, através de uma leitura mais rigorosa verificamos o contrário.

Como refere Luísa Trindade⁵⁷ o «calcetamento de uma artéria urbana, para mais com as dimensões da Rua da Calçada, era inevitavelmente um empreendimento caro e moroso (...) sendo poucas as cidades do reino que em data tão precoce contavam com realizações desta natureza». De facto, na época poucas seriam as ruas em Portugal que teriam recebido tal tratamento⁵⁸, já que este representava um encargo financeiro avultado, suportado geralmente por «várias entidades: o monarca, a câmara e os moradores»⁵⁹.

O calcetamento da Rua dos Francos reforça mais uma vez a sua importância, como uma das principais artérias comerciais e artesanais da cidade, afirmando-se na Coimbra quinhentista como a «plataforma a partir da qual se acedia a todos os espaços políticos, económicos e religiosos com algum relevo na cidade»⁶⁰. Deste modo, podemos concluir que a sua importância contribuiu para a confirmação e consolidação da centralidade do Arrabalde em relação à Almedina.

Por último, em relação à sua toponímia, esta designou-se como Rua da Calçada, ou simplesmente Calçada até 1883, data na qual a Câmara Municipal de Coimbra determina que a rua passasse a denominar-se Ferreira Borges⁶¹ nome pela qual ainda hoje é conhecida.

⁵⁵ *Idem*, pág. 307.

⁵⁶ Como verificámos anteriormente, estudos recentes indicam a hipótese que nestas obras de calcetamento a rua tenha sido prolongada até à Portagem. «Portanto, as evidências levam-nos a crer que o traçado da Calçada terá sido, pelo menos no trecho entre a Portagem e Almedina, uma criação original do séc. XIV, e não meramente o calcetamento de um arruamento preexistente – no caso a Rua dos Francos – como tem sido interpretado pela historiografia. Como vimos, a sua origem estaria na necessidade de ligar a Almedina e a Portagem de maneira mais direta e eficiente – já que o caminho antigo deveria ser estreito e irregular – facilitando o trânsito no trajeto entre estes dois locais» Octávio Augusto, *A praça de Coimbra e a afirmação da baixa - origens, evolução urbanística e caracterização social*, 2013, pág. 86 a 91.

⁵⁷ Luísa Trindade, *Op. Cit*, 2004, pág. 128. Luísa Trindade refere ainda que o calcetamento de uma rua estaria ligado a dois fatores - a sua importância na urbe e o seu declive.

⁵⁸ Como é o caso das Ruas Novas de Lisboa e Porto. Luísa Trindade, *Op. Cit*, 2004, pág. 128.

⁵⁹ *Idem*, pág.128.

⁶⁰ *Idem, Ibidem*.

⁶¹ José Pinto Loureiro, *Op. Cit*, 1964, pág. 362- 363. José Ferreira Borges nasceu no Porto a 8 de Junho de 1776, falecendo a 14 de Novembro de 1838 na mesma cidade. Formou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Destacou-se nas áreas do direito e da política, desempenhando funções de advogado no Tribunal da Relação do Porto, secretário da junta da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, membro da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino de 1820, deputado às Cortes Constituintes de 1821. Destacou-se ainda na área da economia, sendo um dos principais autores do primeiro Código

2.2.1.1 A consolidação da centralidade

Através do estudo da toponímia da Rua Ferreira Borges, verificamos que esta ao longo dos séculos foi ganhando um maior relevo e importância, sendo considerada uma das ruas, ou a rua, mais importante da cidade. A afirmação da sua relevância no contexto da urbe Coimbrã fez-se ainda durante a Idade Média, à medida que a cidade ia crescendo e se consolidando. No entanto, é na Idade Moderna que a Rua Ferreira Borges na época designada de Calçada, consolida a sua presença na cidade como lugar central. Se para o tempo medieval, é difícil traçar com maior profundidade um perfil da rua – para além da sua importância comercial, artesanal e eixo de ligação entre os vários locais do Arrabalde – para a Época Moderna a Historiografia portuguesa já nos permite ir mais além no seu conhecimento.

Tal como referimos anteriormente, é durante o século XV que a Rua Ferreira Borges consolida a sua centralidade na malha urbana de Coimbra. Desde os finais do século XIII «assiste-se ao gradual abandono da Alta em favor do espaço extramuros que da muralha se estendia até ao rio»⁶².

Estes factos, que anteriormente estudámos aquando da análise do Arrabalde, devem-se a diversos fatores. Nesse sentido, e apesar de diversas iniciativas régias⁶³, a partir das últimas décadas do século XIV a «consolidação do Arrabalde parece ser assumida por parte dos órgãos do poder local e central, como inevitável»⁶⁴. Deste modo, podemos afirmar que é «com o advento da Dinastia de Avis, que a cidade afirmou urbanisticamente a sua determinação em se instalar na zona mais baixa e plana»⁶⁵ apesar do monarca D. João I, não estar completamente de acordo com essa transformação⁶⁶. Essa centralidade é comprovada pela progressiva fixação da população no Arrabalde, nomeadamente na Rua da Calçada e na Praça Velha, bem como na

Comercial Português. Fundou juntamente com Manuel Fernandes Tomás, em 1818, o Sinédrio do Porto - associação secreta que esteve na origem da Revolução Liberal de 1820.

⁶² Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 129.

⁶³ Para compreender mais profundamente as iniciativas régias ver Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 130-132.

⁶⁴ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 130.

⁶⁵ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2001, pág. 478.

⁶⁶ Para D. João I a cidade de Coimbra era bastante importante pois nela teria sido aclamado rei em 1385. Ao longo do seu reinado, reuniu por diversas vezes as Cortes em Coimbra (1385, 1387, 1390, 1394/95, 1397, 1400). Este facto, salienta a importância que a cidade teria para o monarca, que naturalmente quererá manter Coimbra nos «itinerários régios», não sendo nesse sentido favorável à perda de importância e centralidade da Alta Coimbrã, local onde se localizava o Paço Real.

consolidação de «funções comerciais e administrativas (feira e estruturas de apoio), políticas (casa do conselho) e judiciais (pelourinho)»⁶⁷.

2.2.1.2 A organização e estrutura da Rua da Calçada

Como anteriormente referimos, é na Época Moderna que a Rua da Calçada ganha do mesmo modo que o Arrabalde, um lugar central na cidade. Após compreendermos a evolução histórica desta rua e das suas atividades, é também importante perceber a sua organização e composição. Para esta temática, a obra de Luísa Trindade⁶⁸ já por diversas vezes citada ao longo do trabalho, é mais uma vez preponderante. A autora, através do estudo aprofundado do Tombo Antigo de Coimbra⁶⁹, analisou a organização desta rua, a sua história e evolução, as estruturas e composição dos seus edifícios ao longo da Época Moderna. É através da análise desta obra historiográfica, que seguidamente entenderemos a estrutura da Rua da Calçada bem como a organização e composição dos seus edifícios.

A análise realizada por Luísa Trindade ao Tombo Antigo de Coimbra, permite desde logo conhecer a estrutura dos edifícios da Rua da Calçada e verificar que a Câmara Municipal teria ao longo do seu traçado um elevado número de propriedades⁷⁰. Outra constatação é a «de que as casas térreas, ou seja de piso único, eram uma minoria quase sem expressão», enquanto «os imóveis de dois sobrados [dois pisos] ou três sobrados, constituíam a grande maioria, atingindo nalguns casos os quatro e cinco pisos e até mesmo, os seis»⁷¹. Este facto não diz apenas respeito à Rua da Calçada, já que como afirma a autora «ao longo de Quatrocentos, a tendência para o alteamento dos imóveis encontra-se documentada pra muitas cidades e vilas portuguesas»⁷². Ao que

⁶⁷ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 130.

⁶⁸ *Idem*, pág. 130.

⁶⁹ Em 1529, D. João III ordena a todas as vereações da comarca da Estremadura, da qual fazia parte Coimbra, a realização de tombos [inventários] onde, de forma exaustiva, deveria registar-se o respetivo património camarário. Desta forma o monarca pretendia administrar eficazmente as rendas a que a coroa teria direito sobre esse património. Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 121.

⁷⁰ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 145. A autora refere que este facto reforça mais uma vez a importância e o prestígio que esta rua teria na urbe coimbrã. Ver ainda anexo VI (fig. 3) o mapa referente à Demarcação das propriedades do concelho situadas na Calçada, de acordo com o Tombo Antigo da Câmara de Coimbra de 1532.

⁷¹ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 135.

⁷² *Idem*, pág. 135.

parece não existia nenhuma lei referente à limitação da altura dos edifícios, daí ser um fenómeno adotado em todo o nosso país.⁷³

No caso de Coimbra, a esta nova estrutura do edificado, associamos um maior crescimento demográfico e uma maior concentração da população na zona Baixa da cidade a partir do século XIV. Como afirma a autora «já em 1395, 61% das propriedades régias em Coimbra eram compostas por dois pisos»⁷⁴, facto que ter-se-á acelerado e confirmado nos séculos seguintes. Importa ainda referir que esta tipologia do edificado não se verificará apenas na Rua da Calçada, mas por todo o Arrabalde com claro destaque para Praça Velha, Rua de Coruche (Visconde da Luz) e anos mais tarde na Rua da Sofia⁷⁵.

No processo de alteamento dos imóveis foi preponderante o uso de madeira na construção civil. Esta matéria-prima constituía grande parte do edificado no século XIV. Para além de possuir diversas vantagens económicas – custo acessível, facilidade de transporte, dispensas de mão-de obra especializada – permitia uma rápida construção em altura sem por em causa a estabilidade do edificado já existente. Por estes motivos não é estranho o seu uso abundante.

No entanto, construir em madeira também teria as suas desvantagens, já que as edificações ficavam com fraca resistência à ação das águas e das humidades bem como expostas ao apodrecimento da matéria-prima e ao fogo. É com vista a resolver este problema, que a partir do século XV, se «torna obrigatório a utilização extensiva da pedra»⁷⁶ na construção do edificado. Com esta medida punha-se fim ao «desalinho da rua medieval, atravancada por balcões, passadiços, traves e prumos, bem como aos inconvenientes de uma excessiva utilização da madeira»⁷⁷.

No que se refere à ocupação dos edifícios, Luísa Trindade refere que através da análise do Tombo Antigo de Coimbra «à exceção de uma casa de quatro sobrados, todos os outros contratos surgem encabeçados por uma só pessoa, de acordo com a prática comum»⁷⁸. Deste modo, é difícil precisar quais os agregados familiares presentes na Rua da Calçada. Contudo, defende a autora, que não se deve afastar a hipótese do subarrendamento de alguns edifícios, já que a ocupação dos edifícios por

⁷³ «Em Portugal parece não ter existido qualquer disposição legal limitando a altura dos edifícios. Nas ordenações Manuelinas, o número de andares é deixado ao critério do proprietário» Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 137.

⁷⁴ *Idem*, pág. 138.

⁷⁵ *Idem, Ibidem*.

⁷⁶ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 139

⁷⁷ *Idem*, pág. 140.

⁷⁸ *Idem*, pág. 141.

andares, seria prática comum [em diversas cidades do país] e estaria contemplada nas Ordenações Manuelinas⁷⁹.

No que concerne ao valor dos imóveis este é de difícil estudo. Como indica a autora «as rendas cobradas pela câmara acusavam enormes oscilações sem que se torne claro o fator determinante»⁸⁰ não existindo na época, um controlo rigoroso do património camarário. No entanto a preponderante centralidade e importância comercial assumidas pela rua da Calçada faziam com que naturalmente esta se assumisse como uma rua cara para se viver na época. Como reafirma Luísa Trindade, viver na Rua da Calçada «representava como seria de esperar um encargo acrescido comparativamente a outros locais da cidade. Ao passo que nas restantes ruas do Arrabalde ou mesmo na Almedina o preço do metro quadrado não ultrapassava 1,5 reais, na Calçada ascendia a 2,6»⁸¹.

Ainda antes de terminar a análise do edificado da Rua da Calçada é importante referir a presença em Coimbra «como na esmagadora maioria das cidades e vilas [de um] quintal, chão ou “chouço” que, sempre que possível, ocupava o fundo dos lotes»⁸².

Estas estruturas, ligadas às atividades agropecuárias, estão bem presentes por toda a cidade ao longo da Idade Média e da Época Moderna. Como refere Guilhermina Mota a «população [de Coimbra] tem fundas raízes no solo, embora maioritariamente se dedique a atividades urbanas, não deixa em muitos casos de se ocupar também da lavoura das terras existentes pelo Arrabalde»⁸³.

Não é de estranhar portanto, que na rua em estudo apesar da sua urbanidade e centralidade, encontremos documentadas no Tombo Antigo de Coimbra faixas

⁷⁹ Para um estudo mais aprofundado das questões de arrendamento e da composição familiar dos edifícios da rua da Calçada ver Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 141-144.

⁸⁰ *Idem*, pág. 145 – Esta disparidade entre rendas pode ser justificada na análise do Tombo Antigo de Coimbra por diversos fatores: algumas rendas eram baixas pelos edifícios terem sido arrendados em função de graus de parentesco e amizade; outras estavam desatualizadas; ou não existiam contratos para comprovar o valor, entre outras.

⁸¹ *Idem*, pág. 146.

⁸² Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 147.

⁸³ Guilhermina Mota, *Famílias em Coimbra nos séculos XVIII e XIX*, sep. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 2010, pág. 354. A partir deste momento esta obra será referida como: Guilhermina Mota, *Op. Cit.*, 2010, página correspondente.

A autora estudou e investigou a estrutura das famílias em Coimbra nos séculos XVIII e XIX através da análise dos róis de confessados das freguesias de S. Bartolomeu (1778), Santa Cruz (1851).

O rol de confessados seria uma lista de todos os residentes em determinada paróquia com idade superior a 7 anos, distribuídos pelos fogos a que pertenciam e organizada por ruas e lugares. Era realizada pelo pároco por altura da Quaresma, com o objetivo de registar o cumprimento dos preceitos religiosos associados a este importante período do calendário religioso católico. Nestes róis de confessados eram ainda integrados e contabilizados os escravos e criados das famílias.

relativamente largas, entre os edifícios e a barbacã, que serviriam como espaços de cultivo e criação de animais⁸⁴. De facto nos finais da Idade Média e inícios da Época Moderna, assistimos à progressiva ocupação do casario e das estruturas defensivas do castelo, como a barbacã, que estando já desativadas são «absorvidas por particulares que assim conquistam mais algum espaço ou simplificam a construção pelo encosto que os muros proporcionam»⁸⁵. Estes elementos permitem-nos conhecer com maior profundidade a estrutura e organização do edificado existente na Rua da Calçada.

2.2.1.3 As atividades económicas

Ao longo deste capítulo analisámos a evolução da Rua Ferreira Borges no decorrer dos séculos através da sua toponímia. Verificámos como esta afirmou a sua centralidade e importância no contexto da urbe da cidade, analisando posteriormente, como estaria organizada. No decorrer do capítulo, evidenciou-se a presença significativa de comerciantes e artesãos, no entanto, é importante pensar que outras profissões, ofícios e atividades nela encontraríamos. É certo que a Baixa «é o mundo do trabalho onde se encontram os homens de negócios, os mercadores, a gente de ofícios e de serviços»⁸⁶, mas serão apenas estes os ofícios presentes no Arrabalde? E na Alta não existirão para além de professores, estudantes e população de estatuto social elevado, gentes de estatuto social inferior ligado ao comércio e artesanato?

Guilhermina Mota é perentória ao afirmar que a cidade de Coimbra é até aos finais do século XIX «uma cidade dual»⁸⁷, dividida entre a Alta e a Baixa, com as características anteriormente mencionadas. No entanto defende que apesar de dual, existiram também na Alta da cidade «comerciantes, muitos artesãos, entre os quais sapateiros, alfaiates, carpinteiros, barbeiros necessários para responder às necessidades dos universitários, mas também dos eclesiásticos»⁸⁸. Por outro lado, a Baixa «caracterizada sem dúvida pela vida laboral não deixa de acomodar alguns estudantes e lentes, doutores, advogados, médicos, clérigos, um ou outro fidalgo»⁸⁹.

Deste modo, a panóplia de atividades e serviços que encontramos no Arrabalde é muito maior que o anteriormente pensado. Por outro lado, ficamos com a ideia que

⁸⁴ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 147.

⁸⁵ *Idem.*

⁸⁶ Guilhermina Mota, *Op. Cit.*, 2010, pág. 356.

⁸⁷ Guilhermina Mota, *Op. Cit.*, 2010, pág. 356.

⁸⁸ *Idem.*

⁸⁹ *Idem, Ibidem.*

existe uma constante interação de diferentes gentes e ofícios entre a Alta e a Baixa coimbrã. No que concerne à rua em estudo, a Rua da Calçada, encontramos ao longo da época moderna, diversos ofícios para além dos artesãos e comerciantes. Ao longo do seu estudo, Guilhermina Mota⁹⁰, elenca na rua da Calçada nos finais do século XVIII, diversas profissões e atividades ligadas ao comércio e ao artesanato⁹¹, mas também, gentes de maior estatuto social com profissões mais qualificadas como: diversos fidalgos, um médico, um lente, doutores, advogados, um administrador de tabacos, dois licenciados, um tabelião, um padre, o escrivão do eclesiástico, estudantes.

Outra fonte a ter em conta para a análise e conhecimento dos ofícios presentes nesta rua é a *Contribuição Extraordinária de Guerra, no termo de Coimbra, em 1808*⁹². Através da análise desta fonte podemos elencar um conjunto de 26 ofícios como: três Relojoeiros, um Sirgueiros, sete Alfaiates, cinco Sapateiros, um Botoeiro, um Torneiro, cinco Barbeiros, um Ferrador, um Cabeleireiro e um Esparteiro.

Apesar de ser uma fonte referente ao século XIX, permite-nos consolidar as ideias anteriormente analisadas e reforçar a ideia da relevância da Rua da Calçada, como a «rua mais importante de Coimbra, verdadeiro eixo dinamizador da vida económica e política»⁹³ onde não só encontramos comerciantes e artesãos, mas também pessoas de estatuto social elevado e profissões mais qualificadas.

2.2.1.4 As suas vivências

Depois de conhecermos o espaço, a sua organização, atividades e funções, importa agora, em breves linhas, perceber se ao protagonismo da Rua Ferreira Borges correspondeu uma atitude diferenciada por parte dos diversos poderes da cidade. Nesse sentido debruçar-nos-emos mais uma vez no artigo de Luísa Trindade⁹⁴.

Ao lermos o artigo, é perentória a posição da autora em relação a este assunto. A atitude diferenciada dos diversos poderes da cidade em relação à rua em estudo, está

⁹⁰ *Idem, Ibidem.*

⁹¹ Dois boticários, um negociante, oito mercadores, um livreiro, seis alfaiates, dois latoeiros, dois cabeleireiros, dois barbeiros, dois sangradores, um sapateiro, um espadeiro, um ferrador, um lavrante e ainda um vendedor de vinhos. Guilhermina Mota, *Op. Cit.*, 2010, pág. 356.

⁹² Carlos Santarém Andrade, *Contribuição Extraordinária de Guerra, no termo de Coimbra, em 1808, sep. Arquivo Coimbrão*, 1990. Esta contribuição extraordinária de guerra foi imposta pelo general Junot aquando da primeira invasão francesa em Portugal. Este imposto extraordinário incidiria sobre os «oficiais de porta aberta», bem como os «lugares de venda nas praças públicas e fora delas». Tal como outras cidades portuguesas, Coimbra sofreu as consequências deste imposto extraordinário.

⁹³ Guilhermina Mota, *Op. Cit.*, 2010, pág. 356.

⁹⁴ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004.

presente em diversos exemplos. Encontramos alguns exemplos no *Livro de Regimentos e Posturas da Cidade de Coimbra*, escrito no século XVI, quando o concelho proíbe a existência de materiais de construção na via pública, para além de oito dias após o início da obra. Esta ordem diz respeito a todas as ruas da cidade, no entanto a Rua da Calçada é individualizada no texto, acentuando a sua proibição «como se o delito fosse aí mais grave»⁹⁵. Outro exemplo é a suspensão na Rua da Calçada, da postura em vigor em toda a cidade, que permitia «o lançamento de água limpa ou suja da janela, desde que precedido do duplo grito de “água vai”»⁹⁶.

Não é apenas a nível concelhio que encontramos uma atitude diferenciada em relação à Rua da Calçada. Exemplo disso é a atitude de D. João III, que com o estabelecimento definitivo da Universidade de Coimbra e apesar da sempre «problemática falta de alojamentos para os estudantes»⁹⁷, atribui o carácter excepcional à Calçada «isentando os seus moradores da obrigação de acolher os que com aquela finalidade chegassem à cidade»⁹⁸.

Todas estas deliberações mostram uma vez mais a importância desta rua como centro de excelência do comércio e artesanato para a cidade de Coimbra. Como tal, tanto o poder régio como o poder concelhio, sentiram a necessidade de assegurar a sua manutenção, limpeza e organização.

Desta forma terminamos o estudo da Rua Ferreira Borges, rua que se configurou ao longo dos séculos, de suma importância para a cidade de Coimbra. Durante a segunda metade do século XIX e inícios do século XX, a rua continuou a representar para a cidade, local de centralidade, de poder político e comercial. Como afirma José Pinto Loureiro⁹⁹, a rua Ferreira Borges irá ainda durante o século XX «ser verdadeiramente para Coimbra o que o Chiado foi para Lisboa. Nela se encontravam as melhores livrarias, os melhores cafés e pastelarias, os melhores estabelecimentos de modas, estabelecimentos bancários, escritórios, consultórios, etc.»¹⁰⁰

É na segunda metade do século XX e sobretudo nos inícios do século XXI, que a rua perderá a sua importância e relevância como lugar central. Mas desse ponto falaremos mais adiante quando estudarmos a sua situação atual.

⁹⁵ *Idem*, pág. 150.

⁹⁶ *Idem, Ibidem*.

⁹⁷ *Idem, Ibidem*.

⁹⁸ José Pinto Loureiro, *Op. Cit.*, 1964, pág. 361.

⁹⁹ *Idem*, pág. 363.

¹⁰⁰ *Idem, Ibidem*.

2.2.2 A Rua Visconde da Luz

Após o estudo da Rua Ferreira Borges seguimos o eixo da baixa coimbrã estudando agora a atual Visconde da Luz. Ao longo da sua história foi uma rua secundária se comparámos com a Rua Ferreira Borges. No entanto, é inegável a sua importância, integrando ao longo dos séculos, um dos eixos principais da cidade que, «partindo do Largo da Portagem, junto ao rio, terminava no Largo de Sansão, frente ao Mosteiro de Santa Cruz»¹⁰¹. Mas como se afirmou esta rua? Qual a sua importância no contexto da urbe Coimbrã? Que profissões e atividades albergou no decorrer dos séculos? É a partir destas questões que partiremos para o estudo da Rua Visconde da Luz.

A atual Visconde da Luz designou-se primeiramente como Rua de Coruche. Localizada, à data da sua formação, na Freguesia da S. Tiago¹⁰², a rua aparece pela primeira vez mencionada no *Livro das Kalendas*, em 1204, quando se fala do rendimento de casas da Rua de Coruche¹⁰³. No decorrer do século XIII a rua aparece nomeada em diversos documentos régios e concelhios. Um documento de 1266 fala da sua localização, descrevendo a «rua de Culuchio contra judiarium in collatione Sancti Iacobi Colimbrie, “rua de Coruche contra a Judiaria, na paróquia de S. Tiago de Coimbra”»¹⁰⁴. A sua designação, Coruche, ainda hoje é pouco clara existindo diversas teorias sobre a origem da sua toponímia¹⁰⁵.

Esta rua, apesar de ser considerada num documento do século XVI¹⁰⁶, como uma das mais importantes da cidade, seria indubitavelmente de importância inferior à Rua da Calçada anteriormente estudada. Walter Rossa afirma mesmo que «se analisarmos a sua estrutura e o seu desenho [...] fica bem claro, como num processo orgânico [a rua] terá

¹⁰¹ Luísa Trindade, *Op. Cit*, 2004, pág. 126.

¹⁰² Como refere Octávio Augusto no seu estudo recente intitulado *de A praça de Coimbra e a afirmação da baixa - origens, evolução urbanística e caracterização social*, 2013, pág. 32. Para um estudo mais aprofundado da temática ver ainda *Mappa Topográfico Da Cidade de Coimbra Com a Divisão Das Antigas Freguezias*, século XVIII, Instituto Geográfico Português, Inv. n.º CA 391. Publicado em *Evolução do espaço físico de Coimbra: exposição*, comissário Santiago Faria, Câmara Municipal de Coimbra, 2006, pág. 35.

¹⁰³ Para um estudo mais aprofundado ver José Pinto Loureiro, *Op. Cit*, 1964, pág. 298.

¹⁰⁴ Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008, pág. 150.

¹⁰⁵ Há quem considere que a designação de Coruche vem de Collatium, que significa “celeiro” ou armazém”. No entanto não é conhecida a existência de nenhum celeiro naquela rua desde os tempos medievos. Outros apontam a hipótese de Coruche significar “cabeço” ou “ponto alto”. Esta teoria parece ganhar uma maior relevância, pois como afirma Jorge Alarcão «o nome conviria ao lugar onde estava situada a igreja de S. Tiago, pois não só o ponto era elevado relativamente ao espaço da atual Praça Velha, [...] como quem vinha da ponte tinha de subir até S. Tiago e quem continuava descia até Santa Cruz». Jorge Alarcão, *Op. Cit*, 2008, pág. 151.

¹⁰⁶ Luísa Trindade, *Op. Cit*, 2004, pág. 125.

surgido essencialmente como ligação – quase um atalho a cota superior – entre a Porta da Almedina e o Mosteiro de Santa Cruz, ainda que tal situação tenha potenciado o desenvolvimento gradual da sua relevância na vida urbana»¹⁰⁷.

Apesar de se afigurar como uma rua de importância inferior à Rua dos Francos, não deixou de ao longo dos séculos ser importante no contexto do crescimento da “baixa” coimbrã.

A designação de Coruche manter-se-á desde o século XIII até à segunda metade do século XIX. Neste século, em 1855, a Câmara de Coimbra terá, através de um ofício ao perfeito do Douro, exposto a necessidade de obras de melhoramento e alargamento da «Rua de Coruche, que se achava disforme, tortuosa, estreita»¹⁰⁸, afirmando que não teria rendimentos para tais melhoramentos. Nos anos seguintes, assistiu-se à negociação entre a Câmara Municipal de Coimbra e o Ministério das Obras Públicas, sobre o financiamento e execução da remodelação da Rua de Coruche. O acordo foi conseguido em Setembro de 1858, sendo os custos da obra divididos pelas duas entidades. A 14 de Setembro do mesmo ano, são inauguradas as obras da Rua de Coruche «a que se mudou o nome para Visconde da Luz, por ter este cavalheiro, na qualidade de Diretor-Geral do Ministério das Obras Públicas, contribuído para facilitar este melhoramento»¹⁰⁹.

2.2.2.1 As atividades económicas

Após compreendermos a evolução da toponímia da Rua Visconde da Luz, tentaremos de seguida traçar um perfil das funções, profissões e atividades que ao longo dos séculos caracterizaram a referida rua. Como referimos anteriormente, a Rua de Coruche seria certamente de importância inferior à Rua dos Francos ou Calçada. Para tal facto contribuíam não só o seu desenho, estreito e sinuoso, bem como as atividades que nela se fixaram. Nesse sentido existiria um evidente contraste entre estas ruas também a nível das funções e atividades que nelas se encontravam.

Com reafirmam Luísa Trindade¹¹⁰ e Walter Rossa, nesta rua ao longo dos séculos situavam-se essencialmente tendas de correios, latoeiros e um número significativo de ourives, justificando deste modo a designação de Rua dos Ourives, pela qual ainda hoje é também conhecida. Por outro lado, a *Contribuição Extraordinária de*

¹⁰⁷ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2001, pág. 452.

¹⁰⁸ José Pinto Loureiro, *Op. Cit.*, 1964, pág. 301.

¹⁰⁹ *Idem*, pág. 304.

¹¹⁰ Luísa Trindade, *Op. Cit.*, 2004, pág. 125; Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2001, pág. 452.

*Guerra, no termo de Coimbra, em 1808*¹¹¹, permite-nos conhecer outras atividades presentes nesta rua¹¹² e reforçar a ideia da forte presença de ourives e latoeiros. No entanto, não se pense que não existissem nesta rua profissões de maior relevância.

Maria Amélia Álvaro de Campos indica mesmo que nesta rua, ao longo dos séculos XIII e XIV se fixaram «alguns mercadores de maior trato e os detentores da riqueza»¹¹³. Desta forma podemos concluir que a Rua de Coruche, apesar de menos importante que a rua dos Francos ou Calçada, desempenhou também um papel importante no comércio, artesanato e na economia da “baixa” coimbrã ao longo dos séculos. Embora construída inicialmente como elo de ligação entre a Calçada e o Mosteiro de Santa Cruz, a sua importância foi crescendo sobretudo nos séculos XVIII e XIX. Só assim se justifica o interesse da Câmara de Coimbra, em remodelar e reestruturar esta rua que durante séculos fora adjectivada de menor, estreita e sinuosa.

Um dado curioso do estudo da evolução desta rua, é verificar que ainda hoje, depois de tantos séculos, encontramos nela uma forte presença de Ourivesarias. No entanto dos seus aspetos atuais falaremos mais adiante.

2.2.3 A Rua da Sofia

No decorrer do presente trabalho temos continuamente estudado as ruas do eixo principal da Baixa de Coimbra. Analisámos a sua evolução histórica, as suas estruturas, caracterizando as atividades e funções que nelas se fixaram ao longo dos séculos. Se é certo que as ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz nascem praticamente com a cidade nos tempos medievos, a Rua da Sofia apesar da sua importância surge muito mais tardiamente na época Moderna. Seguidamente analisaremos o processo de desenvolvimento desta rua, a sua estrutura, as suas funções e serviços ao longo dos séculos. Pretendemos deste modo, conhecer melhor a rua da Sofia, que muitos consideram como a principal artéria da cidade Coimbra.

O processo de formação e consolidação da Rua da Sofia é caracterizado por muitos, como um dos «mais importantes acontecimentos da sua época no âmbito da

¹¹¹ Carlos Santarém Andrade, *Contribuição Extraordinária de Guerra, no termo de Coimbra, em 1808*, sep. *Arquivo Coimbrão*, 1990.

¹¹² *Idem* - Desta *Contribuição Extraordinária* contam, localizados nesta rua, um Sirgueiro; um Botoeiro; dezoito Ourives, oito Latoeiros, dois Alfaiates, nove Correeiros, um Sapateiro.

¹¹³ Maria Amélia Álvaro de Campos, *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, 2010, pág. 170 – a autora indica como exemplo o mercador de panos importados Estevão Domingues, residente na rua de Coruche.

História do Urbanismo Português»¹¹⁴. Mas como terá surgido esta rua? Qual o sentido da sua formação?

A Rua da Sofia aparece intimamente ligada à Universidade de Coimbra e à sua história. Durante as décadas de 1530 e 1540, D. João III implantará em Portugal uma reforma no ensino universitário, desejando implantar na Universidade Portuguesa, a «nível propedêutico [...] o ensino das Artes»¹¹⁵. Na sua reforma, D. João III tem também como objetivo reinstalar a Universidade em Coimbra sem «o bulício que então prejudicava os *estudos* em Lisboa»¹¹⁶. Desta forma, o ensino Universitário em Portugal será completamente reformulado, sendo o principal acontecimento, a transferência definitiva da Universidade portuguesa para Coimbra, formalizada a 1 de Março de 1537.

Com esta remodelação no ensino universitário português, Coimbra «adquiriria um estatuto único em Portugal e raro em todo o mundo: sede dos únicos *estudos gerais* do Império Português até ao final do Antigo Regime»¹¹⁷. A reforma e a transferência da Universidade para Coimbra, foi um processo contínuo e demorado, que terá passado por diversas fases¹¹⁸. Em todo este processo estiveram envolvidos além do monarca, D. João III, o frade jerónimo do Mosteiro de Santa Cruz, Brás de Barros, bem como outras ilustres personalidades¹¹⁹. A estratégia inicial pretendida consistiria «no desenvolvimento do pólo escolar privado do mosteiro»¹²⁰. Nesse sentido, caberia ao mosteiro crúzio e aos seus responsáveis, em conjunto com rei, a construção das infraestruturas necessárias para a consolidação do pólo universitário conimbricense. Em Outubro 1537, D. João III define que os *estudos gerais* ficariam na Alta e que na rua nova da Baixa se fixaria o Real Colégio das Artes, os colégios religiosos e habitações¹²¹.

É no âmbito dessa nova estruturação, já anteriormente pensada pelo monarca, que surge a ideia de construção da Rua da Sofia. Rua que serviria de suporte aos colégios que as diversas ordens religiosas, segundo os anseios de D. João III, viriam a

¹¹⁴ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001, pág. 452.

¹¹⁵ Walter Rossa, *A Sofia: primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa*, in. *Revista Monumentos*, nº 25, 2006, pág. 16. A partir deste momento esta obra será referida como: Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, página correspondente. O Real Colégio das Artes e Humanidades teria como objetivo principal preparar os futuros estudantes universitários nas artes liberais para a frequência de qualquer uma das três Faculdades ditas Faculdades Maiores (Teologia, Leis e Medicina).

¹¹⁶ *Idem*.

¹¹⁷ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, pág. 16.

¹¹⁸ Para um estudo mais aprofundado do tema ver Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, pág. 16 e 17.

¹¹⁹ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, pág. 16.

¹²⁰ *Idem*.

¹²¹ *Idem, Ibidem*.

erguer e que complementaria os *estudos gerais*. Nesse sentido, em 1535, surge a primeira referência, embora ainda inominada, à futura Rua da Sofia, ou Santa Sofia¹²². Esta primeira referência sobrevém através de uma carta enviada por D. João III ao frei Brás de Barros, em que o monarca altera a localização da construção do novo colégio crúzio – colégio de S. Miguel – em virtude de obter mais espaço para a futura construção da rua da Sofia¹²³. Nesta carta ficam ainda definidas as características geotopográficas da futura rua.

Posteriormente, em Março 1538, surge pela primeira vez num documento¹²⁴ a designação de *Rua de Santa Sofia*. Neste ponto é importante fazer uma breve reflexão sobre a toponímia atribuída a esta rua. O nome Sofia significaria «Sagrada Sabedoria»¹²⁵, o que justifica o seu uso para a designação de uma rua que estaria destinada a albergar instituições religiosas de ensino e do saber. Mas não é a sua designação que é curiosa ou incomum. A curiosidade reside na toponímia ter sido atribuída e «não induzida pelo uso, como até então era habitual [...] o que só reforça a densidade ideológica e normativa»¹²⁶ da sua construção.

É desta forma que se inicia a construção da Rua da Sofia. Para a sua abertura foi necessário desmornar casas e alterar espaços. Na sua grande maioria, o espaço onde foi construída pertencia ao Mosteiro de Santa Cruz, como salienta António Oliveira¹²⁷. Rua larga e sem curvas, o seu plano de construção seria bastante simples, regular e adaptado às características topográficas da zona e alinhado à frente colegial do Mosteiro de Santa Cruz¹²⁸. Um dos lados foi destinado à construção e instalação de colégios, o outro destinava-se à construção de casas e habitações para professores, estudantes e funcionários – regra ultrapassada com o passar dos anos com a construção dos colégios de São Boaventura, São Domingos e São Tomás.

A sua estrutura e ao seu desenho revelam um interessante rigor geométrico-compositivo, salientando o seu comprimento e largura. Cada edifício teria a largura, e ao que parece também a altura, de 6 braças (13,2 metros). Este ponto reforça o forte

¹²² António Oliveira, *Pedaços de História Local- Encantos de Sofia: para a História de uma rua de Coimbra*, vol. 1, 2010, pág.177. A partir deste momento esta obra será referida como: António Oliveira, *Op. Cit*, 2010,página correspondente.

¹²³ Para um estudo mais aprofundado da temática ver Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001,pág. 677-679.

¹²⁴ Este documento referia-se a um dos contratos que nesse mês e nos meses seguintes se fizeram para a construção de casas na frente poente da rua da Sofia. Para um estudo mais aprofundado ver Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001,pág. 677-680.

¹²⁵ António Oliveira, *Op. Cit*, 2010, pág. 185.

¹²⁶ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, pág. 19.

¹²⁷ António Oliveira, *Op. Cit*, 2010, pág. 185.

¹²⁸ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, pág. 20.

carácter geométrico da sua construção¹²⁹. No total, a rua estender-se-ia num comprimento de 200 braças (cerca 440 metros) e 6 braças de largura (cerca de 13 metros). O seu desenho terá sido inspirado no modelo parisiense da *Rue de Sorbonne*, embora duplicando as suas dimensões de comprimento e altura¹³⁰, o que realça o carácter vanguardista europeu da sua construção, tornando-a numa das ruas mais compridas da Europa onde o urbanismo tradicional português¹³¹ e o vanguardismo europeu se conjugaram de forma eficaz¹³². Muitos se surpreenderam com a sua dimensão e estrutura, traduzindo a sua admiração através da escrita¹³³.

Foi sem dúvida na época uma obra de grande envergadura tendo a nível local consistido «numa ação urbanística verdadeiramente revolucionária para a cidade»¹³⁴.

Numa época em que Coimbra e a sua Baixa se debatiam cada vez mais com a lenta, mas inevitável, subida do rio Mondego – que em tempo de cheia invadia as margens e tornava intransitável as principais saídas da cidade (nomeadamente a entrada norte da cidade a Rua Direita) – a rua da Sofia constituirá para além de pólo de saber e cultura, uma das principais vias de acesso norte da cidade vindo erguer no seu extremo, com funções aduaneiras, a Porta de Santa Margarida¹³⁵.

Deste modo Coimbra vê surgir uma nova artéria na sua urbe bem como um novo pólo educacional. Resta-nos agora debruçarmo-nos sobre a análise dos seus colégios e nas funções e atividades instaladas.

2.2.3.1 Os Colégios da Rua da Sofia

Como analisámos anteriormente, a Rua da Sofia surge com o principal objetivo de albergar em si os colégios universitários no âmbito da reforma educacional de D. João III. De facto em 1557, data da morte de D. João III, a rua da Sofia «estava já

¹²⁹ Para um estudo mais aprofundado da estrutura da rua ver Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2001, pág. 688-698

¹³⁰ Rui Lobo, *Rua da Sofia: um campus universitário em Linha*, in *Revista Monumentos*, nº 25, 2006, pág. 24 a 32.

¹³¹ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 22 e 23. A Rua da Sofia segue a lógica urbanística da tradição portuguesa tardo-medieval, com a adoção do tipo "platea" - como a rua da Calçada em Coimbra, ou a rua Nova em Lisboa que pela sua largura e sobretudo pelas suas funções, as faziam tender para um arruamento tipo praça- tornando-se assim um eixo estruturante do crescimento urbano de Coimbra.

¹³² Para conhecer melhor a influência do urbanismo europeu no desenho urbanístico da rua da Sofia ver Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 22 e 23.

¹³³ A título de exemplo, António Oliveira, *Op. Cit.*, 2010, pág. 192, remete-nos para um testemunho de 1541 que escreve sobre a rua da Sofia afirmando que «por a compridam, largura & nobreza de collegios & e casas de q sta povoada a todos faz espanto».

¹³⁴ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 22.

¹³⁵ Para um estudo mais aprofundado deste tópico ver Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 22 e 23.

ladeada por oito dos 14 colégios da cidade»¹³⁶. São eles: Colégio de S. Miguel e Todos-os-Santos (fundados em 1536 e posteriormente unificados para fundar o Real Colégio das Artes em 1544); Colégio de S. Pedro dos Terceiros (fundado em 1541); Colégio de S. Bernardo ou do Espírito Santo (fundado em 1541); Colégio de Nossa Senhora do Carmo (fundado em 1542); Colégio de S. Boaventura (fundado em 1543); Colégio S. Domingos (fundado em 1546); Colégio de S. Tomás (fundado em 1547). Não importa neste momento analisar especificamente a história de todos os colégios¹³⁷. Nesse sentido apenas faremos referência a alguns dos seus acontecimentos mais importantes.

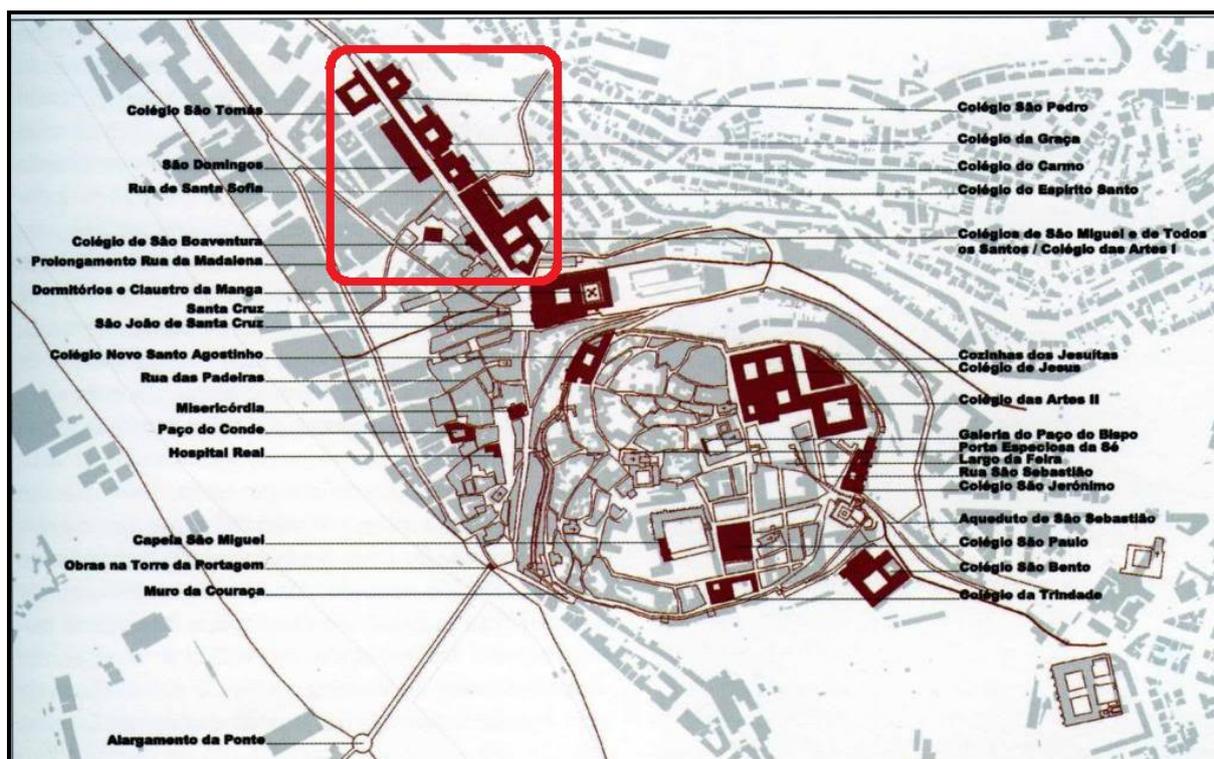


Figura nº 3 – Mapa dos colégios da cidade de Coimbra. O rectângulo vermelho diz respeito aos colégios situados na Rua da Sofia¹³⁸.

Como já referimos anteriormente, os primeiros colégios a serem fundados foram o de S. Miguel e o de Todos-os-Santos em 1536. Estes colégios pertenceriam ao Mosteiro de Santa Cruz. Em 1544, os dois colégios sofreram uma profunda reforma com vista a «albergarem unitariamente a instituição laica do Colégio das Artes»¹³⁹. Anos depois em 1555, D. João III confiará o Colégio das Artes à Companhia de Jesus.

¹³⁶ António Oliveira, *Op. Cit.*, 2010, pág. 185.

¹³⁷ Para um estudo mais aprofundado da temática ver António de Vasconcelos, *Os Colégios Universitários em Coimbra*, 1938; Rui Lobo, *Os Colégios Universitários em Coimbra: enquadramento na arquitetura universitária europeia e seriação tipológica* in *Revista Monumentos*, nº 25, 2006; Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2001, pág. 700-718.

¹³⁸ Imagem retirada de <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=0896390> em 11/04/2013

¹³⁹ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 17.

Após este acontecimento, em 1556 o colégio será transferido para a Alta coimbrã nomeadamente para o Colégio da Companhia de Jesus. Dois anos depois (1558), é novamente transferido para edifício próprio construído no mesmo ano. Este caso permite-nos verificar, que apesar de ter sido construída propositadamente para completar os *estudos gerais* da Universidade, a Rua da Sofia, passado pouco tempo após a sua fundação, viu a sua função «distante do conceito e programa do campus universitário que a determinará. Walter Rossa¹⁴⁰ aponta um conjunto de fatores para esta situação. Primeiramente, à data da construção da Rua da Sofia, a construção de casas e lotes foi lenta. Muitos investidores hesitavam devido ao ressurgir e ao «florescimento da Alta universitária»¹⁴¹. Por outro lado, a tarefa de encontrar prelados ou ordens religiosas que quisessem erguer colégios na nova rua, revelou-se difícil. Só em Dezembro de 1541 se celebraram os primeiros contratos, talvez motivados pela construção dos Colégios de S. Miguel e Todos-os-Santos iniciados em 1535. Deste modo «o desígnio inicial de se construírem colégios para leigos e religiosos financiados por prelados diocesanos teve fraca resposta, pelo que acabaram de ser erguidos por ordens religiosas, ou por elas tomadas, ou após impulso inicial do bispo, como sucedeu com os colégios de S. Pedro e do Carmo. [...] Estes factos são convergentes com a alteração e expressão arquitetónica dos edifícios, que adquiriram uma tipologia ambígua entre colégio e convento»¹⁴²¹⁴³.

Por estes motivos, a Rua da Sofia falhou na sua essência o objetivo para a qual foi criada. Walter Rossa afirma mesmo que «em rigor a Universidade nunca chegou a estar na Rua da Sofia, ainda que para tal tenha a rua sido criada»¹⁴⁴. Os colégios erguidos nesta rua mantiveram-se ligados às ordens religiosas¹⁴⁵ até à desamortização dos seus bens em 1834. No entanto, a função educacional e de pólo universitário desde à muito que desaparecera. Grande parte dos edifícios foram ocupados no decorrer dos

¹⁴⁰ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 19 a 21 e Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 748- 762.

¹⁴¹ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 17.

¹⁴² *Idem.*

¹⁴³ Podemos distinguir dois modelos arquitetónicos relativamente aos colégios. O modelo conventual, ligado à arquitetura religiosa, no qual se inserem os colégios da Graça, Carmo e S. Pedro, e o modelo palaciano, referente à arquitetura civil, no qual se inserem os colégios do Espírito Santo e S. Tomás. Para um estudo mais aprofundado da temática ver Rui Lobo, *Rua da Sofia: um campus universitário em Linha*, in *Revista Monumentos*, nº 25, 2006, pág. 24 a 32.

¹⁴⁴ Walter Rossa, *Op. Cit.*, 2006, pág. 17.

¹⁴⁵ São inúmeras as ordens religiosas ligadas aos colégios. Enumeramos apenas algumas como: Colégio da Graça (Ordem dos Eremitas de S. Agostinho), Colégio de S. Bernardo ou Espírito Santo (fundado com o patrocínio do Cardeal D. Henrique, que entregou o colégio à Ordem de Cister); Colégio de S. Boaventura e S. Pedro (entregues à Ordem dos Franciscanos), Colégio de S. Tomás (entregue à Ordem dos Dominicanos; Colégio do Carmo (entregue à Ordem das Carmelitas Descalças).

anos por funções e atividades comuns (comércio, habitação, serviços) e a rua em si ganhou um «novo desígnio: o descongestionamento do acesso norte à cidade»¹⁴⁶. Apesar destes acontecimentos, e da controvérsia entre a sua história e a sua fundação, a Rua da Sofia não deixa de ser de suma importância para o desenvolvimento da cidade de Coimbra. A sua estrutura, organização, e a sua riqueza arquitetónica e urbanística, já anteriormente referidas, dão um importante valor a esta rua que nunca poderá ser negado estando ainda intimamente ligada «à fixação e refundação moderna para o Mundo da Universidade portuguesa»¹⁴⁷.

2.2.3.2 As atividades económicas

Até ao momento verificámos, como surgiu a Rua da Sofia, como foi construída, e de que modo apareceram os seus colégios. De uma forma indireta traçámos o seu perfil relativamente às suas atividades e funções. Como analisámos anteriormente, a Rua da Sofia foi idealizada primeiramente para receber a função de pólo universitário. Nesse sentido, o plano idealizado por Frei Brás de Barros, pretendia a construção de um campus universitário em linha, onde de um lado, estariam dispostos de forma sequencial os colégios, sendo edificados no outro, edifícios de habitação (para professores, estudantes e funcionários) e de comércio.

Deste modo, podemos desde logo identificar as funções comercial e habitacional da rua bem como o serviço educacional. Seguidamente verificámos que a rua foi perdendo ao longo dos anos, e ainda no século XVI, a função para a qual tinha sido desenhada, afirmando-se cada vez mais como uma das principais entradas da cidade, no sentido norte. É nesta mudança de funções primárias, que assistiremos a um crescente aparecimento de atividades diferenciadas ao longo do seu traço.

Outro acontecimento importante que alterou a dinâmica funcional da rua, foi a instalação em 1566 do Tribunal do Santo Ofício no Colégio das Artes (que como anteriormente vimos foi transferido para a alta Coimbrã). Com a «inquisição, com efeito, vieram novos serviços e novos moradores»¹⁴⁸. Este facto veio reforçar ainda mais a função viária que a rua já anteriormente tinha adquirido e instalar uma nova função: a função judicial. Em 1613, foram discriminadas na Rua da Sofia, 43 unidades fiscais

¹⁴⁶ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2006, pág. 17.

¹⁴⁷ *Idem*, pág. 23.

¹⁴⁸ António Oliveira, *Op. Cit*, 2010, pág. 195.

«suscetíveis de pagarem numa finta efetuada para a recolha de fundos destinados a subsidiar a viagem de Madrid a Portugal do rei D. Filipe II, a qual se efetuou em 1619»¹⁴⁹. Através desta fonte, conseguimos diversos dados importantes para o aprofundamento do presente trabalho. Em primeiro lugar, se compararmos a contribuição da Rua da Sofia com a da Rua da Calçada – pertencente à mesma freguesia – verificamos que esta «ficava muito longe do enfiamento da Calçada, a qual [...] pagou mais do triplo da Sofia. Só um dos mercadores da Calçada contribuiu com uma importância equivalente a 58% do total da rua de santa Sofia»¹⁵⁰. Estes dados reforçam uma vez mais a importância da Rua da Calçada na urbe coimbrã. Temática anteriormente abordada.

Outro ponto importante é que através deste imposto conseguimos elencar uma série de profissões presentes na referida rua. No total conseguimos localizar 24 profissões: alguns oficiais do Santo Ofício (dois porteiros, dois solicitadores, um caminheiro, um inquiridor, um alcaide, um meirinho, um carrasco), bem como outras profissões menores ligadas ao artesanato como: alguns sapateiros e vendeiros, um barbeiro, um alfaiate, um estalajadeiro, um ferreiro, um albardeiro e dois ferradores. Outro dado relevante é a fixação ao longo desta rua de algumas estalagens¹⁵¹.

Este dado, em conjunto com as atividades anteriormente elencadas, «denota bem a transformação por que tinha passado a sede de estudo e meditação»¹⁵². Para reforçar a presente ideia, é importante dar conta das frequentes escaramuças aqui ocorridas entre «o estudo e a meditação [...] com o trabalho manual» durante o século XVII¹⁵³. Desta forma podemos concluir a transformação funcional de que foi alvo a Rua da Sofia, nos finais do século XVI e no decorrer do século XVII. Mas se dúvidas existissem em relação às atividades artesanais presentes nesta rua, a *Contribuição Extraordinária de Guerra, no termo de Coimbra, em 1808*¹⁵⁴ bem as dissolve. Mais uma vez através deste imposto extraordinário dos inícios do século XIX conseguimos elencar uma série de

¹⁴⁹ *Idem*, pág. 197.

¹⁵⁰ *Idem, Ibidem*.

¹⁵¹ *Idem*, António Oliveira refere que na rua da Sofia, se localizariam as melhores estalagens da cidade. Uma das quais seria referida como «das melhores deste Reino» sendo bastante útil à cidade «porque algumas estalagens que avião não estavam na estrada nem tinham as comodidades desta».

¹⁵² *Idem, Ibidem*.

¹⁵³ *Idem, Ibidem*, António Oliveira na sua obra menciona diversos episódios de algumas quezílias entre os colégios e os artesãos. A título de exemplo, refere a queixa do Colégio de S. Bernardo ao conservador da Universidade, em que os clérigos se sentiam perturbados na sua meditação e oração com o barulho dos ferradores. São ainda conhecidos conflitos entre os colégios e os estalajadeiros devido à presença de animais e à sujidade inerente à profissão.

¹⁵⁴ Carlos Santarém Andrade, *Contribuição Extraordinária de Guerra, no termo de Coimbra, em 1808*, sep. *Arquivo Coimbrão*, 1990.

profissões e atividades presentes na rua da Sofia. Num total de 20 profissões enumeradas encontramos: dois Sapateiros, sete Barbeiros; dois Albardeiros, três Ferradores, um Correeiro, um Cordoeiro, um Espingardeiro, um Alfaiate, um Cabeleireiro e um Borracheiro.

Deste modo, traçamos o perfil das atividades e funções da Rua da Sofia que para além de ser uma das artérias principais da cidade a partir do século XVII (equipada com ferreiros e estalajadeiros), de ter a função religiosa associada até 1834 (data na qual se dá a extinção das Ordens Religiosas em Portugal e consequente abandono dos colégios) e a função judicial agregada até 1821 (data na qual é extinta a Inquisição e consequentemente o Tribunal do santo Ofício), albergaria em si diversas atividades ligadas ao artesanato, mantendo as funções comercial e habitacional que possuía desde a sua existência.

Podemos concluir este tema, afirmando que se a Rua da Sofia perdeu a função inicial para a qual foi idealizada e construída, ganhou outras igualmente importantes. A Rua da Sofia foi deste modo afirmando-se como «elemento estruturante do crescimento da cidade»¹⁵⁵, prolongando o eixo que da ponte e pelas ruas da Calçada e de Coruche, passava pelo Mosteiro de Santa Cruz, interligando e consolidando a Baixa (ou Arrabalde) no contexto da urbe coimbrã. Atualmente dos colégios pouco resta além das suas fachadas. Apenas o Colégio e a Igreja do Carmo permanecem em bom estado de conservação. Alguns colégios foram destruídos com o tempo, outros foram remodelados como o Colégio de S. Tomás que em 1927 se converteu no Palácio da Justiça¹⁵⁶ (Tribunal da Relação de Coimbra) e o Colégio de S. Boaventura – atualmente transformado em Museu Antropológico. Outros foram vendidos sendo atualmente ocupados por estabelecimentos comerciais. Do Tribunal do Santo Ofício, apenas resta o seu pátio conhecido atualmente como Pátio da Inquisição.

Terminamos a análise da rua da Sofia com a citação de António Oliveira, autor que nos acompanhou ao longo do estudo. «A rua nascida para o Saber, destinada sobretudo a estudantes e Mestres, desnaturou-se ao albergar a Inquisição, depois da Universidade ter migrado definitivamente para a Alta. Continuou a ser, não obstante às funções funcionais, uma das mais belas ruas de Coimbra»¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Walter Rossa, *Op. Cit*, 2001, pág. 750.

¹⁵⁶ Ver anexo VI (fig.4) imagem do antigo colégio de S. Tomás antes de ser requalificado como Palácio da Justiça durante os séculos XIX e XX.

¹⁵⁷ António Oliveira, *Op. Cit*, 2010, pág. 203.

2.3 A Baixa de Coimbra: Funções e Transformações Recentes

2.3.1 Estado de Arte da temática

Coimbra por si só foi desde sempre uma cidade bastante estudada e investigada, nas mais diferentes áreas, nomeadamente na Geografia e na História. Autores como Fernando Rebelo, Alfredo Fernandes Martins, Jorge Alarcão, Luísa Trindade, Walter Rossa, Maria Helena da Cruz Coelho e António Oliveira, estudaram Coimbra nas suas diferentes vertentes e contextos. No entanto, o estudo em particular da Baixa de Coimbra, conhece recentemente um novo esforço na sua investigação.

A temática em análise tem sido alvo nos últimos anos, de um estudo mais aprofundado por parte de alguns investigadores bem como das entidades locais. Nesse sentido, importa fazer o seu *estado da arte* como o objetivo de preparar e fundamentar melhor o presente trabalho. Como anteriormente anunciámos, nos últimos anos as autoridades locais têm evidenciado uma constante preocupação com a Baixa Coimbrã. Não iremos neste momento prolongar o assunto visto que este será, no decorrer do presente trabalho, devidamente aprofundado. A esta crescente preocupação tem-se juntado o interesse recente de jovens investigadores, no que concerne aos seus problemas (sociais, económicos, estruturais), às suas atividades e funções, ao estado do seu comércio, das suas dinâmicas e interações, à sua relevância e funções no contexto local.

As obras elencadas seguidamente são na sua grande maioria recentes e elaboradas no contexto de Relatórios ou Teses de Segundo Ciclo. Como primeiro exemplo encontramos o relatório de Márcia Xavier, autora citada no decorrer do presente trabalho, que se debruçou no seu estudo¹⁵⁸ em arquitetura, sobre a representação e perceção que os Conimbricenses possuem da Baixa Coimbrã. Outros autores, como Carina Gomes¹⁵⁹ focaram-se igualmente sobre a imagem da Baixa de Coimbra junto da população.

Para além destes estudos, outros jovens investigadores analisaram a temática relativamente ao seu comércio e atividades. Autores como Marta Fonseca¹⁶⁰ e Susana

¹⁵⁸ Márcia Raquel Ferreira Xavier, “*Imagem da Baixa de Coimbra – Imaginabilidade, Identidade e Legibilidade*”, 2011.

¹⁵⁹ Carina Gomes, *Modos de Vida nas Cidades e Processos de Reabilitação Urbana- O caso da Baixa de Coimbra*, 2005.

¹⁶⁰ Marta Fonseca, *O comércio em áreas urbanas antigas: O caso da Baixa de Coimbra*, 2009.

Silva¹⁶¹ analisaram o comércio da Baixa Coimbrã, nos seus relatórios de estágio em Sociologia. Procuraram saber o seu estado atual, os seus problemas e dinâmicas. Ambas inquiriram os comerciantes e visitantes da Baixa a fim de obterem uma visão geral do comércio conimbricense.

Por último, alguns investigadores recentes, como Daniel José Pinto Tiago¹⁶², analisaram o processo de requalificação urbana da Baixa Conimbricense, debruçando-se nos programas de reabilitação urbana e nas ações preconizadas pelas identidades locais em prol da preservação e requalificação do património existente.

Todas as obras anteriormente citadas, para além de pertencerem a investigadores de diferentes áreas – sociologia, economia, arquitetura – são bastante recentes, o que evidencia de forma clara, o interesse despertado pela temática nos últimos anos.

Esperemos desta forma, que o presente trabalho, contribua de algum modo para o enriquecimento do estudo da temática em análise.

2.3.2 Conceitos de Função e Serviço

Antes de debruçar-nos sobre a análise das atividades e funções atuais das ruas em estudo, importa de uma forma sucinta definir os conceitos de Função e Serviço, com os quais trabalharemos. Analisemos primeiramente o conceito de Função.

Para a definição do conceito de Função, consultámos inicialmente, o Dicionário de Geografia de Yves Lacoste. O autor afirma desde logo, que o conceito em causa é recente tendo surgido no decorrer do século XX, entre as duas grandes guerras, com a preocupação dos geógrafos em estudar a cidade, a sua organização e respetivas dinâmicas. Deste modo, as cidades vão ser classificadas de acordo com «o tipo de funções que cada uma exerce mais especialmente: funções administrativas e políticas, regionais, comerciais, industriais, serviços, portuárias, religiosas, militares, etc»¹⁶³.

Jacqueline Beaujeu Garnier confirma na sua obra *Geografia Urbana*¹⁶⁴, estudo de referência para a análise da cidade, a opinião anteriormente citada. Para a autora «cada cidade responde uma série de necessidades, que justificam o seu estabelecimento e o seu

¹⁶¹ Susana Silva, *Deambulando pela Baixa de Coimbra: O Comércio Tradicional em Contexto Urbano*, 2009.

¹⁶² Daniel José Pinto Tiago, *Requalificação Urbana da Baixa de Coimbra*, Dissertação de Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas, 2010.

¹⁶³ Yves Lacoste, *Dicionário de Geografia: da Geopolítica às Paisagens*, 2005, pág. 179.

¹⁶⁴ Jacqueline Beaujeu Garnier, *Geografia Urbana*, 1983, pág. 54.

desenvolvimento original, e logo em seguida a sua expansão»¹⁶⁵. A autora relembra ainda que não é fácil classificar a função ou funções de uma cidade, existindo diversas classificações consoantes os diferentes autores e as diferentes áreas (Geografia, Economia, Sociologia).

Os dois autores defendem ainda que esta classificação não é absolutamente exata e carece de alguma atualização «já que quase todas as cidades dispõem [atualmente] de diferentes funções»¹⁶⁶. É importante perceber que, uma cidade, à medida que se desenvolve e cresce no espaço, vai evoluindo, acumulando e modificando as suas funções primárias. Por exemplo, algumas cidades portuguesas foram inicialmente construídas com a função de defesa do reino, no entanto, à medida que este se foi consolidando, muitas alteraram as suas funções iniciais, como é o caso da cidade de Lisboa onde passou a prevalecer, a partir do século XIII, a função político-administrativa associada à sua constituição como capital de Portugal.

Podemos desta forma entender, que a definição da função ou funções de uma cidade relaciona-se com a atividade (ou atividades) principais em que esta se especializa ao longo dos tempos. No entanto, e corroborando com as palavras de Yves Lacoste, atualmente, quase todas as cidades têm diversas funções associadas e não apenas uma específica. No caso de Coimbra, as funções mais destacadas são a da educação, com a Universidade como pólo dinamizador, e a da saúde, com um conjunto de estabelecimentos ligados a este sector, encabeçado pelo Centro Hospitalar da Universidade de Coimbra. Contudo, para além destas duas funções principais, encontramos muitas outras disseminadas por toda a cidade, nomeadamente nas ruas em análise. Nesse sentido, estando a área em estudo, situada no lugar central e no centro Administrativo da cidade, é natural que encontremos nela fixadas diversas funções ligadas ao turismo, à cultura, aos serviços (bancários, correios, saúde), ao comércio, habitação, entre outras.

No que concerne ao conceito de serviço, este surge no início do século XX para «designar uma função de utilidade pública (serviço de correios, serviço militar) ou uma grande organização (serviços sociais)»¹⁶⁷. Contudo, é na segunda metade do século XX «que surge a expressão “atividades de serviços” para designar o fornecimento de

¹⁶⁵ *Idem.*

¹⁶⁶ Yves Lacoste, *Dicionário de Geografia: da Geopolítica às Paisagens*, 2005, pág. 179.

¹⁶⁷ Yves Lacoste, *Dicionário de Geografia: da Geopolítica às Paisagens*, 2005, pág. 355.

prestações baseadas em técnicas ou competências para empresas, coletividades públicas e particulares»¹⁶⁸.

Nesse sentido, um serviço é uma atividade que permite a satisfação de uma determinada necessidade da população. Deste modo, existe uma grande variedade de serviços presentes numa cidade – transportes, saúde, lazer, comércio, entre outras. Outro ponto a ter em conta nesta definição é que um serviço é por norma, uma atividade paga pelo seu beneficiário, no entanto, atualmente, «classifica-se como serviço *não comercial* as escolas, a polícia, a administração, a ação social»¹⁶⁹.

Para além desta distinção, Jacqueline Beaujeu Garnier, diferencia os serviços entre *induzidos* e *indutores*, esclarecendo que os serviços induzidos referem-se a equipamentos, que se destinam a melhorar as condições e a «situação das populações já instaladas [nas cidades]»¹⁷⁰ consoante o desejo e necessidade dos seus habitantes. São exemplos deste movimento a construção de igrejas, escolas, entre outros. Por outro lado, os serviços (e respetivos equipamentos) indutores «respondem a uma preocupação totalmente diferente: a de provocar certas reações entre uma população que, muitas vezes, ainda não existe. Desta forma «a multiplicação de alojamentos numa cidade pode atrair habitantes»¹⁷¹ assim como um centro comercial e cultural, a abertura de uma linha de transportes, entre outros.

No caso de Coimbra, as ruas em estudo encontram-se no centro da cidade, classificada por alguns autores, como Jacqueline Beaujeu Garnier, de CBD¹⁷² ou Baixa. Esta área, de grande acessibilidade, é caracterizada pela presença do poder municipal e por um grande dinamismo funcional através de uma forte concentração das atividades terciárias.

¹⁶⁸ *Idem.*

¹⁶⁹ *Idem, Ibidem.*

¹⁷⁰ Jacqueline Beaujeu Garnier, *Geografia Urbana*, 1983, pág. 54.

¹⁷¹ Jacqueline Beaujeu Garnier, *Geografia Urbana*, 1983, pág. 54.

¹⁷² *Central Business District*. Para um estudo mais aprofundado da temática ver, Jacqueline Beaujeu Garnier, *Geografia Urbana*, 1983, pág. 362- 365.

2.3.3 A importância do Centro Histórico

Ao analisar a malha urbana de Coimbra, e mais concretamente algumas ruas da sua “Baixinha”, importa conhecermos a importância deste local na dinâmica da cidade. As ruas analisadas no presente trabalho estão inseridas no centro histórico da cidade, e só por esse facto, possuem valores e dinâmicas próprias.

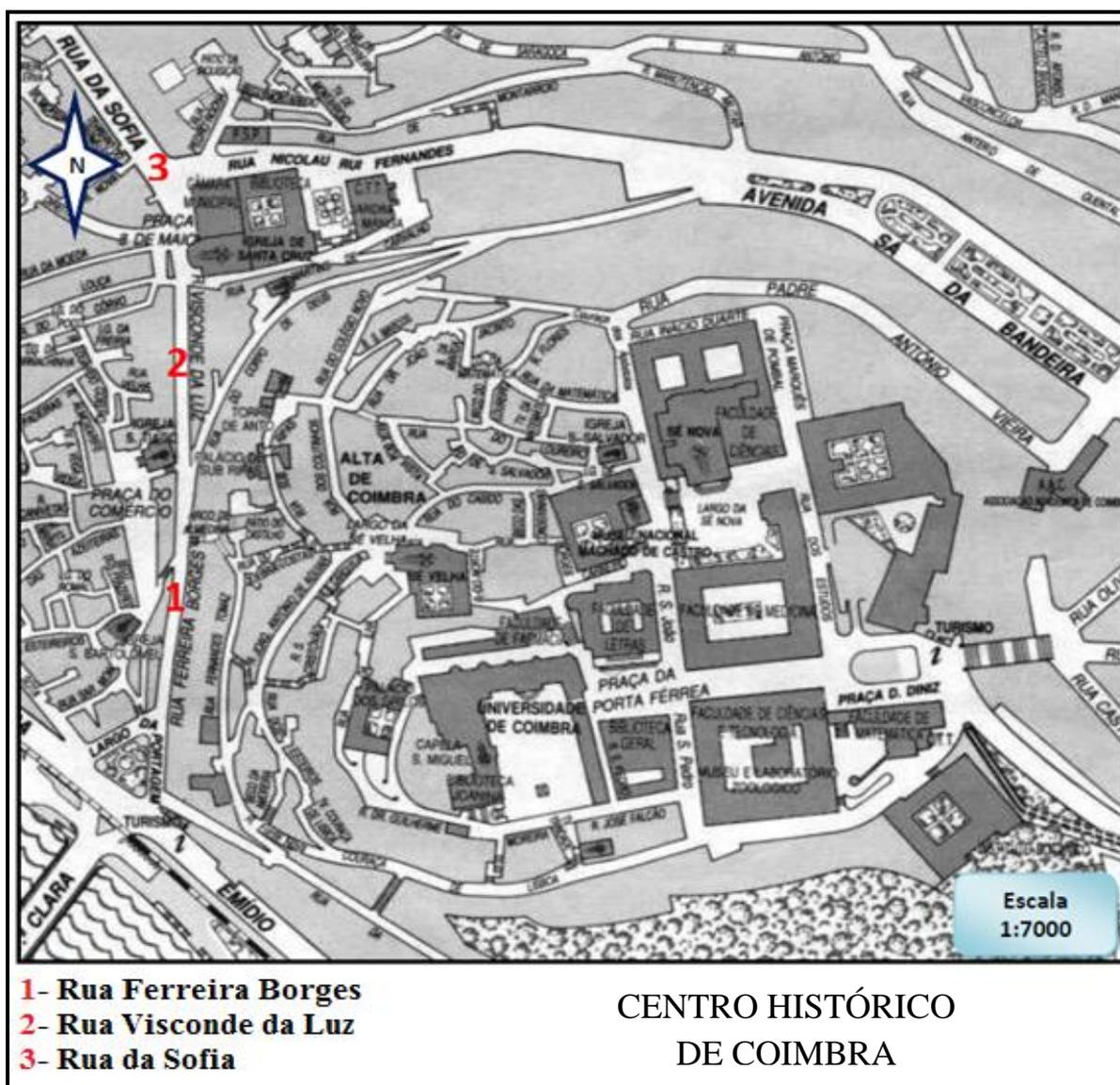


Figura 4- Cartografia do Centro Histórico da cidade de Coimbra¹⁷³.

O centro histórico «constituiu sempre um referencial de primeira importância na caracterização das aglomerações urbanas. Essa importância é facilmente explicada pela conjugação locativa de vários atributos formais, funcionais e simbólicos: a densidade da

¹⁷³ Cartografia adaptada e retirada de <http://www.mat.uc.pt/~cmuc3/mapa.html> (acedido em 15-07-2013).

memória histórica, a aglomeração e a diversidade de funções de carácter direcional, a acessibilidade, a forte referenciação iconográfica e perceptiva, o palco central da afirmação do poder e da cidadania.»¹⁷⁴

Deste modo, a Baixa Coimbrã representa para a cidade um local onde o comércio, a habitação, a cultura, o lazer e o turismo se combinam, sendo por esse motivo, uma zona importantíssima na malha urbana de Coimbra. Nesse sentido, o desenvolvimento e “bem-estar” desta zona constituem atualmente uma das prioridades de desenvolvimento dos organismos locais que se deparam com alguns problemas graves como o abandono e envelhecimento da população, degradação e destruição dos espaços aliados à fraca atividade comercial e económica. Os problemas estão diagnosticados, no entanto, estão longe de serem solucionados.

Seguidamente iremos analisar três das principais ruas da Baixa Coimbrã: Ferreira Borges, Visconde da Luz e Rua da Sofia. Daremos enfoque às suas atividades, às suas funções e serviços, ao seu estado de conservação e aos seus problemas, tentando perceber a importância deste “eixo” comercial e cultural na dinâmica da própria cidade.

2.3.4 Metodologia utilizada

Após compreendermos a importância do centro histórico, apresentaremos em seguida a análise das ruas em estudo. No entanto, antes de o fazermos, importa explicar a metodologia utilizada para a sua análise.

As descrições seguidamente apresentadas partiram da observação direta do autor que através de uma grelha¹⁷⁵, e do diálogo com os comerciantes, analisou as ruas relativamente aos seus serviços, funções, ao estado de conservação do edificado, e aos seus problemas. A recolha de dados foi realizada num só dia, dividindo a análise pela parte da manhã nas Ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, e na parte da tarde pela Rua da Sofia. Importa ainda referir que salvo raras exceções, apenas se conseguiu inquirir os proprietários ou comerciantes dos estabelecimentos situados ao nível do rés-do-chão. Estes, na grande maioria dos casos, deram-nos informações sobre a ocupação e estado de conservação dos pisos superiores.

¹⁷⁴ Márcia Raquel Ferreira Xavier, “*Imagem da Baixa de Coimbra – Imaginabilidade, Identidade e Legibilidade*”, 2011, pág. 37.

¹⁷⁵ Ver em anexo VII, a grelha utilizada para a elaboração do presente estudo.

Deste modo, a análise dos pisos superiores não pode ser considerada absolutamente rigorosa, visto partir da opinião de alguns comerciantes e proprietários, que em alguns casos, não teriam uma informação exata a prestar. No entanto, os seus testemunhos foram aproveitados e inseridos no presente estudo, pois permitem um maior conhecimento e aprofundamento da temática.

Para melhor compreender o espaço em estudo, foi elaborada a cartografia das ruas referente às suas atividades comerciais e serviços atuais e anteriores (num período de dez anos), e o seu estado atual de conservação.

A cartografia seguidamente apresentada, apenas diz respeito às atividades comerciais e serviços localizados ao nível do rés-do-chão dos edifícios. As atividades e serviços dos andares superiores foram igualmente estudadas, no entanto, por não serem exatas – pois o levantamento feito foi com base na entrevista aos funcionários e proprietários das lojas do rés-do-chão – não foram enquadradas devidamente na cartografia elaborada.

No que concerne à cartografia sobre o estado do edificado, é importante realçar, que as categorias escolhidas “Bom, Razoável e Mau”, bem como a sua análise, foram realizadas segundo o parecer do investigador, não sendo nesse sentido incólume de outras perspetivas sobre o mesmo assunto. Neste ponto, teria sido importante não conhecer apenas os edifícios através da sua fachada mas também o seu interior. No entanto, tal não me foi possível, excetuando alguns edifícios, sendo a cartografia elaborada com base na observação do estado de conservação das suas fachadas e através da entrevista aos funcionários e proprietários dos estabelecimentos.

2.3.5 Rua Ferreira Borges

Funções e Serviços Atuais (análise do rés-do-chão).

Na rua Ferreira Borges encontramos uma panóplia de atividades comerciais ligadas ao vestuário, calçado, ourivesarias, artesanato, livrarias, fotografia entre outros. No entanto, grande parte das suas atividades centra-se no comércio de vestuário. Esta é aliás, a atividade mais presente do decurso desta rua nomeadamente, no seu lado esquerdo, no sentido Portagem-Almedina. Não é de estranhar portanto, que nela encontremos uma das lojas mais antigas da cidade ligada ao comércio de vestuário há mais de cinquenta anos, a “Loja das Meias”.

É de realçar, o aparecimento recente nesta rua, de alguns estabelecimentos ligados ao comércio do artesanato. Lojas em que se vendem peças de artesanato da região, e onde os turistas da cidade podem obter facilmente uma recordação. A presença desta atividade na rua Ferreira Borges é algo recente, evidenciando a aposta dos comerciantes em atividades ligadas ao turismo e artesanato locais. Esta atividade há dez anos atrás, pouca representatividade teria na presente rua, contando apenas, com um estabelecimento. Atualmente, o número de estabelecimentos ligados ao setor são quatro o que, representa bem o claro investimento neste setor que aposta na valorização do artesanato local. Este tipo de atividade comercial veio fixar-se em estabelecimentos que anteriormente estariam ocupados pelo comércio de vestuário e calçado.

No que concerne aos serviços, ao longo da rua encontramos estabelecimentos ligados aos serviços farmacêuticos – farmácias já instaladas há muitos anos –, agências bancárias, lojas de telecomunicações, casa de jogos de aposta e lotarias. Contudo, o maior destaque vai para o edifício do Chiado que se destina às atividades culturais da cidade. Recentemente recuperado, sede do Museu Municipal de Coimbra, desempenha uma importante função cultural na cidade, contribuindo para a valorização do centro histórico promovendo a cultura, a arte e a história de Coimbra.

Importa ainda referir que, na rua Ferreira Borges localizam-se alguns dos edifícios históricos da cidade. É o caso do edifício do Chiado, referido anteriormente, do Café Brasileira, espaço com grande história na cultura Coimbrã, e do edifício onde se encontram as lojas de vestuário “Pé de Meia” e “Mango”.

Pisos Superiores

No que concerne às atividades e funções dos pisos superiores dos edifícios desta rua, muitos deles, estão ocupados por outras atividades comerciais e funcionais como: salões de estética e cabeleireiros, sapateiros, escritórios de advogados, escritórios de consultadoria, consultórios médicos, entre outros. Alguns deles são ainda ocupados por armazéns e escritórios das atividades comerciais do rés-do-chão. A função habitacional está ainda presente. No entanto, na sua maioria, muitos destes edifícios estão desabitados e até mesmo abandonados nos pisos superiores. Este é aliás, um dos maiores problemas da Baixa de Coimbra, que com o passar dos anos tem perdido cada vez mais a função habitacional e a capacidade de fixar população jovem. Mas deste ponto, falaremos posteriormente.

Estado de conservação do edificado

Ao percorrer a rua Ferreira Borges, verificamos que alguns dos seus edifícios foram recentemente recuperados no que diz respeito à sua fachada. Neste ponto, a atuação de programas de reabilitação como a Coimbra Viva SRU, do qual falaremos mais à frente, foram primordiais. Na elaboração da cartografia, classifiquei como “Bom” e “Razoável” grande parte do edificado presente nesta rua. No entanto, existem ainda alguns edifícios em muito mau estado de conservação, sendo que alguns destes estão mesmo abandonados não existindo qualquer tipo de atividade comercial e funcional.

2.3.6 Rua Visconde da Luz

Funções e Serviços Atuais (análise do rés-do-chão).

Apesar de ser uma rua curta, a rua Visconde da Luz apresenta, tal como a Ferreira Borges, uma grande diversidade de atividades comerciais e funcionais. São de destacar as atividades ligadas ao comércio têxtil lar, retrosarias e ao comércio de vestuário. Estas são de facto, as atividades com maior relevo ao longo da presente rua. No entanto, podemos encontrar joalharias, comércio de louça e decoração, estabelecimentos de venda de artigos oftalmológicos, lojas de fotografia, entre outros.

Importa ainda destacar, a presença do Centro Comercial Visconde da Luz. Atualmente, possui poucas atividades comerciais e funcionais estando apenas parcialmente ocupado com pequenas lojas de artesanato, cabeleireiros, e compra e venda de ouro. No entanto, há cerca de dez anos atrás, este estabelecimento possuía uma forte atividade comercial, com pequenos cafés, serviços de costura, comércio de vestuário e calçado, espaço de internet, escritórios, entre outros. Nos dias de hoje, é um espaço sem grande vitalidade, com os pisos superiores quase na sua totalidade desocupados de qualquer função. Este caso, é um excelente exemplo que reflete a grave crise comercial que afeta a Baixa Coimbrã. Voltaremos ainda a analisar este ponto no decorrer do presente trabalho.

No que concerne aos serviços, nesta rua já não encontramos farmácias, no entanto, está bem presente uma forte presença do sector bancário – agências do Santander Totta, BPI e Banco Espírito Santo –, bem como lojas de compra e venda de ouro. Este último ponto merece alguma reflexão. Nos últimos anos, assistimos por toda a Baixa, ao aparecimento de lojas deste tipo. Estes estabelecimentos têm-se vindo a multiplicar por

toda a Baixa de Coimbra, instalando-se em espaços que anteriormente estariam ocupados pelo comércio de vestuário e calçado, joalharias, etc. No caso da rua Visconde da Luz, encontramos dois estabelecimentos dedicados a este tipo de comércio. A sua multiplicação deve-se a diversos fatores, mas o mais claro e visível é a crise económica que o país atravessa. A necessidade da população em obter rendimentos, e o preço elevado do ouro, fazem com que estes estabelecimentos se multipliquem, devido à elevada procura. É ainda curioso que em alguns casos, certos estabelecimentos de joalharia e ourivesaria, embora não centrem a sua atividade exclusivamente neste tipo de funções, também as praticam como forma de sobreviverem.

Pisos Superiores

No que diz respeito às funções e atividades dos pisos superiores, a situação é idêntica à da rua Ferreira Borges. Grande parte deles estão ocupados por outras atividades comerciais e funcionais como: salões de estética e cabeleireiros, escritórios de advogados, escritórios de consultadoria, consultórios médicos, lojas de fotografia, lojas de venda e reparação de instrumentos musicais, entre outros. Em alguns casos, a ocupação é de escritórios e armazéns dos estabelecimentos do rés-do-chão.

É na função habitacional, que se encontra a grande diferença com a rua Ferreira Borges. Na sua grande maioria, os edifícios desempenham a função habitacional. É certo, que muito dos seus habitantes são idosos que lá residem há muitos anos, no entanto, a população manteve-se a residir nestes espaços, movimento contrário ao da rua Ferreira Borges que quase perdeu essa função. Importa ainda referir, que nesta rua encontramos alguns edifícios abandonados no que se refere à atividade comercial e funcional do rés-do-chão, não sendo possível concluir se estão habitados ou não nos pisos superiores.

Estado de conservação do edificado

No decorrer da minha observação à rua Visconde da Luz, deparei-me com um edificado, na maioria dos casos, em mau estado. É certo que, em alguns edifícios são visíveis recentes obras de requalificação e outros apresentam-se em “Bom” ou “Razoável” estado de conservação. No entanto, muitos estão a necessitar de obras, facto não apenas evidenciado na observação direta das fachadas, mas também através da conversa com os seus proprietários e da observação do interior de alguns edifícios.

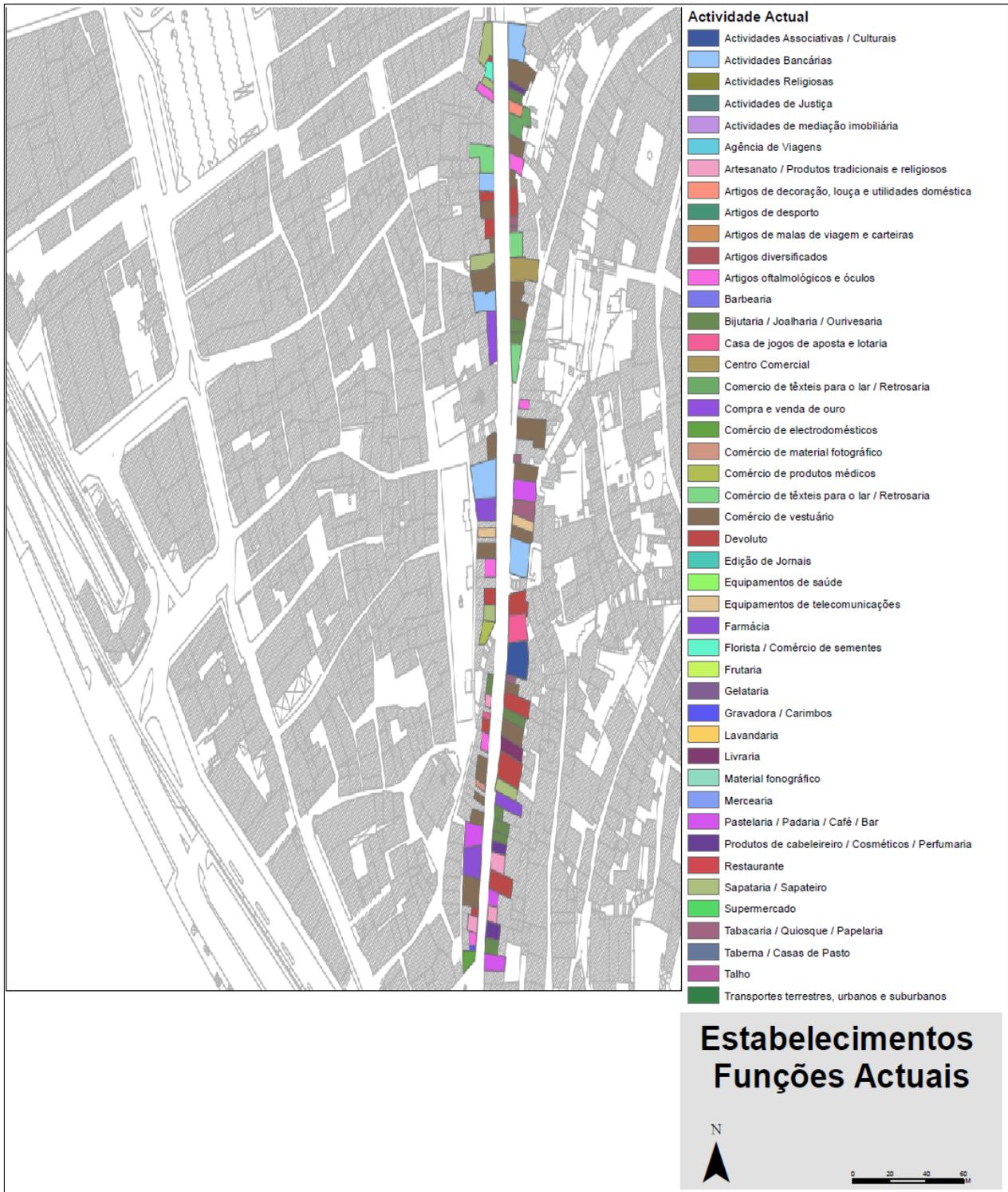


Figura 5- Rua Ferreira Borges e Visconde da Luz- Atividades Actuais

2.3.7 Rua da Sofia

A rua da Sofia é de facto, uma das ruas mais emblemáticas da cidade de Coimbra. É uma rua longa, em tempos uma das mais compridas da Europa, com um edificado de grande valor histórico, cultural e patrimonial. As suas atividades e funções foram-se modificando com o decorrer dos séculos, sem no entanto, perder o seu valor e lugar na malha urbana da cidade. Atentemos neste momento às suas funções e serviços atuais.

Funções e Serviços Atuais (análise do rés-do-chão).

Na rua da Sofia, devido às suas especificidades históricas e físicas, deparamo-nos com uma grande variedade de serviços e funções.

Ao longo do seu percurso encontramos diversas atividades comerciais, ligadas ao comércio de vestuário, calçado, cafés, pastelarias, ourivesarias, artesanato religioso, livrarias, lojas oftalmológicas, sapateiros, lojas de comércio variado, retrosarias, quiosques, floristas, talhos, restauração, comércio de eletrodomésticos, material ortopédico e de saúde, entre outras. Existe realmente uma grande diversidade não existindo propriamente uma atividade que predomine. Importa ainda referir a presença do “Centro Comercial Sofia”, espaço recentemente recuperado que alberga em si diversas atividades comerciais como pronto-a-vestir, cafés, floristas, loja de fotografias, mercearias, perfumarias, papelarias, entre outras.

No que concerne aos serviços, encontramos também uma grande diversidade de oferta. É possível encontrar serviços bancários, agências de viagens, farmácias, serviços de saúde, atividades de mediação imobiliária, edição de jornais, atividades religiosas, serviços de justiça, atividades associativas, serviços de telecomunicações, entre outros. Desta forma, podemos destacar o Tribunal da Relação de Coimbra conhecido como o “Palácio da Justiça”; a Casa de Saúde de Coimbra (Casa de Repouso e Unidade Hospitalar); Liga dos Combatentes (com Centro de Apoio Médico e Psicológico dos Combatentes); Lar de Idosos da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco; Centro Social e Cultural 25 de Abril (infantário), Igreja da Graça e Igreja do Carmo (serviços religiosos).

Pisos superiores

No que concerne aos pisos superiores, estes são ocupados na sua maioria por escritórios de advogados e consultórios médicos. Existem ainda casos, em que funcionam como armazéns e espaços de apoio às atividades de rés-do-chão. Quanto à função habitacional, muitos dos pisos superiores estão desabitados e até mesmo abandonados. Este é aliás, um dos problemas mais graves desta rua aliado ao estado de conservação do edificado. A pouca população residente é idosa, realidade alarmante para um espaço de tal importância.

Estado de conservação do edificado

Ao observar o edificado existente na rua da Sofia, verifiquei que este, na sua grande maioria, está em mau estado, sendo em alguns casos urgente a requalificação. Comparando o estado de conservação do edificado desta rua, com o das ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges, é possível afirmar, que este está visivelmente pior. Poucos foram os edifícios que classifiquei com “Bom” e “Razoável” relativamente ao seu estado de conservação. É contudo visível, que alguns deles estão a sofrer obras de requalificação, no entanto, a nível das fachadas, e até mesmo dos interiores – neste ponto tive a oportunidade de observar o interior de alguns edifícios – o estado de conservação é mau, sendo necessário uma rápida atuação no sentido de os recuperar.

Devemos ter em conta, que o facto da rua da Sofia ter sido alvo de candidatura a património mundial, impossibilita uma rápida atuação das autoridades locais nomeadamente, o Gabinete para o Centro Histórico, visto necessitarem das devidas autorizações para intervirem no património edificado. Outro ponto importante a ter em conta, é o facto das ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges usufruírem através do organismo Coimbra Viva SRU, de programas de recuperação e requalificação destinados a toda a Baixa Coimbrã. Contudo, o facto da Rua da Sofia ter sido recentemente considerada património da humanidade, torna possível a esperança de que muito em breve, grande parte do seu edificado possa ser devidamente e justamente recuperado.

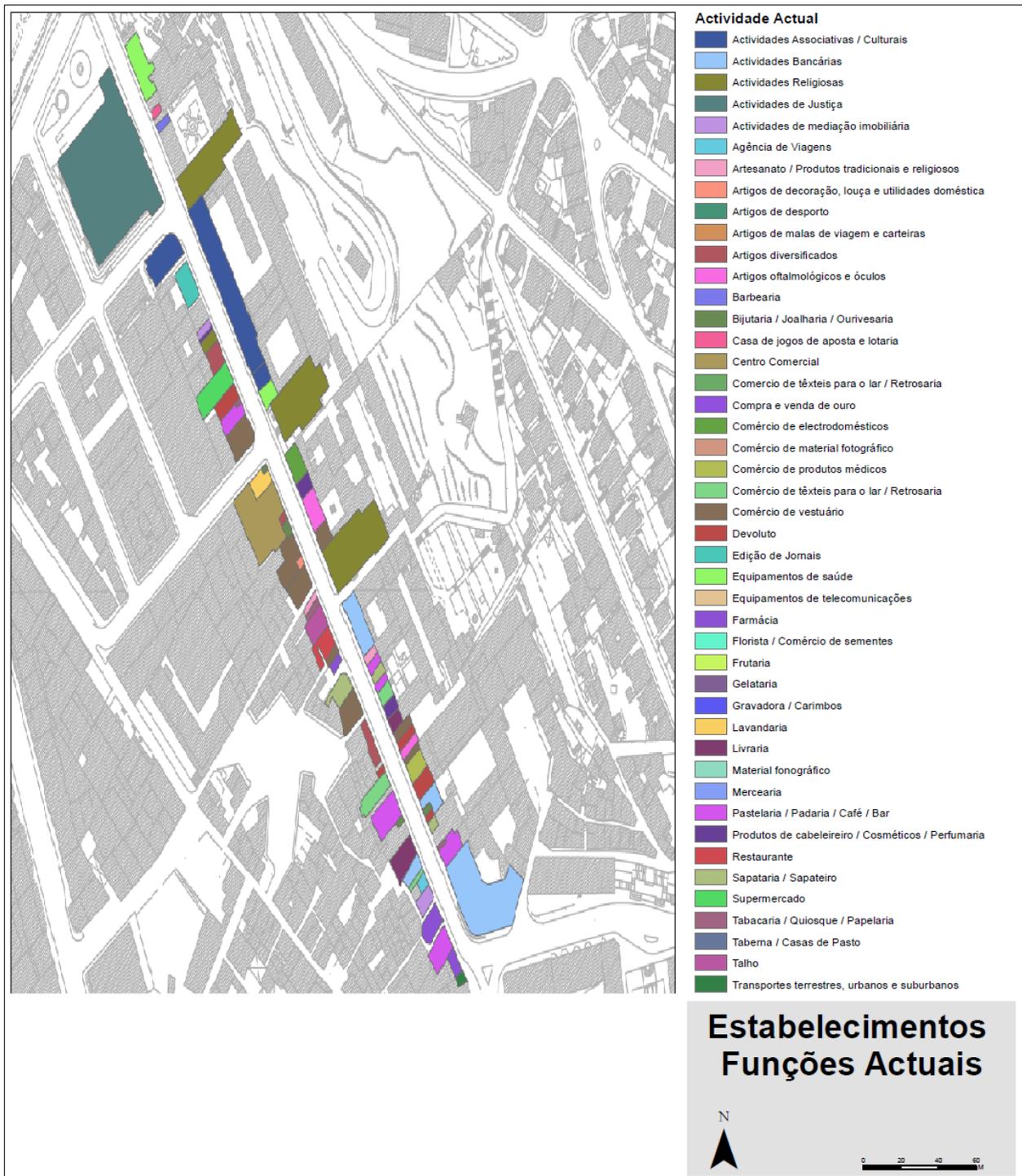


Figura 6- Rua da Sofia- Atividades Atuais

2.3.8 Funções e Transformações

Para melhor compreender a evolução do espaço em estudo, ao fazer o levantamento dos dados para a respetiva construção cartográfica, procurei saber através dos proprietários e comerciantes, que funções e serviços existiriam no mesmo local numa escala temporal de dez anos.

O resultado desse levantamento é bem visível na cartografia apresentada seguidamente. Ao compararmos as atividades e funções anteriores existentes nas ruas em estudo, com as suas atividades e funções atuais, verificamos que pouco mudou. Muitos estabelecimentos ainda são os mesmos de há dez anos, indicando a permanência na maioria dos casos, das mesmas atividades e funções. Os casos de exceção são de facto, os já mencionados no decorrer do trabalho, em que alguns edifícios anteriormente devolutos foram recentemente recuperados – vejamos a título de exemplo o Café Brasileira que reabriu recentemente após dezassete anos de encerramento –, o surgimento e difusão de lojas de comércio de artesanato local, nomeadamente na rua Ferreira Borges, e o aparecimento de lojas de compra e venda de ouro, designadamente na rua Visconde da Luz. Por outro lado, observamos a perda de importância de alguns estabelecimentos comerciais, como por exemplo o do Centro Comercial Visconde da Luz que está praticamente sem atividade comercial.

A grande transformação não está propriamente na mudança de funções e atividades comerciais, mas sim, na perda progressiva de importância do comércio da Baixa em função do surgimento de novos pólos comerciais. Esse é de facto, o grande problema da Baixinha Coimbrã. Deste e doutros problemas falaremos posteriormente.

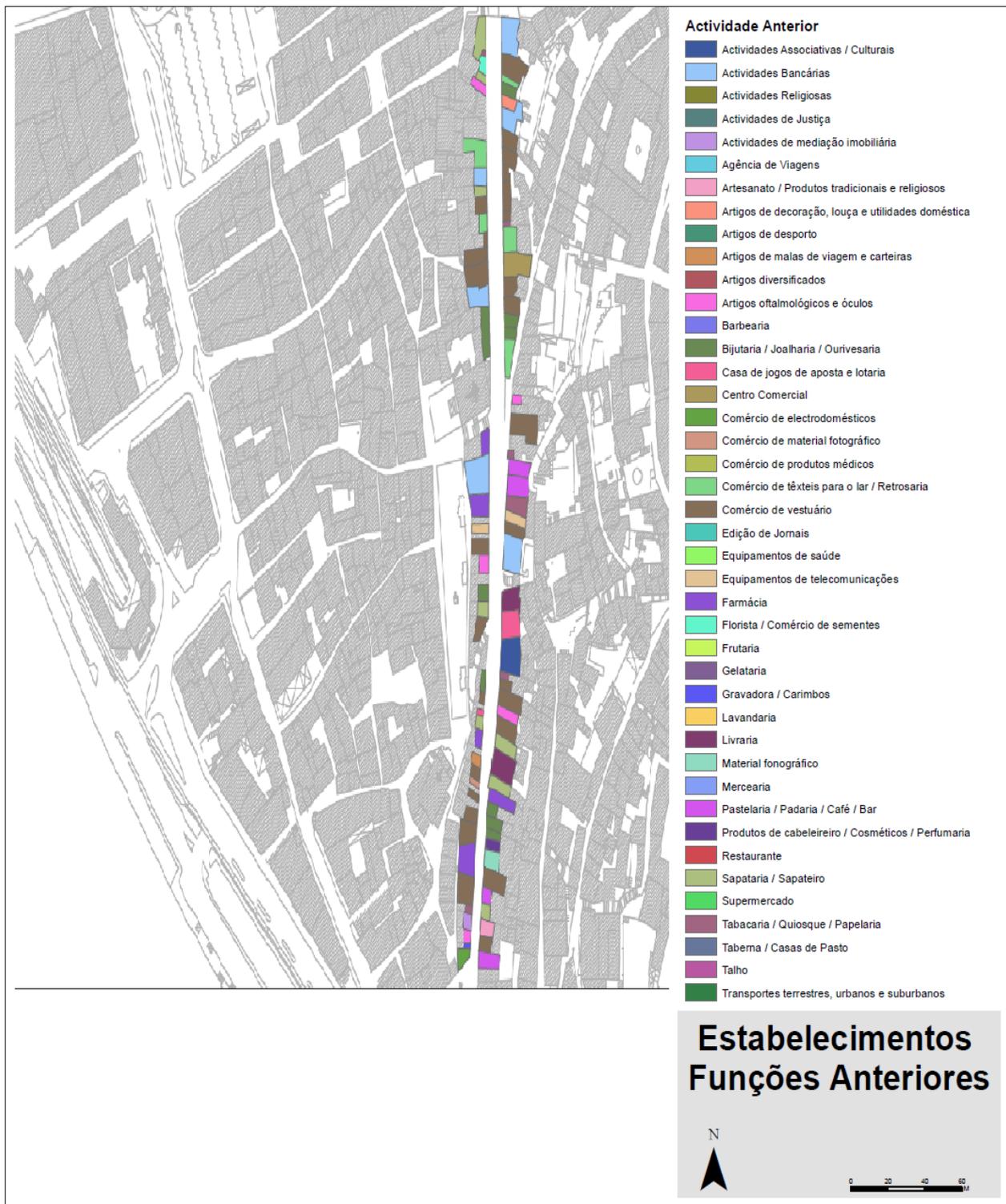


Figura 7- Rua Ferreira Borges e Visconde da Luz- Atividades Anteriores (10 anos)

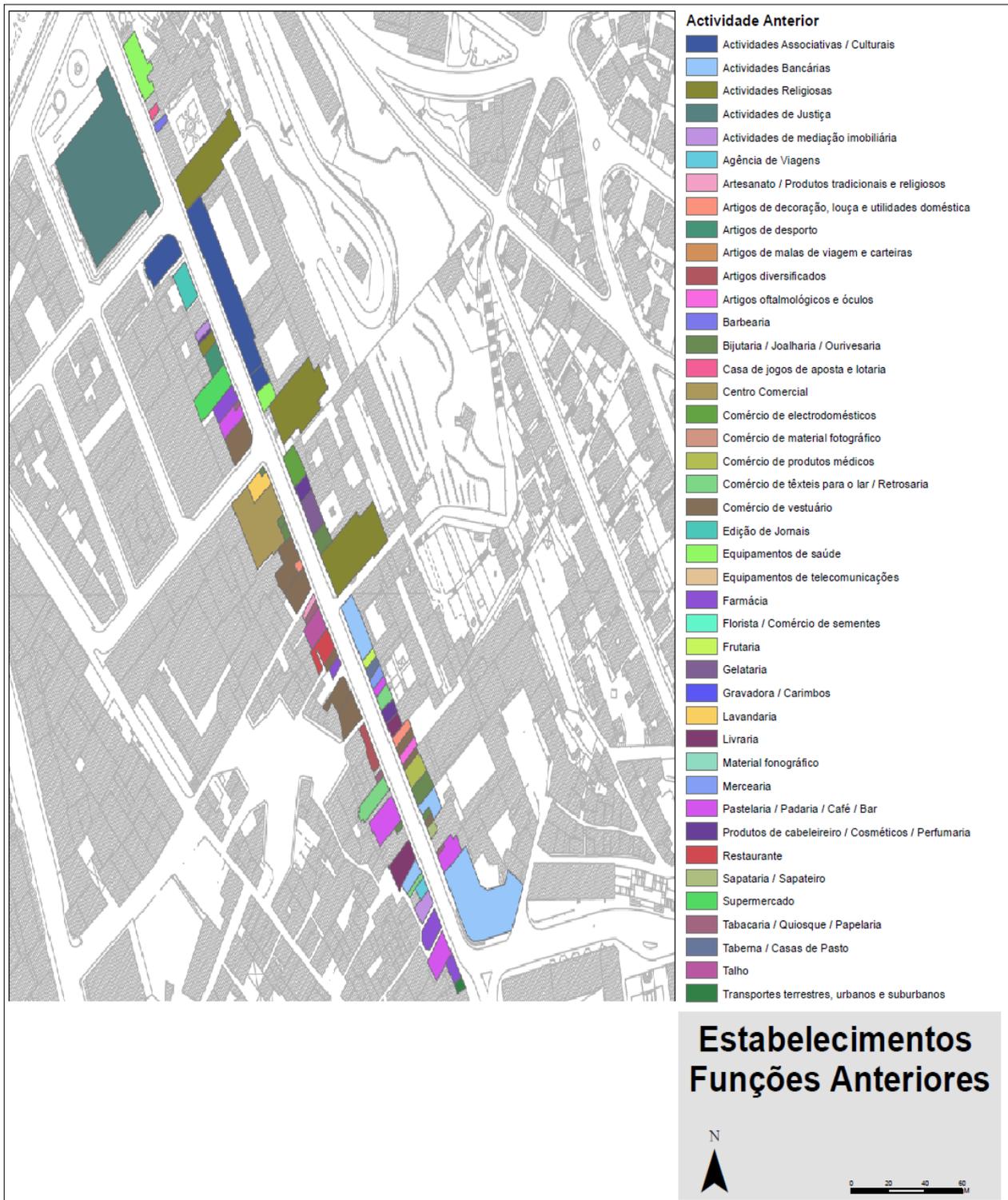


Figura 8- Rua da Sofia- Atividades Anteriores (10 anos)



Figura 9- Alteração das atividades e edifícios devolutos- Rua Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia

2.3.9 Problemas Identificados

Ao longo do presente trabalho, fomos de uma forma indireta enunciando alguns dos principais problemas da Baixa de Coimbra. Importa agora realçá-los.

Desde logo, identificamos o estado de conservação do edificado como um dos mais sérios problemas nas ruas estudadas.

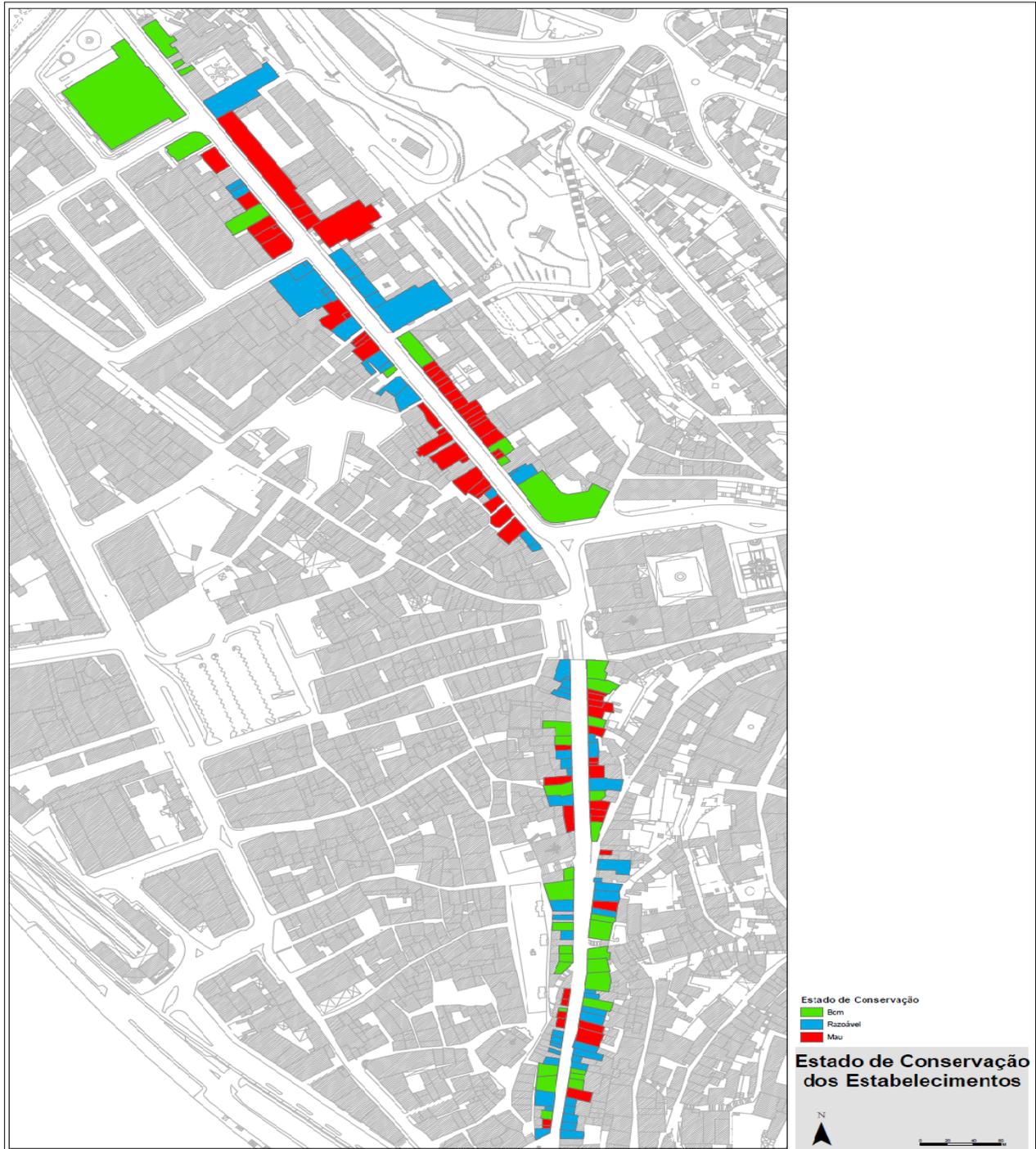


Figura 10- Estado de conservação do edificado- Rua Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia

Observámos que em todas elas, existem edifícios em muito mau estado de conservação, a necessitar de obras urgentes de requalificação. O facto de os edifícios estarem visivelmente degradados, coloca os comerciantes e a pouca população habitacional em perigo, afasta possíveis habitantes de se fixarem e espelha a nível turístico uma imagem degradada e pouco cuidada do centro histórico.

É certo que a este nível, muitos edifícios já foram recuperados nomeadamente, nas ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz através do programa de reabilitação urbana, Coimbra Viva SRU do qual falaremos mais à frente, no entanto, é preciso continuar a apostar na requalificação e reabilitação destes espaços, de modo a torná-los mais atrativos para a fixação de novas famílias e habitantes e dar outra “vida” ao comércio e turismo da Baixa.

Outro problema também anteriormente mencionado, é a perda progressiva da função habitacional.

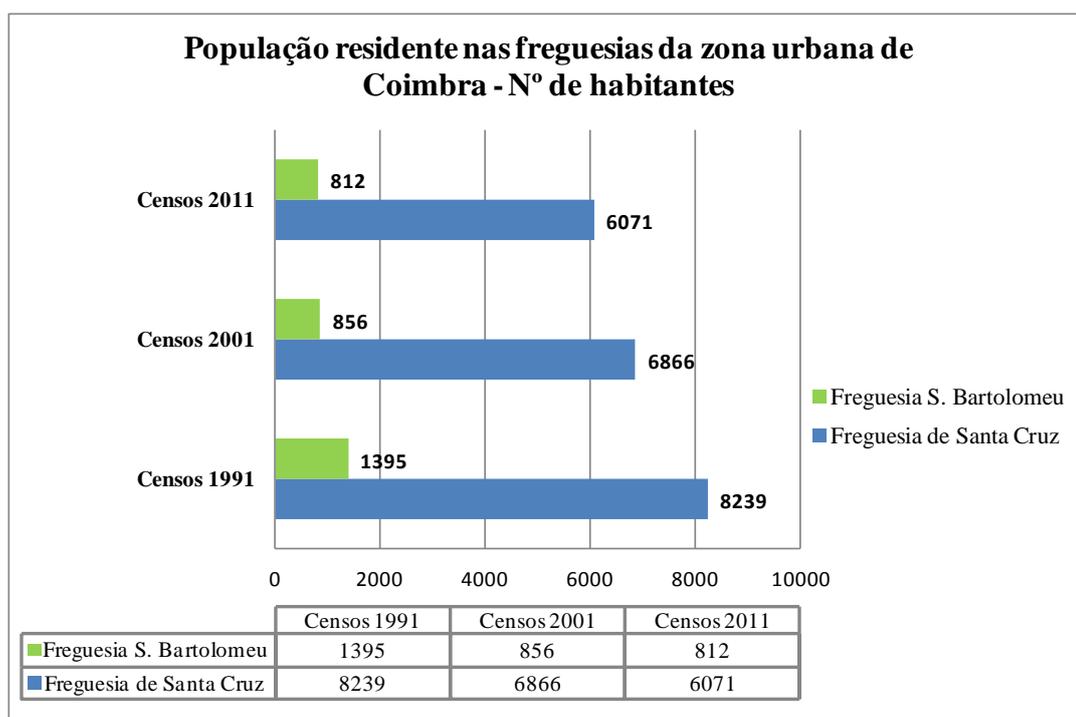


Figura 11- Comparação da população residente nas freguesias da zona urbana de Coimbra (S. Bartolomeu e Santa Cruz) entre 1991- 2011¹⁷⁶

Ao analisarmos os dados do Instituto Nacional de Estatística, relativos ao número de residentes nas freguesias de S. Bartolomeu e Santa Cruz – freguesias onde se encontram localizadas as ruas em estudo¹⁷⁷ – entre 1991 e 2011, verificamos que nos

¹⁷⁶ Dados retirados do INE, Instituto Nacional de Estatística, em 2 de julho de 2013.

¹⁷⁷ As ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz pertencem à freguesia de S. Bartolomeu. Por sua vez, a rua da Sofia pertence à freguesia de Santa Cruz.

últimos 20 anos, a população residente tem vindo a decrescer significativamente nestas duas freguesias da Baixa da cidade.

Muitos destes edifícios encontram-se desabitados nos pisos superiores, em alguns casos, mesmo abandonados. É urgente tornar a Baixa um local atrativo para a fixação de novas famílias e novos habitantes, recuperando assim a função habitacional no centro histórico.

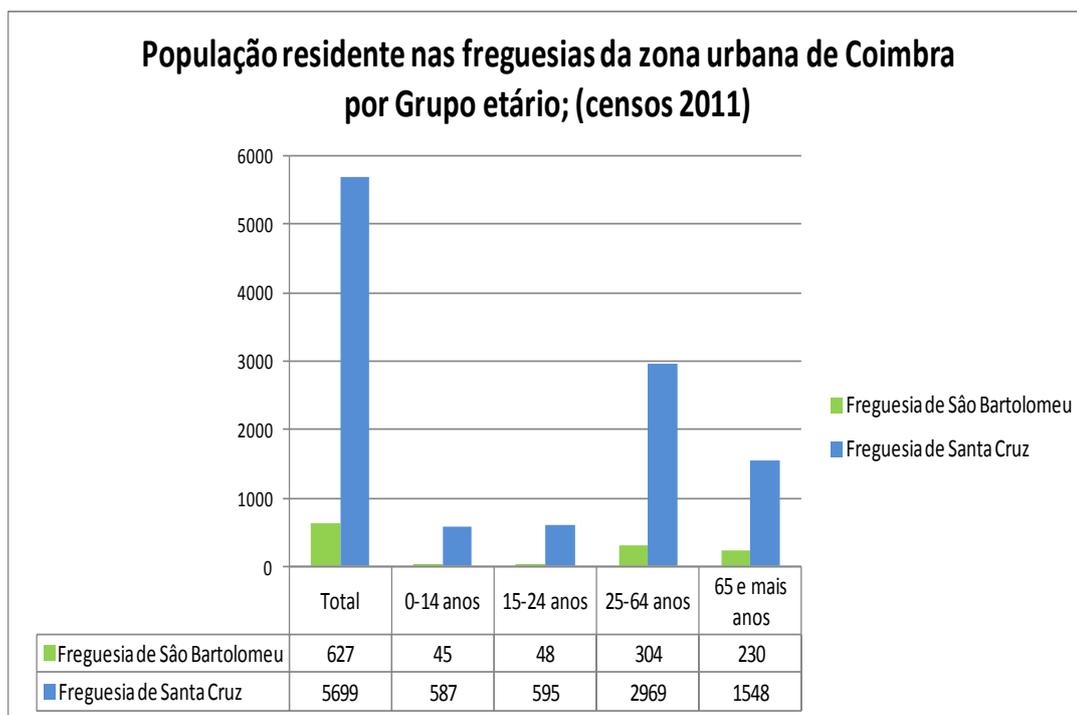


Figura 12- População residente nas freguesias da zona urbana de Coimbra (S. Bartolomeu e Santa Cruz) por Grupo etário¹⁷⁸

Verificamos ainda, através dos dados relativos ao grupo etário dos residentes que compõem as freguesias de S. Bartolomeu e Santa Cruz – freguesias onde se encontram localizadas as ruas em estudo – que a escassa população que ainda reside nestas ruas, é uma população idosa (com idades superiores a 65 anos) com um número muito reduzido de jovens, não existindo portanto, uma efetiva renovação dos seus residentes. Ao tornar-se um pólo atrativo, para famílias jovens e até mesmo estudantes, todo o espaço ganhará nova vida social e comercial desenvolvendo assim a economia local.

Contudo, um dos maiores problemas atuais da Baixa de Coimbra, é a perda progressiva de importância comercial do espaço. A Baixa de Coimbra «era até há uns anos atrás “o centro de comércio por excelência da cidade” uma vez que era aí que a maior parte do comércio se mantinha concentrado. Porém, a baixa qualidade do

¹⁷⁸ Dados retirados do INE (Instituto Nacional de Estatística) em 15 de julho de 2013

comércio conimbricense, traduz-se “na fuga dos clientes com maior poder de compra e que exigiam maior qualidade nos estabelecimentos e nos produtos, para outros centros melhor apetrechados” que se têm vindo a dispersar sobretudo, para zonas mais periféricas da cidade. Assim sendo, a centralidade que a Baixa de Coimbra assumia até então, tem vindo a perder-se com o aparecimento de novos espaços comerciais e o conseqüente desaparecimento de alguns dos antigos estabelecimentos»¹⁷⁹.

De facto, o surgimento de novos espaços comerciais veio retirar a importância às atividades comerciais da Baixa Coimbrã. A partir da década de oitenta do século passado, assistimos a um aumento progressivo dos centros comerciais por toda a malha urbana de Coimbra.

Esse crescimento iniciou-se em «1980 com a construção do Golden Shopping Center, na Avenida Sá da Bandeira. Seguidamente continuaram a aparecer, em Coimbra, novos espaços comerciais: o Centro Comercial Sofia e Girasolum (criados em 1983), o Centro Comercial Visconde (1986), as Galerias do Arnado e as Galerias Avenida (ambas de 1988), bem como os centros comerciais da zona de Celas – Mayflower (1982), Primavera (1985) e Tropical (1990) – e mais tarde o Coimbra Shopping (1993) (Peixoto, 1995 e Brandão, 1994). Nos últimos anos assistimos ainda ao aparecimento de mais dois espaços comerciais de grande dimensão – o Centro Comercial Dolce Vita e o Fórum Coimbra, inaugurados em 2005 e 2006, respetivamente»¹⁸⁰. Estes novos estabelecimentos comerciais, vieram alterar por completo a dinâmica comercial da cidade. Com o seu aparecimento, a Baixa foi perdendo a sua importância «enquanto centro vital de comércio em Coimbra, “para ser um entre vários” espaços comerciais existentes na cidade».¹⁸¹

Será necessário um grande esforço para que o comércio da Baixa seja de novo valorizado e procurado pelos consumidores. Esta é de facto, a maior preocupação das entidades locais, que nos últimos anos têm encetado esforços para devolver a atividade comercial ao centro histórico. É neste ponto, que de forma humilde, coloco algumas questões. Terá a cidade de Coimbra, através dos seus consumidores, capacidade para absorver tantos espaços comerciais? Não terão as autoridades locais responsabilidade pela atual situação da Baixa coimbrã, ao permitirem a difusão de diversos estabelecimentos comerciais pela malha urbana da cidade? De que forma e com que

¹⁷⁹ Susana Margarida Valente da Silva, *Deambulando pela Baixa de Coimbra: O Comércio Tradicional em contexto Urbano*, 2009, pág. 17.

¹⁸⁰ *Idem*.

¹⁸¹ *Idem, Ibidem*.

iniciativas se pode devolver a vitalidade comercial e económica à Baixa de Coimbra? São questões que deixo em aberto.

Para terminar este ponto, importa ainda identificar outros problemas que afetam a Baixa de Coimbra e que de algum modo, interferem na sua dinâmica social, cultural e económica. Muitos dos problemas anteriormente mencionados, já estão devidamente identificados pelas entidades e autoridades locais.

O Gabinete para o Centro Histórico de Coimbra, organismo do qual falaremos posteriormente, através dos seus inquéritos¹⁸² aos habitantes, comerciantes e clientes do centro histórico (onde se inserem as ruas em estudo), obteve uma lista de problemas que na opinião dos inquiridos, condicionam em si o comércio na Baixa, a fixação de habitantes e a dinâmica comercial do espaço.

Nesse sentido, os principais problemas identificados assentam na progressiva degradação do edificado, já anteriormente referido, degradação dos monumentos históricos, aumento de vandalismo (espaços vandalizados com grafitis, vidros partidos), encerramento e abandono dos espaços, falta de segurança (escassez de policiamento no horário diurno e noturno), aumento da criminalidade e situações de toxicodependência e prostituição (principalmente no horário noturno), ruas e espaços em constantes obras, falta de estacionamento, trânsito elevado nas vias de acesso, desvitalização comercial.

Os problemas estão de facto identificados. É necessário contudo, atuar no sentido de os solucionar. Seguidamente, iremos analisar a atuação de organismos e instituições, que têm como principal objetivo reabilitar, requalificar e revitalizar a Baixa de Coimbra e o seu comércio.

¹⁸² Susana Margarida Valente da Silva, *Deambulando pela Baixa de Coimbra: O Comércio Tradicional em contexto Urbano*, 2009, pág. 42 a 58.

2.4 Requalificação da Baixa de Coimbra – Projetos e iniciativas

2.4.1 Conceito de Reabilitação Urbana – Coimbra Viva SRU

Nos últimos anos, assistimos a diversas tentativas de valorização do centro histórico de Coimbra. Identificados os principais problemas, surgiram alguns organismos de apoio à sua revitalização. É no âmbito dessa preocupação, que surge em 2005, a Sociedade de Reabilitação Urbana, Coimbra Viva SRU (responsável pela requalificação da “Baixa Coimbrã”). Este organismo atua, em permanente contacto com o Gabinete para o Centro Histórico, organismo integrado na Câmara Municipal, que tem como área de intervenção a parte “Alta” da cidade.

Estes dois organismos, que atuam em zonas diferentes do centro histórico, cooperam entre si para o preservar, reorganizar, reestruturar e reabilitar. Analisaremos seguidamente, o seu modo de atuação.

Tal como outras cidades portuguesas, Coimbra, ao longo dos últimos anos, tem visto o seu centro histórico a perder cada vez mais importância num vertiginoso processo de degradação. Nesse sentido, também como em outras cidades do nosso país, foi constituída, uma Sociedade de Reabilitação Urbana, denominada de Coimbra Viva SRU. Entendamos por reabilitação urbana o «processo de transformação do solo urbanizado, compreendendo a execução de obras de construção, reconstrução, alteração, ampliação, demolição e conservação de edifícios, tal como definidas no regime jurídico da urbanização e da edificação, com o objetivo de melhorar as suas condições de uso, conservando o seu carácter fundamental, bem como o conjunto de operações urbanísticas e de loteamento e obras de urbanização que visem a recuperação de zonas históricas e de áreas críticas de recuperação e reconversão urbanística.»¹⁸³

Desta forma, a Coimbra Viva SRU é constituída em 2005, com o principal objetivo de reabilitar e recuperar o centro histórico de Coimbra, nomeadamente, a zona conhecida como Baixa. A Coimbra Viva SRU é um organismo que conjuga investimentos do Instituto Nacional de Habitação e da Câmara Municipal de Coimbra. A sua área de intervenção é a Baixa de Coimbra, demarcada em oito quarteirões, num total de 14 hectares.

¹⁸³ Hugo Silva, *Estudo de metodologias de reabilitação urbana em zonas históricas – sociedades de reabilitação urbana*, 2007, pág. 43.

Os principais objetivos da sua atuação consistem na reabilitação e recuperação do edificado existente, espaços públicos e equipamentos, revitalização das funções e ocupações das atividades instaladas, fomentar o desenvolvimento económico, cultural e comercial da Baixa Coimbrã, criar boas condições de habitabilidade, para que o espaço se torne apelativo para as novas gerações e contrarie assim, o abandono e envelhecimento da população residente atualmente no espaço. Este último ponto, é uma das principais preocupações deste organismo, que visa reabilitar e recuperar o espaço intervencionado, para que nele se fixe uma população jovem (recém-licenciados, estudantes, famílias em início de vida conjugal) revitalizando desta forma o lugar.

Este organismo tem ainda como objetivo central, desenvolver e garantir a coesão urbana, unindo a Baixa com as restantes zonas urbanas, nomeadamente a Alta de Coimbra, zona da cidade que concorre a património da Unesco, tornando deste modo o centro histórico valorizado, coeso, requalificado e revitalizado.

2.4.2 Gabinete para o Centro Histórico de Coimbra

Como observámos ao longo do presente trabalho, o estado de conservação do edificado é de facto, um dos maiores problemas existentes na Baixa de Coimbra. Deste modo, o Gabinete para o Centro Histórico define-se como um organismo que tem como missão «apoiar os proprietários nos processos de recuperação e reabilitação dos edifícios. [...] Agindo como entidade facilitadora e impulsionadora do processo de reabilitação urbana»¹⁸⁴. Deste modo, através de um conjunto de incentivos fiscais e financeiros aos proprietários dos edifícios, o Gabinete pretende requalificar e recuperar o centro histórico.

Nesse sentido, o Gabinete em conjunto com outras entidades, promove para todos os proprietários que pretendam requalificar os seus edifícios, uma série de incentivos fiscais – deduções no IRS dos proprietários; redução de impostos; isenção de IRC; IVA com taxas reduzidas; reduções no IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis) bem como um conjunto de programas de apoio à reabilitação urbana como o PRAUD (Programa de Reabilitação de Áreas Urbanas Degradadas), RECRIA (Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis Arrendados), REHABITA (Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas), RECRIPH (Regime

¹⁸⁴Artigo “Como intervir no Centro Histórico de Coimbra” in http://gch.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2009/12/Como-Intervir-no-Centro-historico_2011.pdf- (acedido a 2/01/2013).

Especial de Participação e Financiamento na Recuperação de Prédios Urbanos em regime de Propriedade Horizontal) entre outros.

2.4.2.1 “Universidade de Coimbra- Alta e Sofia”- Património Mundial

É ainda importante referir que o Gabinete para o Centro Histórico, em conjunto com outras entidades como a Câmara Municipal de Coimbra e a Universidade, esteve envolvido na recente classificação da Universidade de Coimbra- Alta e Sofia, como património mundial pela Unesco. Esta candidatura, já iniciada nos anos noventa, foi finalmente confirmada a 22 de Junho de 2013, refletindo, o trabalho e a preocupação do GCH em reabilitar e preservar o centro histórico da cidade, não apenas ao nível do património edificado, mas também ao nível do património cultural e social.

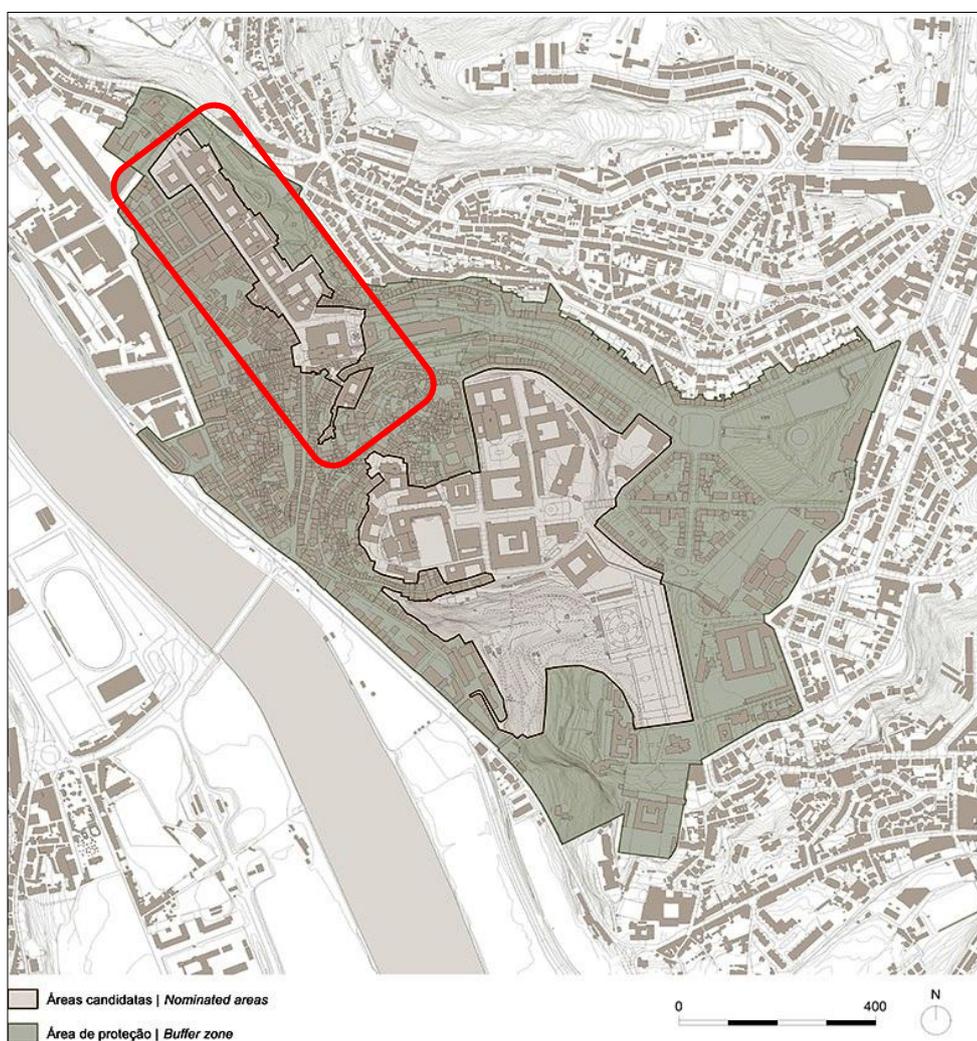


Figura 13- Cartografia da área considerada de Património Mundial¹⁸⁵.
O retângulo a vermelho diz respeito à rua da Sofia.

¹⁸⁵ Cartografia retirada de <http://gch.cm-coimbra.pt/2013/06/25/universidade-de-coimbra-alta-e-sofia-patrimonio-mundial/o-bem-2/> (acedido em 15-07-2013).

Deste modo, a Rua da Sofia, uma das ruas em análise no presente trabalho, é atualmente considerada Património Mundial da Humanidade. A sua área classificada corresponde a um total de 6,5 hectares, onde para além do património edificado – onde se localizam antigos colégios universitários - se encontra valorizado o património cultural e imaterial ligado às tradições e costumes da Universidade.

Esta classificação representa para a rua da Sofia uma nova esperança na recuperação e valorização do seu património edificado, que como analisámos anteriormente, requer de uma rápida atuação.

2.4.3 Agência de Promoção para a Baixa de Coimbra [Coimbra ConVida]

A Agência de Promoção da Baixa de Coimbra designa-se como uma «associação sem fins lucrativos constituída desde 2004 e que tem por objetivo promover a Baixa de Coimbra enquanto centro comercial a céu aberto dinamizando comércio e serviços, e enquanto área em que se conjugam comércio, cultura, turismo e lazer»¹⁸⁶

Para concretizar os seus objetivos, esta associação já promoveu, ao longo dos últimos anos, algumas iniciativas como:

- Diversas sessões da “Noite Branca”- atividade que promove a visita ao comércio da Baixa em horário noturno alargado (até às 24h), onde para além de preços reduzidos, os visitantes podem contar com diversas festas temáticas, provas gastronómicas, animação de rua, etc.
- “Aos Sábados a Baixa marca a diferença”- iniciativa que visa atrair visitantes à Baixa de Coimbra ao sábado, durante todo o dia com descontos nos produtos nas lojas aderentes, animação de rua e animação noturna.
- Parcerias com os SMTUC (Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra) através da criação de uma linha urbana de autocarro (nº42), na gíria conhecido como o “Pantufinhas”, que aproxima os conimbricenses ao centro histórico da cidade passando pela Alta e Baixa de Coimbra.
- Outras iniciativas como a “Noites de Natal” (comércio da Baixa aberto até às 23h com preços reduzidos); amostras gastronómicas, espetáculos de magia, noites temáticas, música e animação de rua, folclore, entre outras.

¹⁸⁶ Fonte: <http://www.baixadecoimbra.com> (acedido a 11/01/2013).

2.4.4 Sociedade Metro Mondego

Ao falarmos das funções e transformações ocorridas na Baixa de Coimbra nos últimos anos, não poderíamos deixar de mencionar um projeto que promete alterar a configuração da Baixinha como hoje a conhecemos.

É certo que a linha traçada para a passagem do metro de superfície, não abrange as ruas estudadas e analisadas ao longo do presente trabalho, no entanto, o projeto “promete” alterar a estrutura do espaço que hoje conhecemos, sendo considerado pelos responsáveis da Coimbra Viva SRU e Metro Mondego como um «catalisador do processo de requalificação do centro histórico através da introdução de fatores novos de mobilidade a toda esta zona, criando uma oportunidade para, em relativamente pouco tempo, fazer uma reabilitação rápida e integrada de dois quarteirões situados no coração da Baixa de Coimbra, acelerando o processo de criação de novas dinâmicas comerciais e nova atratividade habitacional que permita acelerar o processo de requalificação urbana»¹⁸⁷.

O projeto está dividido em duas fases, sendo a primeira a modernização da linha ferroviária entre Coimbra e Serpins (Lousã) e a segunda a construção de uma linha urbana que irá ligar a estação Coimbra-B ao novo Hospital Pediátrico de Coimbra. Para o presente trabalho, interessa analisar a linha urbana do futuro sistema metropolitano de Coimbra.

A rede urbana ou Linha do Hospital, assim denominada no projeto, ligará a futura estação Aeminium (Loja do Cidadão) ao Hospital Pediátrico de Coimbra, através de dez estações (Câmara Municipal, Mercado D. Pedro V, Praça da República, Universidade, Arcos do Jardim, Jardim da Sereia, Celas, Universidade- Pólo III, H.U.C, Hospital Pediátrico). Deste modo, esta linha urbana ligará a parte Baixa da cidade à Alta Coimbrã, contribuindo assim, para uma maior aproximação dos espaços e sua respetiva valorização.

Neste projeto a Sociedade Metro Mondego e a Coimbra Viva SRU, trabalharão em conjunto de forma a compatibilizar ao máximo as «soluções previstas no projeto da Metro Mondego com as estratégias definidas na Primeira Unidade de Intervenção da Coimbra Viva SRU»¹⁸⁸. Neste sentido, o futuro metro de superfície não será somente um meio de transporte e mobilidade de pessoas e bens, como também contribuirá para a

¹⁸⁷ Daniel José Pinto Tiago, *Requalificação Urbana da Baixa de Coimbra*, 2010, pág. 65.

¹⁸⁸ Daniel José Pinto Tiago, *Requalificação Urbana da Baixa de Coimbra*, 2010, pág. 65.

valorização do centro histórico de Coimbra, do seu património edificado e das suas atividades económicas e comerciais.

Neste momento, o projeto da implementação de um sistema metropolitano de superfície está estagnado. Os problemas económicos que o país apresenta atualmente, fazem com que a obra, já iniciada na linha da Lousã, esteja neste momento parada há espera de novos financiamentos e decisões. No entanto, no futuro, ao ser realizada trará uma nova dinâmica à Baixa de Coimbra e a todas as suas atividades.

3. Aplicação didática da temática nas disciplinas de História e Geografia

Depois de concluirmos o estudo da temática em análise trabalhada ao longo do ano nos seminários científicos de Geografia e História, é chegado o momento de apresentar a sua aplicação pedagógica. Deste modo, exponho seguidamente de forma distinta as duas propostas de aplicação pedagógica do referido tema, nas áreas disciplinares de História e Geografia.

As propostas didáticas seguidamente apresentadas, não foram aplicadas no decorrer do Estágio Pedagógico, em virtude da temática estudada não se poder enquadrar nos conteúdos programáticos do 9º ano nas disciplinas de História e Geografia. No entanto, foram organizadas, planeadas e pensadas com o intuito de serem concretizadas com as turmas com que trabalhei (9ºanos) com o objetivo de recolher materiais e alargar os conhecimentos dos alunos sobre a cidade, com vista à construção de materiais destinados a integrar uma exposição designada de “As grandes transformações espaciais, funcionais e industriais da cidade de Coimbra durante o século XX”. Essa exposição seria realizada conjuntamente com os meus colegas de estágio Cláudio Brito e João Tavares, no âmbito dos temas dos seus trabalhos e das suas aplicações pedagógicas. Ambos trabalharam nos seus relatórios, a cidade de Coimbra em diferentes perspetivas – Transformações espaciais e urbanas ocorridas na cidade de Coimbra durante o século XX e Transformações industriais em Coimbra desde os inícios do século XX – sendo exequível esta ponte de contacto entre os três trabalhos científicos. As propostas didáticas dos três trabalhos científicos seriam desenvolvidas ao longo do ano letivo, culminando com uma grande exposição conjunta no seu término.

3.1 Aplicação didática na disciplina de História

O trabalho até aqui elaborado insere-se sobretudo numa perspetiva da História local. História essa, que «tem conhecido nos últimos tempos, um progressivo desenvolvimento devido ao interesse da investigação histórica atual pelos estudos das comunidades locais que se tem traduzido num crescente número de trabalhos académicos tendo por objetivo a análise das realidades locais»¹⁸⁹. Foi sobretudo através desses estudos e no interesse cada vez mais vincado da História local, que conseguimos elaborar o presente trabalho recorrendo a diversos autores e estudiosos que ao longo dos anos têm desenvolvido, conhecido, pesquisado e aprofundado a história de Coimbra.

Apesar do contínuo interesse e aprofundamento da História local, «os programas atuais do 3º ciclo e Secundário ainda não refletem essa tendência»¹⁹⁰, estando esta apenas presente na escola através de «iniciativas individuais de professores»¹⁹¹ que a veem como uma mais valia para o ensino da História geral. Apesar de muitos a considerarem incompatível com a História nacional¹⁹², a História local pode ser de facto muito útil, pois a partir dela os alunos podem conhecer e aprofundar mais a História nacional estudando e «confrontando as suas semelhanças, contrastes específicos [e] relações»¹⁹³. Para além deste argumento, a História local permite atingir alguns dos objetivos e competências desejados na disciplina de História tais como:

- Inserção do aluno na realidade do passado, permitindo que este conheça e compreenda melhor a sociedade e o local onde reside, e no qual poderá futuramente intervir como cidadão ativo;

- Contacto com as instituições e identidades locais e o seu funcionamento, permitindo que o aluno se integre no meio, valorize-o, compreenda o seu funcionamento democrático «acentuando o carácter formativo da História na preparação para o exercício de uma cidadania consciente»¹⁹⁴;

¹⁸⁹ Maria Cândida Proença, *Didática da História*, 1992, pág. 199. A partir deste momento esta obra será referida como: Maria Cândida Proença, *Op. Cit.*, 1992, página correspondente.

¹⁹⁰ Maria Cândida Proença, *Op. Cit.*, 1992, pág. 201.

¹⁹¹ *Idem.*

¹⁹² *Idem, Ibidem.*

¹⁹³ *Idem, Ibidem.*

¹⁹⁴ *Idem, Ibidem.*

- O recurso e o contacto com as fontes locais permite «familiarizar o aluno com o método de pesquisa histórica»¹⁹⁵ desenvolvendo competências ao nível da análise histórica, do espírito crítico, do rigor e da reflexão.

Para além destes objetivos, o estudo da História local permite motivar os alunos uma vez que, possibilita a utilização e aplicação de técnicas do seu interesse como a fotografia, a entrevista, o inquérito de rua, as visitas de estudo e os trabalhos de grupo, como também fá-los contactar com pessoas, locais e monumentos por eles já conhecidos «proporcionando-lhes uma relação mais íntima com o passado que se traduz numa melhor compreensão empática dos fenómenos históricos»¹⁹⁶.

Nesse sentido, e após constatarmos a importância da História local, optámos pela realização de uma visita de estudo à Alta da Cidade – através da visita ao Núcleo da Cidade Muralhada de Coimbra e de um passeio pedonal pelo espaço muralhado da cidade e à sua “Baixinha” – percorrendo as ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia.

Optámos pela organização de uma visita de estudo pois consideramos que esta é de facto, uma «das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador da saída do espaço tradicional no desenrolar do processo de ensino-aprendizagem»¹⁹⁷. A visita de estudo permite realizar um ensino ativo e interessante da história, onde o aluno através do contacto direto, da sua observação, da explicação do guia ou do professor e da sua própria exploração, desenvolve competências no «domínio do espírito de observação, pesquisa, espírito crítico, bem como da sociabilidade»¹⁹⁸. Para além das competências anteriormente mencionadas, a realização de uma visita de estudo devidamente planificada e organizada, permite ao aluno desenvolver o gosto pela história e assumir uma postura cívica e de respeito pela preservação do património histórico-cultural.

No caso da presente proposta, o contributo para a referida exposição, seria as cartolinas elaboradas pelos alunos, devidamente trabalhadas em conjunto com o professor. Deste modo, apresento seguidamente o plano e o itinerário da proposta de visita de estudo.

¹⁹⁵ Para um estudo mais aprofundado da utilidade da História local no ensino da História ver Maria Cândida Proença, *Op. Cit.*, 1992, pág. 199-201.

¹⁹⁶ *Idem.*

¹⁹⁷ *Idem, Ibidem.*

¹⁹⁸ *Idem, Ibidem.*

3.1.1 Plano da Visita de Estudo

“Coimbra: A Almedina e o Arrabalde”

Data: ____/____/____

(a proposta é que seja realizada no final de ano letivo, em virtude de uma maior disponibilidade dos alunos)

Hora de Partida: Às 09:00 horas

Hora de Chegada: Às 17:00 horas

Local a visitar: Alta e Baixa de cidade de Coimbra

Objetivos da visita de estudo:

- Dar a conhecer aos alunos a Alta e a Baixa da cidade de Coimbra, a evolução história da cidade e a organização da urbe ao longo dos séculos.
- Dar a conhecer aos alunos alguns dos antigos ofícios praticados em diversas ruas da cidade.
- Sensibilizar os alunos para a importância, preservação e conservação do Património em estudo.
- Alertar os alunos para a importância do Património histórico e cultural inserido no crescimento e desenvolvimento económico, turístico e de empregabilidade da cidade de Coimbra.
- Fomentar o interesse pela disciplina de História;
- Valorizar o património local e a sua identidade cultural
- Promover a defesa dos valores democráticos;
- Desenvolver e aprofundar as relações aluno/aluno e aluno/professor.

3.1.2 Itinerário e planeamento da Visita de Estudo

Parte da manhã:

Saída da escola: 09h

Chegada ao Núcleo: 09h30

- **Visita guiada ao Núcleo da Cidade Muralhada (Torre de Almedina)¹⁹⁹**

Duração: 30m/ 45m

Explicação: Visita guiada onde os alunos através da visualização de uma maquete do antigo castelo da cidade, e mediante a explicação do guia, compreenderão a história e a evolução de Coimbra, a organização das suas estruturas defensivas e a configuração do espaço urbano, nomeadamente a Alta da cidade (Castelo, Alcáçova, Paço Episcopal).

- **Passeio pedonal pelo espaço muralhado da cidade²⁰⁰**

Duração: 2h

Explicação: passeio pedonal pela Alta e pelo espaço muralhado da cidade. Nesta visita, os alunos, auxiliados por um panfleto informativo – que contém a explicação histórica das doze torres do antigo castelo e o mapa do percurso e localização dos monumentos – e mediante a explicação do professor (esta visita não tem guia destacado, sendo da responsabilidade do professor a explicação histórica dos monumentos visitados), compreenderão, observarão e consolidarão os conteúdos abordados na visita ao Núcleo. No final do percurso, o professor dirigirá os alunos até ao Parque Verde onde estes poderão descansar do percurso e almoçar.

- **Almoço:** Parque Verde da cidade (Docas) (duração 1h30)

¹⁹⁹ Ver anexo VI (fig. 5) a fotografia da maquete do Núcleo da Cidade Muralhada, executada pelo Centro de Estudos e Arquitetura da Universidade de Coimbra. Coord. e autoria de Walter Rossa, autoria e execução de Sandra Pinto.

²⁰⁰ Ver anexo VI (fig. 6 e 7) o panfleto da visita cedido gentilmente pelo Núcleo da Cidade Muralhada.

Parte da tarde:

- **Visita pedonal pela Baixa coimbrã (ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia)**

Duração: 1h30m

Explicação: Após almoço o professor conduzirá os alunos pela Portagem, Rua Ferreira Borges, Visconde da Luz, Praça do 8 de Maio e rua da Sofia. Durante este percurso, o professor explicará a evolução histórica das ruas percorridas (Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia), dando ênfase à sua toponímia, à evolução do espaço, às atividades e funções presentes ao longo dos séculos, à sua importância no contexto urbano de Coimbra e à centralidade do espaço. Aos alunos será distribuído ainda um roteiro de visita²⁰¹, com a informação das ruas percorridas e um conjunto de atividades e desafios para eles concretizarem *in loco*. Pretende-se deste modo que os alunos sejam agentes ativos na visita de estudo e no processo de ensino-aprendizagem.

Finalizada a visita existirá um tempo para o lanche e convívio.

Chegada prevista a Coimbra: 16h15

3.1.3 Aplicação e avaliação da visita de estudo

Após a realização da visita, o professor «deve desenvolver com os alunos atividades de aplicação dos conhecimentos adquiridos e de avaliação do trabalho desenvolvido»²⁰². Nesse sentido, será proposta à turma um concurso de cartolinas realizado do seguinte modo:

1. O professor solicitará à turma que se divida em grupos de quatro.
2. A cada grupo será distribuído um guião de trabalho.²⁰³
3. Cada grupo deverá escolher uma fotografia que tenha tirado ao longo da visita e colá-la numa cartolina.
4. Após escolherem a fotografia devem informar o professor da sua seleção, para que este os ajude na pesquisa do trabalho (bibliografia, sítios da internet, etc.).

²⁰¹ Ver em anexo VIII, o roteiro da visita.

²⁰² Maria Cândida Proença, *Op. Cit.*, 1992, pág. 199.

²⁰³ Ver em anexo IX, o guião de trabalho.

5. O texto deve ser completado com informações recolhidas na visita, bem como através do roteiro e das atividades desenvolvidas *in loco* pelos alunos.
6. Antes de iniciarem a decoração da cartolina, devem entregar o texto explicativo da fotografia ao professor até uma data a definir, para que este possa corrigi-lo atempadamente.
7. Após a elaboração e correção do texto, os alunos procedem à decoração e execução da cartolina. Neste ponto, o apelo à imaginação dos alunos será preponderante, podendo estes decorar a cartolina com os elementos que entenderem e complementar a sua informação com textos, testemunhos entre outros elementos, que acharem oportunos.
8. No final da sua elaboração, as cartolinas serão expostas na escola, procedendo-se posteriormente à seleção das três melhores.

3.2 Aplicação didática na disciplina de Geografia

O trabalho de campo e o estudo de caso²⁰⁴ são sem dúvida, dois dos melhores métodos de aprender as disciplinas de Geografia e História. É ao contactar diretamente com o espaço, com os monumentos, com a paisagem que compreendemos a utilidade prática destas disciplinas que nos permitem conhecer o Homem e o espaço que nos rodeiam.

O estudo de caso «trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores»²⁰⁵. Deste modo, o estudo de caso apresenta-se como uma metodologia preponderante para a análise e compreensão da Baixa de Coimbra, já que permite estudar as suas diferentes e complexas dinâmicas, e analisá-la nos diferentes pontos de vista, serviços funções, problemas, estado de conservação do seu edificado, entre outros.

Nesse sentido, a estratégia escolhida para aplicação didática do presente tema, foi a concretização de um estudo de caso, através da utilização do trabalho de campo, onde os alunos conhecerão e investigarão o caso da Baixa de Coimbra, relativamente às suas funções, serviços e dinâmicas.

²⁰⁴ Para um estudo mais aprofundado ver a obra de Yin Robert, *Estudo de Caso: planeamento e métodos*, 2010.

²⁰⁵ *Idem*

O trabalho de campo apresenta-se como «uma ferramenta pedagógica muito útil, motivadora e eficaz para o êxito do processo de ensino-aprendizagem»²⁰⁶. O treino da observação deve ser mesmo o ponto de partida «para o desenvolvimento do raciocínio analítico que permite o processo de investigação, o despertar do espírito crítico e aberto que em contacto com a realidade a possa entender de modo a aproveitar toda a informação que ela nos dá»²⁰⁷. Deste modo, o trabalho de campo ao ser bem realizado e dirigido, permite que os alunos treinem a observação, tenham contacto direto com o meio físico, social e cultural, aprendendo-o a interpretar, a criticar e avaliar.

É relevante realçar a importância do rigor científico no trabalho de campo bem como depois de o planear, organizar e concretizar, rentabilizar a informação recolhida durante a sua execução.

Deste modo, a estratégia didática selecionada passa pela realização de um trabalho de campo às áreas estudadas ao longo deste trabalho, sendo a estratégia escolhida para avaliar a presente proposta a «elaboração de trabalhos de grupo que terão como base documentos auxiliares como esboços de campo, fotografias, mapas»²⁰⁸.

Seguidamente apresento o plano da visita de campo.

²⁰⁶ Raquel Brito, *Didáctica da Geografia*, Universidade Aberta, 1991.

²⁰⁷ *Idem*.

²⁰⁸ *Idem*, *Ibidem*.

3.2.1. Plano da Visita de Campo

“As Funções da Baixa de Coimbra”

Data: ____/____/____

Hora de Partida: Às 09:00 horas

Hora de Chegada: Às 13:00 horas

Local a visitar: Baixa da cidade de Coimbra (ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia)

Objetivos da visita de campo:

- Dar a conhecer aos alunos a Baixa da cidade de Coimbra, as suas atividades, dinâmicas e problemas.
- Colocar os alunos em contacto com técnicas de investigação e instrumentos específicos da disciplina de Geografia e do trabalho do Geógrafo.
- Desenvolver as competências de observação, de raciocínio lógico dedutivo e espírito crítico nos alunos.
- Encorajar a autonomia dos alunos responsabilizando-os pelos resultados a obter, tornando-os agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem.
- Sensibilizar os alunos para a importância, preservação e conservação do Património em estudo.
- Alertar os alunos para a importância do Património histórico e cultural no crescimento e desenvolvimento económico, turístico e de empregabilidade da cidade de Coimbra.
- Fomentar o interesse pela disciplina de Geografia;
- Valorizar o património local e a identidade cultural local
- Promover a defesa dos valores democráticos;
- Desenvolver e aprofundar as relações aluno/aluno e aluno/professor.

3.2.2 Aplicação e avaliação da visita de campo

1. O trabalho de campo teria como título “As funções da Baixa de Coimbra”.
2. A visita seria realizada numa manhã às ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia.
3. A(s) turma(s) seria dividida em 3 grupos de trabalho onde cada um teria uma rua (ou parte dela) para analisar.
4. Seguidamente, o professor entregaria o mapa²⁰⁹ da rua correspondente e a respetiva grelha de observação²¹⁰ a cada grupo.
5. Cada grupo, durante a visita de campo, teria de se deslocar para a rua que lhe foi distribuída e fazer o levantamento dos serviços que nela se encontram, o estado de conservação dos seus edifícios e problemas identificados.
6. Os alunos deveriam documentar o seu trabalho com fotografias que achassem pertinentes sobre o tema em estudo.
7. Posteriormente, cada grupo redigiria um pequeno relatório onde constariam os dados observados.
8. Para a avaliação dos relatórios seguir-se-iam os seguintes critérios: o tratamento da informação recolhida, a sintetização dos principais assuntos observados, a imaginação/criatividade na sua composição, a apresentação e a qualidade geral dos relatórios.
9. Com as fotografias recolhidas por cada grupo, seria feita uma exposição sobre a temática em estudo.

²⁰⁹ Ver em anexo nº X, um exemplo de mapa.

²¹⁰ Ver em anexo XI, guião e grelha de observação do trabalho de grupo de Geografia.

Conclusão

O presente Relatório de Estágio teve como principal objetivo descrever e compilar as atividades desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico, bem como, apresentar o estudo de natureza científica iniciado nos seminários de Geografia e História e a respetiva proposta de aplicação pedagógica.

No que concerne ao primeiro objetivo, foi sem dúvida um ano letivo bastante enriquecedor e motivante. O ano de Estágio revelou-se um ano exigente mas muito rico em aprendizagens e desafios. Através das atividades letivas desenvolvidas, pude conhecer na sua essência o trabalho de professor, aprendendo a planificar, a preparar e estruturar aulas, a pensar e transmitir conteúdos, a elaborar e corrigir testes e fichas de apoio, a desenvolver ritmos e práticas da docência. O contacto com as turmas, o trabalho e as relações desenvolvidas com os alunos, com os colegas e com os orientadores de escola, foram sem dúvida os pontos mais positivos deste ano.

Por outro lado, as atividades extra letivas permitiram-me conhecer melhor a escola, as suas dinâmicas e relações. Neste ponto, o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estágio foi bastante positivo, tendo por diversas vezes, dinamizado ou participado em atividades, esforçando-se para integrar ao máximo o projeto escolar. As atividades desenvolvidas foram sempre recebidas com entusiasmo por parte dos alunos e pela restante comunidade escolar, o que permitiu ao Núcleo evoluir e adquirir competências.

No que concerne ao trabalho científico desenvolvido, considero que foi importante para consolidar e adquirir competências nas duas áreas disciplinares. Permitiu-me aprofundar um tema que tanto gosto e me cativa, a cidade de Coimbra. É realmente um tema muito vasto e rico, que pode ser estudado em diferentes escalas e perspetivas. Nesse sentido, através do estudo de caso da Baixa de Coimbra – incidindo particularmente no seu eixo principal composto pelas ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia – foi-me possível compreender parte da dinâmica comercial e funcional da cidade.

Deste modo, iniciei o seu estudo com a contextualização histórica da cidade e do seu Arrabalde, analisando posteriormente a evolução histórica das ruas referidas, as suas estruturas e atividades. Desta forma, compreendi o facto deste eixo se ter tornado o principal troço comercial e funcional da cidade com o decorrer dos séculos, mudando de funções e consolidando a sua centralidade na urbe Coimbrã.

Por outro lado, no seminário científico de Geografia, conheci e analisei a dinâmica comercial e funcional destas três ruas. Através do trabalho de campo, inventariei as suas funções e serviços, o estado de conservação do seu edificado, os seus problemas e respetivas soluções, analisando a atuação de programas de reabilitação e requalificação urbana – Coimbra Viva SRU, Gabinete para o Centro Histórico – e de iniciativas à revitalização comercial – Coimbra ConVida. O trabalho de revitalização e requalificação da Baixa Coimbrã ainda está longe de estar concluído. Os problemas já estão identificados, no entanto, as soluções são difíceis de aplicar. Veremos o que o futuro reserva, a um espaço que pela sua história e especificidades, merece ser valorizado e destacado na malha urbana da cidade.

No que diz respeito às propostas de aplicação didática, sinto que embora não as tenha realizado efetivamente, a sua organização e planificação, foi muito produtiva. O facto de pensar a temática ao nível pedagógico e didático, elaborando uma proposta para a sua aplicação na sala de aula foi bastante desafiante. Penso que as estratégias escolhidas, visita de estudo, visita de campo e trabalho de grupo, coadunam perfeitamente com as disciplinas de História e Geografia, permitindo aos alunos desenvolver diversas competências como: capacidade de pesquisa, observação, espírito crítico, síntese de informação, trabalho em equipa, contacto com técnicas de investigação e instrumentos específicos das disciplinas de Geografia e História e do trabalho dos Geógrafos e Historiadores, conhecimento e valorização do património local. Muitas outras propostas poderiam ser equacionadas face à riqueza do tema e à multiplicidade de potencialidades das disciplinas envolvidas.

Deste modo, termino o presente Relatório, consciente dos inúmeros desafios e obstáculos que a profissão de professor enfrenta atualmente. Apesar das poucas perspetivas, anseio um dia, num futuro próximo, poder lecionar e colocar em prática tudo o que aprendi ao longo do Estágio Pedagógico.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de, *Coimbra: A Montagem do cenário Urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

ANDRADE, Carlos Santarém, *Contribuição Extraordinária de Guerra, no termo de Coimbra, em 1808*, sep. *Arquivo Coimbrão*, Coimbra, 1990.

AUGUSTO, Octávio, *A praça de Coimbra e a afirmação da baixa - origens, evolução urbanística e caracterização social*, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013.

BRANDÃO, Jorge Manuel Bastos, *O comércio em Coimbra: a atividade retalhista alimentar num contexto de mudança*, Coimbra, 1994 (Dissertação de Mestrado em Geografia Regional)

BRITO, Raquel Soeiro de, *Didática da Geografia*, Universidade Aberta, Lisboa, 1991

BYRNE, Gonçalo, “Metro ligeiro de superfície na baixa de Coimbra”. Inerções-Seminário internacional de desenho urbano. Inerções, promovido pelo Centro de Estudos do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra 2003.

CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, “O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV”, sep. *Revista Portuguesa de História - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Tomo 41, 2010.

CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal*, 2ªed, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

COELHO, Maria Helena da Cruz, “Coimbra Trecentista – A cidade e o Estudo”, sep. *Biblos – Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. LXVIII, 1992.

GARNIER, Jacqueline Beaujeu, *Geografia Urbana*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983

GOMES, Saul António Gomes, *A comunidade judaica de Coimbra medieval*, Coimbra, Inatel, 2003.

LACOSTE, Yves, *Dicionário de Geografia: da Geopolítica às Paisagens*, Editorial Teorema, Lisboa, 2005

LOBO, Rui, “Os Colégios Universitários em Coimbra: enquadramento na arquitetura universitária europeia e seriação tipológica” in *Revista Monumentos*, nº 25, Lisboa, 2006, pp. 32-46.

LOBO, Rui, “Rua da Sofia: um campus universitário em Linha”, in *Revista Monumentos*, nº 25, Lisboa, 2006, pág. 24-32.

LOUREIRO, José Pinto, *Toponímia de Coimbra*, Câmara Municipal de Coimbra, 1964.

MAGALHÃES, Raquel Romero, “História da cidade de Coimbra”, texto disponível em http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=1424&Itemid=471 (visualizado em 17-05-13).

MAGALHÃES, Raquel Romero, NOGUEIRA, Isabel, *Coimbra: das origens a finais da Idade Média*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2008.

Mappa Topografico Da Cidade de Coimbra Com a Divizão Das Antigas Freguezias, século XVIII, Instituto Geográfico Português, Inv. n.º CA 391. Publicado em *Evolução do espaço físico de Coimbra: exposição*, comissário Santiago Faria, Câmara Municipal de Coimbra, 2006.

MARTINS, Alfredo Fernandes, “Esta Coimbra...: alguns apontamentos para uma palestra” in *Cadernos de Geografia*, Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nº1, pág. 35-78.

MOTA, Guilhermina, “Famílias em Coimbra nos séculos XVIII e XIX”, sep. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 10 Tomo II, Coimbra, 2010.

OLIVEIRA, António de, *Pedaços de História Local- Encantos de Sofia: para a História de uma rua de Coimbra*, vol. I, Coimbra, Palimage, 2010.

PEIXOTO, Paulo, “A sedução do consumo. As novas superfícies comerciais urbanas”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº43, Coimbra, 1995

PROENÇA, Maria Cândida, *Didática da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1992.

ROSSA, Walter, “A Sofia: primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”, in *Revista Monumentos*, nº 25, Lisboa, 2006, pág. 16-24.

ROSSA, Walter, *DiverCidade – Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, tese de doutoramento em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2001.

SILVA, Armando Carneiro da, *Estampas Coimbrãs*, 2ed, vol.II, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 1965.

SILVA, Hugo, “*Estudo de metodologias de reabilitação urbana em zonas históricas – sociedades de reabilitação urbana*”, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2007

SILVA, Susana Margarida Valente da, *Deambulando pela Baixa de Coimbra: O Comércio Tradicional em contexto Urbano*, Coimbra, 2009 (Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia)

TIAGO, Daniel José Pinto, *Requalificação Urbana da Baixa de Coimbra*, Coimbra, 2010, (Dissertação de Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas)

TRINDADE, Luísa, “A Praça e a Rua da Calçada segundo o Tombo Antigo da Câmara de Coimbra (1532)”, sep. *Media Aetas – Revista de Estudos Medievais*, II série, vol. I, 2004/2005, pág. 121-157.

VASCONCELOS, António de, *Os Colégios Universitários em Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1938.

VENTURA, Leontina, “Coimbra Medieval - 1. A gramática do território”, in *Economia, Sociedade e Poderes – Estudos em homenagem a Salvador Dias Arnaut*, Editora Ausência, Coimbra, 2002, pág. 23-40.

XAVIER, Márcia Raquel Ferreira, *Imagem da Baixa de Coimbra: Imaginabilidade, Identidade e Legibilidade*, dissertação de mestrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011.

YIN, Robert K, *Estudo de Caso – Planejamento e Métodos*, Bookman, Porto Alegre, 2010

Fontes consultadas na Internet

<http://www.baixadecoimbra.com>

<http://www.coimbravivasru.pt/>

<http://gch.cm-coimbra.pt/>

<http://www.cm-coimbra.pt>

<http://www.metromondego.pt/>

www.turismodecoimbra.pt

www.uc.pt/unesco/

Fotografias de capa retiradas de:

- Rua Ferreira Borges: <http://coimbraefotos.blogspot.pt/> e <http://blog.ebooking.com.pt/2012/03/reabre-a-brasileira-em-coimbra/> consultado em 24 de Julho de 2013.
- Visconde da Luz: <http://coimbraefotos.blogspot.pt/> e <http://olhares.sapo.pt/coimbra-r-visconde-da-luz-foto3210186.html> consultado em 24 de Julho de 2013.
- Rua da Sofia: <http://coimbraefotos.blogspot.pt/> e <http://www.flickr.com/photos/moldura/6797231033/> consultado em 24 de Julho de 2013.

Anexos

Anexo nº I – Planificação a Longo e Médio Prazo de Geografia

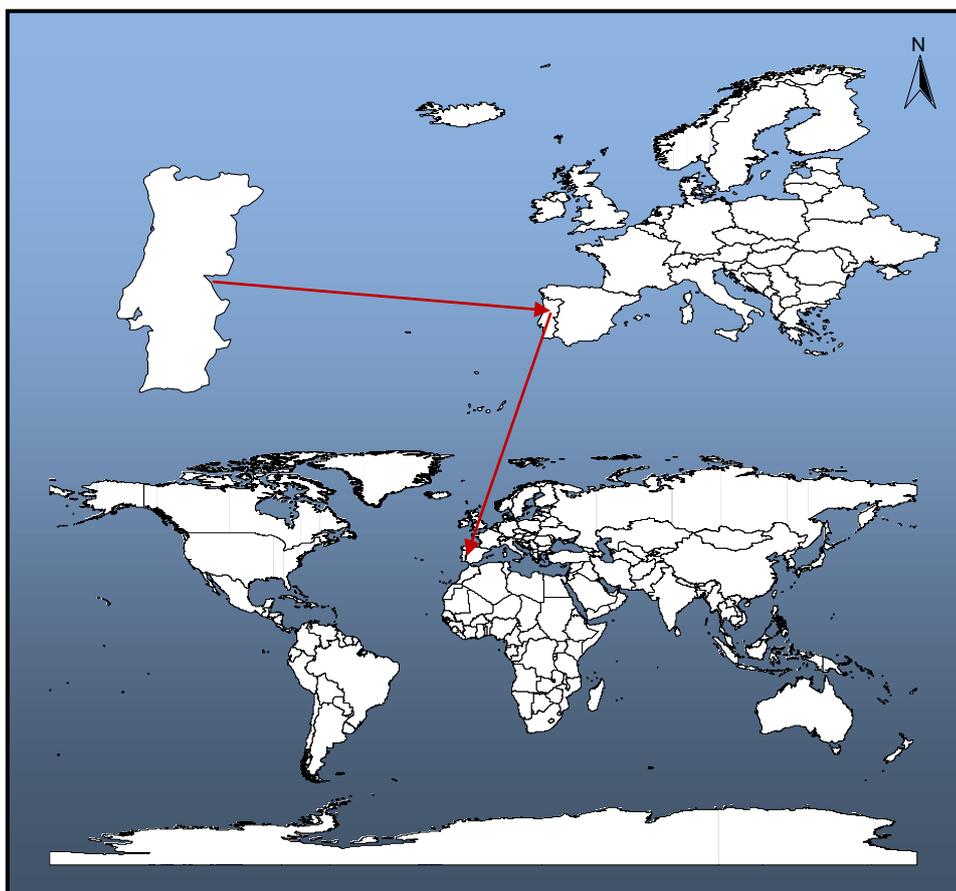


ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES

GRUPO DE GEOGRAFIA (420)

PLANIFICAÇÃO A LONGO E MÉDIO PRAZO

9º ANO



ANO LETIVO: 2012/2013

PREVISÃO DOS TEMPOS LETIVOS

CALENDARIZAÇÃO

1º PERÍODO:

Início das aulas: 14 de setembro

Fim do 1º período: 14 de dezembro

Feriados: 2 dias

Nº de tempos letivos previstos: 39 blocos de 45 minutos

2º PERÍODO:

Início do 2º período: 03 de janeiro

Fim do 2º período: 15 de março

Feriados e/ou outros impedimentos: 3 dias (interrupção do Carnaval)

Nº de tempos letivos previstos: 27 blocos de 45 minutos

3º PERÍODO:

Início do 3º período: 02 de abril

Fim do 3º período: 07 de junho

Feriados: 3 dias

Nº de tempos letivos previstos: 27 blocos de 45 minutos

Nº total de tempos letivos previstos: 93 blocos de 45 minutos

DISTRIBUIÇÃO DOS TEMPOS LETIVOS PREVISTOS

Tempos letivos – 45 min.

	1º Período	2º Período	3º Período
Apresentação	2		
Avaliação Diagnóstica	2		
Avaliação Formativa	2	2	2
Avaliação Sumativa	2	2	2
Correção de testes	2	2	2
Autoavaliação	1	1	1
Desenvolvimento de conteúdos	28	20	20
Total de aulas previstas	39	27	27

Nota:

O subtema: REDES E MEIOS DE TRANSPORTE E TELECOMUNICAÇÃO lecionado no início do 1º Período, faz parte dos conteúdos programáticos do 8º Ano (Tema: Atividades Económicas)

OBJETIVOS GERAIS

- Mobilizar os diferentes saberes (culturais, científicos, tecnológicos) para compreender a realidade explorando a dimensão conceptual e instrumental do conhecimento geográfico no estudo de situações concretas de modo a conhecer o grupo.
- Discutir aspetos geográficos dos lugares/regiões/assuntos em estudo, recorrendo a programas de televisão, filmes, vídeo, notícias da imprensa escrita, livros e enciclopédias.
- Utilizar diferentes tipos de linguagem como textos, quadros, mapas, gráficos, fotografias, filmes e videogramas, como forma de recolher, analisar e comunicar a informação geográfica.
- Utilizar o vocabulário geográfico em descrições orais e escritas de lugares, regiões e distribuições de fenómenos geográficos.
- Utilizar corretamente o vocabulário geográfico para explicar os padrões de distribuição dos fenómenos geográficos, as suas alterações e inter-relações.
- Mobilizar os diferentes saberes linguísticos para apreender e comunicar a informação.
- Adotar metodologias de trabalho adequadas à escala de análise e à diversidade dos fenómenos geográficos em estudo.
- Selecionar as características dos fenómenos geográficos responsáveis pela alteração das localizações.
- Selecionar e utilizar técnicas gráficas, tratando a informação geográfica de forma clara e adequada em gráficos (lineares, histogramas, sectogramas, pirâmides etárias), mapas (de manchas, temáticos) e diagramas.
- Desenvolver a utilização de dados/índices estatísticos, tirando conclusões a partir de exemplos reais que justifiquem as conclusões apresentadas.
- Pesquisar, selecionar e organizar a informação geográfica necessária à análise e compreensão de problemas concretos do Mundo.
- Problematizar as situações evidenciadas em trabalhos realizados, formulando conclusões e apresentando-as em descrições escritas e/ou em material audiovisual.
- Realizar pesquisas documentais sobre a distribuição irregular dos fenómenos naturais e humanos a nível nacional, europeu e mundial, utilizando um conjunto

de recursos que incluem material audiovisual, CD-ROM, Internet, notícias da imprensa escrita, gráficos e quadros de dados estatísticos.

- Realizar atividades de forma autónoma e criativa, como trabalho de campo, simulações, jogos, estudo de situações concretas, mobilizando os conhecimentos geográficos.
- Cooperar com os outros em projetos e trabalhos comuns, realizando atividades em grupo, discutindo diferentes pontos de vista, refletindo sobre a experiência individual e a perceção que cada um tem da realidade, de modo a compreender a relatividade do conhecimento geográfico do mundo real.
- Contribuir para a criação, na sala de aula, de um clima favorável.
- Garantir a segurança e a higiene do espaço e dos equipamentos.
- Adotar posturas corporais corretas.

DISTRIBUIÇÃO DOS BLOCOS DE AULAS PREVISITAS

1º Período		Tempos Previstos 45 min.
Áreas Temáticas / Conteúdos	<p>TEMA IV - ATIVIDADES ECONÓMICAS Unidade 5: Redes e meios de Transporte e Telecomunicação</p> <p>- Meios de transporte, produtos a transportar e distâncias a percorrer</p> <p>- Impactes do desenvolvimento das redes de transporte no desenvolvimento do território</p> <p>- A importância das telecomunicações na sociedade atual</p>	13
	<p>TEMA V: CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO Unidade 1: Países Desenvolvidos e Países em Desenvolvimento</p> <p>- Crescimento / Desenvolvimento</p> <p>- Indicadores de Desenvolvimento</p> <p>- Contrastes nos níveis de Desenvolvimento</p>	15
TOTAL		28

2º Período		Tempos Previstos 45 min.
Áreas Temáticas / Conteúdos	TEMA V: CONTRASTES DE DESENVOLVIMENTO Unidade 2: Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento - Obstáculos ao Desenvolvimento - Soluções para atenuar as desigualdades	8
	TEMA VI: AMBIENTE E SOCIEDADE Unidade 1: Alterações do ambiente global - Os problemas ambientais globais e internacionais - A atmosfera em equilíbrio frágil	8
	Unidade 2: Grandes desafios ambientais - Os problemas na atmosfera	4
TOTAL		20

3º Período		Tempos Previstos 45 min.
Áreas Temáticas / Conteúdos	TEMA VI: AMBIENTE E SOCIEDADE Unidade 2: Grandes desafios ambientais - Os problemas na atmosfera - Os problemas na hidrosfera - Os problemas na biosfera	10
	Unidade 3: Estratégias de preservação do património - Desenvolvimento sustentável e políticas ambientais - Medidas individuais e coletivas para promover a sustentabilidade ambiental	10
TOTAL		20

Anexo nº II – Planificação a Longo e Médio Prazo de História



Planificação Anual de História 9.º ano de escolaridade Ano Lectivo 2012/2013

Temas / Conteúdos Programáticos	Períodos	N.º de aulas de 45' previstas	Total de aulas
Apresentação/Definição dos critérios de avaliação e regras de funcionamento/Avaliação diagnóstico		02	
T I - A Europa e o Mundo no Limiar do Século XX <i>Sb 1 Hegemonia e Declínio da Influência Europeia</i> <i>Sb 2 A Revolução Russa de 1917</i> <i>Sb 3 Portugal: Da 1.ª República à Ditadura Militar</i> <i>Sb 4 Sociedade e Cultura: um Mundo em Mudança*</i>	1º	08 05 05 04	39
J - Da Grande Depressão à 2.ª Guerra Mundial <i>Sb J1 A Grande Crise do Capitalismo nos anos 30</i> <i>Sb J2 Regimes Ditatoriais na Europa</i>		03 03 (de12)	
Momentos para avaliação escrita e respectivas correcções Auto-avaliação		08 01	
<i>Sb J2 Regimes Ditatoriais na Europa</i>		09 (de 12)	
J - Da Grande Depressão à 2.ª Guerra Mundial <i>Sb J 3 A Segunda Guerra Mundial</i>		05	
T K - Do Segundo Após- Guerra Aos Desafios do Nosso Tempo <i>Sb K 1 O Mundo Saído da Guerra</i>	2º	03	28
Momentos para avaliação e respectivas correcções Auto-avaliação Outras atividades a desenvolver		08 01 02	
T K - Do Segundo Após- Guerra Aos Desafios do Nosso Tempo <i>Sb K3 Portugal : Do Autoritarismo à Democracia **</i> <i>Sb K2 As Transformações do Mundo Contemporâneo *</i>	3º	08 06 / 10	16 / 28
Momentos para avaliação e respectivas correcções Auto-avaliação Outras atividades a desenvolver		04 01 05	

TEMAS / CONTEÚDOS	OBJETIVOS / INDICADORES DE APRENDIZAGEM	CONCEITOS / NOÇÕES BÁSICAS	CALENDARIZAÇÃO
<p>TEMA I: A Europa e o Mundo no Limiar do Século XX</p> <p>I.1 Hegemonia e Declínio da Influência Europeia.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Imperialismo e colonialismo: a partilha do mundo.</i> - As exigências do crescimento e a corrida às áreas de influência. - Os impérios coloniais europeus nos finais do século XIX. • <i>A 1ª Grande Guerra.</i> - Rivalidade económica e nacionalismos; a política de alianças. - O primeiro conflito à 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar a dominação colonial europeia dos finais do século XIX com a expansão do capitalismo industrial e financeiro. • Relacionar a cedência de Portugal perante os interesses ingleses em África com o atraso económico do país em relação às potências industrializadas e com a frágil colonização portuguesa no continente africano. • Conhecer os motivos responsáveis pela eclosão da 1ª guerra mundial. • Reconhecer a dimensão atingida pela 1ª guerra mundial. • Destacar as transformações decorrentes da economia de guerra e da mobilização de largos sectores da sociedade. • Compreender a participação portuguesa na 1ª guerra mundial. • Reconhecer as principais modificações políticas operadas na Europa após a guerra. • Explicar a perda da hegemonia europeia e a afirmação económica dos 	<p><i>Imperialismo.</i></p> <p><i>Colonialismo.</i></p> <p><i>Racismo.</i></p> <p><i>Nacionalismo.</i></p> <p><i>Democracia parlamentar.</i></p> <p><i>Fordismo.</i></p> <p>Taylorismo.</p> <p><i>Estandardização.</i></p> <p><i>Monopólio.</i></p>	<p style="text-align: center;">08</p>

<p>escala mundial. - Uma paz precária: o novo mapa político mundial; a Sociedade das Nações.</p> <p>• <i>As transformações económicas do pós guerra no mundo ocidental.</i> - O fim da supremacia europeia. - O modelo americano: produção em massa e crescimento acelerado.</p> <p>1.2 A Revolução Soviética</p> <p>• <i>Da Rússia dos Czares à Rússia dos Soviéticos.</i> - A Rússia nas vésperas da revolução. - Revolução burguesa e revolução bolchevique. - A construção da URSS.</p> <p>I.3 Portugal da 1ª República à ditadura Militar.</p>	<p>EUA.</p> <p>• Descrever a nova organização do sistema produtivo americano nos anos 20.</p> <p>• Caracterizar a Rússia no início do século XX. • Reconhecer a participação da Rússia na 1ª guerra mundial como factor decisivo para o agravamento dos seus antagonismos sociais. • Caracterizar o regime político implantado pela revolução burguesa. • Explicar os motivos da revolução bolchevique. • Compreender as principais consequências da revolução bolchevique. • Compreender o significado da conversão do espaço territorial do Império Russo numa reunião de repúblicas federadas (URSS).</p> <p>• Relacionar a industrialização das principais cidades portuguesas com a</p>	<p><i>Inflação.</i></p> <p><i>Comunismo.</i></p> <p><i>Marxismo/ Leninismo.</i></p> <p><i>Bolchevique.</i></p> <p><i>Soviete.</i></p> <p><i>Nacionalização.</i></p> <p><i>Ditadura.</i></p> <p><i>Proletariado.</i></p>	<p>05</p> <p>05</p>
---	--	---	-----------------------------------

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Crise e queda da Monarquia.</i> - O clima de crise: o descontentamento das classes médias e do operariado. - Difusão das doutrinas socialistas e republicanas. <ul style="list-style-type: none"> • <i>A 1ª República</i> - Realização e dificuldades da acção governativa. - Reacção autoritária e ditadura militar. <p>I.4 Sociedade e Cultura num Mundo em Mudança.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Mutações na estrutura social e nos costumes.</i> - Peso crescente das classes médias. - Alterações do código social e moral. - A emergência da cultura de massas. - Ruptura e inovação nas artes 	<p>divulgação das doutrinas republicanas e socialistas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a conjuntura económica, social e política que esteve na origem da implantação da república. • Identificar as principais medidas governativas da 1ª república. • Conhecer os principais motivos da intervenção militar de 28 de Maio de 1926. • Compreender a crescente influência de Salazar. <ul style="list-style-type: none"> • Identificar as modificações ocorridas nas práticas sociais e nos valores após a 1ª guerra mundial. • Reconhecer a importância dos <i>Mass Media</i> como poderosos meios de formação e padronização da opinião pública. • Caracterizar os movimentos de ruptura e inovação nas artes. 	<p><i>Ultimato.</i></p> <p><i>Republicanismo.</i></p> <p><i>Partido Político.</i></p> <p><i>Ditadura Militar</i></p> <p><i>Feminismo.</i></p> <p><i>Cultura de massas.</i></p> <p>Mass media</p>	<p>04</p>
---	--	---	------------------

<p>TEMA J: Da grande Depressão à Segunda Guerra Mundial</p> <p>J.1 A grande crise do capitalismo nos anos 30</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A grande crise do capitalismo.</i> - Dimensão mundial da crise. - Os problemas sociais: desemprego e proletariado. • <i>A intervenção do Estado na Economia.</i> <p>J.2 Regimes ditatoriais na Europa</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Os regimes fascistas e nazis.</i> - A consolidação do fascismo em Itália. - O totalitarismo hitleriano na Alemanha. • <i>A era estalinista na URSS.</i> - Colectivização e planificação da economia. - A violência totalitária 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as características das crises típicas do capitalismo liberal. • Compreender a origem da crise de 1929. • Explicar a duração da crise económica e a sua rápida mundialização. • Avaliar as principais consequências da crise económica de 1929. • Relacionar a grande Depressão com o surgimento de formas diversas de intervenção do Estado na economia. <ul style="list-style-type: none"> • Explicar a ascensão ao poder dos partidos fascista e nazi. • Caracterizar os regimes de extrema-direita. • Comparar os regimes fascista e nazi <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o modelo estalinista de desenvolvimento económico da URSS • Caracterizar o regime totalitário de Estaline 	<p><i>Superprodução.</i></p> <p><i>Deflação.</i></p> <p><i>Depressão económica</i></p> <p><i>Fascismo.</i></p> <p><i>Corporativismo.</i></p> <p><i>Nazismo.</i></p> <p><i>Totalitarismo.</i></p> <p><i>Anti-semitismo.</i></p> <p><i>Economia planificada.</i></p> <p><i>Colectivização.</i></p>	<p>03</p> <p>03</p> <p>FIM 1.º</p> <p>Período/</p> <p>Início 2.º</p> <p>período</p> <p>09</p>
--	--	--	---

<p>• <i>Portugal: a ditadura salazarista.</i> - A edificação do “Estado Novo”.</p> <p>- Corporativismo e colonialismo..</p> <p>J.3 A 2º Guerra Mundial.</p> <p>• <i>O desenvolvimento do conflito.</i> - Da paz armada à mundialização da guerra. - A Europa sob o domínio nazi. - A derrota alemã e o aniquilamento do Japão.</p> <p>• <i>Os caminhos da paz.</i> - Alterações no mapa político mundial. - Procura uma paz duradoura: a ONU.</p> <p>T K - Do Segundo Após-Guerra Aos Desafios do Nosso Tempo</p> <p>K.1 O Mundo saído da Guerra.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as condições de institucionalização do “Estado Novo” em Portugal. • Caracterizar o “Estado Novo” nas suas dimensões: repressiva, conservadora, corporativa e colonial. • Comparar o “Estado Novo” com as propostas do fascismo italiano <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar a 1ª Guerra Mundial com a expansão das ditaduras. • Caracterizar as principais etapas da 2ª Guerra Mundial. • Reconhecer o total desrespeito dos nazis pelos direitos humanos. • Compreender o papel dos movimentos de resistência. • Avaliar os custos humanos e materiais da guerra: as armas atômicas. <ul style="list-style-type: none"> • Identificar as principais alterações do mapa político da Europa e do Médio Oriente até finais dos anos quarenta. • Reconhecer a importância da ONU no esforço de manutenção da paz e na cooperação entre os povos. <ul style="list-style-type: none"> • Explicar a afirmação dos E.U.A como a maior potência mundial após a 2ª Guerra Mundial. 	<p><i>Culto da Personalidade</i></p> <p><i>Genocídio.</i></p> <p><i>Resistência.</i></p> <p><i>Guerra Fria.</i></p>	<p style="text-align: center;">05</p> <p style="text-align: center;">03</p>
--	---	---	--

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Reconstrução e política de blocos.</i> - A hegemonia americana e a expansão do mundo socialista. - O antagonismo dos grandes blocos: a “Guerra-fria”. <p style="text-align: center;">K.3 Portugal: Do Autoritarismo à Democracia.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A perpetuação do autoritarismo e a luta contra o regime.</i> - A recusa da democratização. - O tardio desenvolvimento económico. - A oposição democrática. - Os movimentos de independência e a guerra colonial. - O marcelismo: a liberalização fracassada. • Portugal democrático. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar as condições da expansão do socialismo e o alargamento da influência soviética na Europa e na Ásia. • Compreender a origem da “Guerra-fria” e as suas consequências. • Distinguir as várias formas de luta pela emancipação dos povos. <ul style="list-style-type: none"> • Explicar a manutenção do Estado Novo após a 2ª Guerra Mundial • Explicar as condições que conduzem, nos anos 50 e 60, à aplicação de medidas de fomento industrial e à abertura aos capitais estrangeiros. • Relacionar a estagnação da agricultura com o êxodo rural e a grande emigração. • Conhecer as razões de oposição interna ao regime. • Explicar a eclosão de movimentos armados independentistas portugueses nas colónias portuguesas • Reconhecer os pesados custos da guerra colonial • Identificar o marcelismo como uma tentativa falhada de democratização do regime • Conhecer as razões da revolta de importantes sectores das Forças Armadas contra o regime. • Compreender o significado da democratização tornada possível com o 25 de Abril • Identificar as principais instituições democráticas implantadas após o 25 de Abril. • Sublinhar a importância do poder autárquico da criação das regiões 	<p><i>Autodeterminação.</i></p> <p><i>Luta de libertação nacional.</i></p> <p><i>Democratização.</i></p> <p><i>Autonomia regional.</i></p> <p><i>Poder autárquico.</i></p> <p><i>Descentralização.</i></p>	<p style="text-align: center;">FIM 2.º Período/ Início 3.º período</p> <p style="text-align: center;">08</p>
--	---	---	---

<p>- A revolução de Abril e o processo revolucionário; as novas instituições democráticas.</p> <p>- Independência das colónias e retorno de nacionais.</p> <p>- Os problemas do desenvolvimento económico; a independência europeia.</p> <p>K.2 As transformações do mundo contemporâneo</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O dinamismo económico dos países capitalistas.</i> - O poderio americano. - O “milagre” japonês. - Nascimento e expansão da Comunidade Europeia. <ul style="list-style-type: none"> • <i>As sociedades ocidentais em transformação.</i> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O mundo comunista: desenvolvimento, bloqueios e rupturas.</i> - Unidade e diversidade dos países socialistas. - A evolução da URSS. 	<p>autónomas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicar o processo da descolonização portuguesa e as suas principais consequências. <ul style="list-style-type: none"> • Explicar a hegemonia dos E.U.A sobre o mundo capitalista. • Compreender a origem do “milagre” económico japonês. • Relacionar a formação da Comunidade Europeia com o poder hegemónico dos EUA no mundo. <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar o desenvolvimento dos países capitalistas com as alterações nas suas estruturas e nos comportamentos sociais. <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir os diferentes modelos e ritmos de desenvolvimento no mundo comunista. • Identificar as principais consequências da aplicação do modelo leninista nos países comunistas. 	<p><i>Socialista multinacional.</i></p> <p><i>Pleno emprego.</i></p> <p><i>Sociedade de consumo.</i></p> <p><i>Sociedade de abundância.</i></p> <p><i>Qualidade de vida.</i></p> <p><i>Segregação racial.</i></p> <p><i>Democracia popular.</i></p>	<p>06 a 10</p>
---	---	---	-----------------------

<p>- A crise do modelo leninista.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O terceiro mundo: independência política e dependência económica.</i> <p>-As novas relações internacionais: o diálogo norte/sul; a defesa da paz.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar o novo surto independentista dos povos colonizados (1954 e 1970). • Caracterizar económica e politicamente os países surgidos da segunda vaga independentista. 	<p><i>Maoísmo.</i></p> <p><i>Descolonização.</i></p> <p><i>Terceiro mundo.</i></p> <p><i>Neocolonialismo.</i></p>	
--	--	---	--

Nota:

Ao longo do ano serão implementadas experiências de aprendizagem /metodologias de aprendizagem que permitem desenvolver conhecimentos e capacidades, designadamente:

- Elaboração e análise de mapas, barras cronológicas, sínteses esquemáticas, gráficos, quadros, organigramas, etc;
- Exploração sistemática de documentos de natureza diversa (documentos escritos, iconográficos...);
- Debates em torno de problemas suscitados pelas fontes;
- Selecção, interpretação e síntese de informações contidas nas fontes;
- Visionamento de excertos de filmes / documentários e posterior análise;
- Estabelecimento de relações passado/presente;
- Exploração de conhecimentos tácitos dos alunos;
- Realização de trabalhos simples de pesquisa (com base em livros, suporte multimédia e Internet);
- Realização de pequenas dramatizações.

PLANO DE AULA

Turma – 9º D

Sala –

Horário – 08.30 – 10.00

Dia – 8 de Maio 2013

Tema K – “Do Segundo Após-Guerra aos anos 80”.	Unidade K.3 – “Portugal: do Autoritarismo à Democracia.”
Subunidade – “O marcelismo: a liberalização fracassada.”	Sumário: A “Primavera Marcelista”. A liberalização fracassada do Estado Novo e a contestação ao regime.

Linha Conceptual: Em 1968, Salazar sofre um acidente tornando-se incapaz de continuar à frente do governo. O seu sucessor, Marcello Caetano, aplicará inicialmente uma política que parecia seguir no sentido de uma maior liberdade e democratização do regime. Deste modo procederá a uma política que ficou conhecida como “Primavera Marcelista”, “maquilhando” as instituições repressivas – substitui a designação de PIDE por DGS, censura pelo “exame prévio” –, diminuindo a censura, legalizando as organizações políticas de oposição para que estas concorressem às legislativas de 1969, autorizando o regresso de exiliados políticos e desenvolvendo uma política social em torno da educação e da assistência social com a criação da ADSE.

Apesar destas medidas, depressa se constatou que as promessas de democratização e liberalização do regime eram mais aparentes do que reais. Tratava-se, afinal, de uma política assente no princípio da “evolução na continuidade”. Após uma fase inicial de abertura, o regime fascista voltou a intensificar a censura e a repressão, falseou o resultado das eleições de 1969, perseguindo os elementos da oposição, continuando a recusar a discussão da solução para a questão da Guerra Colonial. No entanto, a contestação ao regime acentuava-se, aumentando o descontentamento nos mais diversos sectores da população, nomeadamente nas Forças Armadas portuguesas.

INDICADORES DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS	AVALIAÇÃO
<p>Referir as causas que levaram à substituição no poder de Salazar por Marcello Caetano</p> <p>Descrever as principais medidas da “Primavera Marcelista”</p>	<p><u>A substituição de Salazar por Marcello Caetano em 1968 na chefia do regime:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -A queda de Salazar de uma cadeira em 1968 e o agudizar do seu estado de saúde; - A imagem fraca e debilitada de Salazar; -A farsa do regime ao fazer Salazar acreditar que ainda era presidente do conselho - A morte de Salazar em 1970; <p><u>A Primavera Marcelista:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Regresso à pátria de exilados políticos (Mário Soares e D. António Ferreira Gomes – Bispo do Porto); - Diminuição da ação repressiva; - Moderação da ação da PIDE (que passa a chamar-se de Direção Geral de Segurança – DGS); - Abrandamento da censura, agora designada de Exame Prévio; - Rebatiza a União Nacional de Ação Nacional Popular, integrando no partido jovens políticos adeptos da liberalização 	<p>O professor iniciará a aula com a visualização do filme a “Morte de Salazar”. Pretende-se com esta estratégia de motivação, que os alunos, através da sua análise, compreendam os motivos que levaram Salazar, a ser substituído por Marcello Caetano na presidência do Conselho, em 1968. Os alunos entenderão ainda, o debilitado estado de saúde do ditador, bem como a farsa do regime ao fazer Salazar acreditar que ainda era presidente do conselho.</p> <p>Após este momento, o professor informará os alunos que ao longo da aula, será estudado o governo de Marcello Caetano e a forma como este dirigiu a política externa e interna portuguesa de 1968 a 1974.</p> <p>Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p> <p>Seguidamente será analisado através da leitura periodizada, a primeira parte do texto “A política cautelosa de Marcello Caetano”. Pretende-se com a sua análise que os alunos identifiquem algumas das medidas que Marcello Caetano tomou ao chegar ao poder, tais como, o regresso de exilados políticos, a diminuição da ação repressiva (PIDE passa a chamar-se de Direção Geral de Segurança – DGS) e da censura (designada agora de Exame Prévio). Para além destes pontos, o professor informará que o novo presidente do conselho tomou outras medidas no sentido de uma “maior” liberalização do regime. Deste modo, através da análise de dois cartazes e de algumas imagens, explicará que o partido do Regime, a União Nacional, será rebatizado de Ação Nacional Popular, integrando em si, jovens políticos, adeptos da liberalização do regime, como Sá Carneiro e Pinto Balsemão, naquela</p>	<p>Diálogo vertical/horizontal</p> <p>Vídeo retirado de http://www.youtube.com/watch?v=mU3W7VebviQ (acedido a 04-05-2013)</p> <p>Doc. 6 do manual <i>Novo História 9</i>, pág. 181.</p> <p>Diálogo Vertical/horizontal</p> <p>Imagens retiradas de http://www.dn.pt/gente/interior.aspx?content_id=1726880 e http://escavar-em-ruinas.blogs.sapo.pt/22167.html (acedido a 04-</p>	

<p>Relacionar a política de “continuidade” marcelista com a liberalização do regime</p>	<p>do regime (a “ala liberal” da Assembleia onde integram nomes como Sá Carneiro e Pinto Balsemão);</p> <p>-Possibilidade da oposição concorrer às eleições legislativas de 1969, 44 anos depois;</p> <p>-Legalização de organizações políticas de oposição – CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática) e a CDE (Comissão Eleitoral Democrática);</p> <p>- Clima de expectativa e esperança na renovação e liberalização do regime – “Primavera Marcelista”;</p> <p><u>A política da “evolução na continuidade”</u></p>	<p>que ficou conhecida como “ala liberal” da Assembleia.</p> <p>Após este momento, será apresentado à turma um pequeno texto e uma imagem sobre as eleições legislativas de 1969. Através da sua análise, os alunos compreenderão que o Regime voltou a permitir que a oposição pudesse participar e concorrer a eleições legislativas após 44 anos sem “ir a votos”. Entenderão ainda que neste sentido, serão legalizadas organizações políticas de oposição.</p> <p>Por último, o professor perguntará à turma, face aos conhecimentos anteriormente adquiridos, como é que estes caracterizariam o clima social da época. Pretende-se que os alunos, relacionando e consolidando os seus conhecimentos prévios, refiram o clima de expectativa e esperança que as medidas de Marcello Caetano vieram provocar na população. O professor sintetizará estes conteúdos, explicando aos alunos que este período ficou conhecido como a “Primavera Marcelista”.</p> <p>Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p> <p>Seguidamente, os alunos serão remetidos para um documento do manual adotado. Através da sua análise, os alunos constatarão, que apesar de algumas medidas aparentemente mais liberais, Marcello Caetano, manteve uma política de “evolução na continuidade”, mantendo algumas das principais posições e estruturas do seu antecessor. O professor explicará que</p>	<p>05-2013)</p> <p>Doc. 23 do manual “O tempo da História 12”, pág. 119. Diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Doc. 11 do manual adotado, pág. 189. Diálogo horizontal e vertical.</p>	
--	--	---	--	--

	<p><u>As eleições de 1969:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Oposição impedida de fiscalizar as eleições; -Propaganda da oposição apreendida; -Apoiantes agredidos e presos; -Ação Nacional Popular elege todos os deputados; <p><u>Manutenção das estruturas do Estado Novo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ministros nomeados por Salazar foram conservados no governo; - Continuidade da Guerra Colonial e do destacamento de tropas portuguesas para os territórios africanos; -A não permissão de partidos políticos; - Recusa de liberdade de associação; 	<p>seguidamente, os alunos verão alguns exemplos dessa política de “continuidade”.</p> <p>Após este momento, o professor explicará, através do método expositivo, que um dos pontos onde é visível essa política de “continuidade” é nas eleições legislativas de 1969. Desta forma, o professor informará os alunos, recorrendo aos seus conhecimentos prévios, que apesar da promessa de eleições de livres por parte do Regime, tal não se verificou. Explicará que as organizações de oposição e os seus apoiantes foram impedidos de fiscalizar as eleições, a sua propaganda foi apreendida e os seus apoiantes foram agredidos e presos. O professor concluirá, explicando que através desta repressão e da fraude eleitoral a Ação Nacional Popular – partido do regime – elegerá novamente todos os deputados. Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p> <p>Seguidamente, através da leitura periodizada, da segunda parte do texto “A política cautelosa de Marcello Caetano”, os alunos constatarão outros elementos que permitem comprovar a política de “continuidade” de Marcello Caetano. Será dado destaque à conservação no governo dos ministros nomeados por Salazar, à continuidade da Guerra Colonial e do destacamento de tropas portuguesas para os territórios africanos; à não permissão de organização de partidos políticos, à recusa de liberdade de associação. Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p>	<p>Método expositivo.</p> <p>Doc. 6 do manual <i>Novo História 9</i>, pág. 181. Diálogo Vertical/ horizontal</p>	
--	---	--	--	--

	<p><u>A liberalização fracassada:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -O aumento da repressão e da censura pela DGS e pelo Exame Prévio; - Perseguições e agressões aos opositores do Regime; -Exílio político dos opositores ao Regime; <p><u>A questão da Guerra Colonial</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A recusa de uma solução para a Guerra Colonial por parte Marcello Caetano; -O descontentamento da população e do exército devido ao tempo elevado do conflito (mais de 10 anos),ao desprestígio de não conseguirem vencer, ao elevado número de mortos e feridos; ao custo elevado da manutenção da guerra; -A censura na Guerra Colonial; 	<p>Em seguida, será analisado um pequeno excerto da carta entregue pela Comissão Nacional do Socorro aos Presos Políticos ao Presidente da República Portuguesa Américo Tomás, em 1972.</p> <p>Através da sua análise, os alunos constatarão, que apesar das medidas iniciais de Marcello Caetano irem no sentido da liberalização do Regime, após as eleições de 1969, assistimos a um agudizar da repressão, da censura por parte do governo do Estado Novo. Os alunos compreenderão deste modo, que a liberalização do Regime, tão expectante na “Primavera Marcelista” fracassou, dando lugar a uma nova vaga de repressão, censura, perseguições, medo e descontentamento social.</p> <p>Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p> <p>Seguidamente será introduzida a questão da Guerra Colonial. Deste modo, será analisado um texto do manual, onde os alunos constarão a posição de Marcello Caetano sobre a questão colonial. Pretende-se que os alunos verifiquem que o novo presidente do conselho, manteve a política colonial que Salazar defendia, considerando as colónias portuguesas como “terra portuguesas do Ultramar”. Posteriormente o professor questionará os alunos sobre os efeitos desta posição. Pretende-se que estes, recorrendo aos seus conhecimentos prévios, indiquem as principais consequências da Guerra Colonial – elevado número de mortos e feridos; grande desgaste do exército português; elevado tempo de guerra; grande investimento económico na manutenção da guerra, isolamento de Portugal internacionalmente.</p> <p>Após este momento, o professor apresentará à turma um documento, onde estes poderão observar a forma</p>	<p>Doc. 24-A do manual “O tempo da História 12”, pág. 120. Diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Doc.14. A do manual. Diálogo horizontal e vertical.</p> <p>Doc. 26 do manual “O tempo da História 12”,</p>	
--	--	---	---	--

<p>Analisar os principais momentos de oposição ao regime durante o governo de Marcello Caetano</p>	<p><u>- A contestação ao Regime:</u></p> <p><u>- A contestação estudantil em 1969 e as suas reivindicações (Universidade de Coimbra):</u> -democratização do ensino, reintegração dos professores e alunos expulsos (por motivos políticos e ideológicos), fim da guerra colonial; -A crise e luto académico (Abril de 1969 a Abril de 1974);</p> <p><u>- O III Congresso da Oposição Democrática (1973)</u> -Defesa de três ideias fundamentais: descolonização, desenvolvimento e democratização; - Congresso fortemente reprimido pelas forças policiais do regime;</p>	<p>como a censura controlava as notícias que chegavam à metrópole sobre a Guerra Colonial. O professor concluirá este tópico lembrando os alunos, que a Guerra Colonial, e todos os aspetos a ela inerentes, contribuirão para o crescimento do descontentamento da população portuguesa nos mais diversos fatores. Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p> <p>Após este momento, o professor informará os alunos que em seguida serão estudados alguns momentos de forte contestação ao regime de Marcello Caetano, nos mais diversos sectores sociais. Deste modo, primeiramente, será visualizado um filme, sobre a contestação estudantil na Universidade de Coimbra em 1969. Através da visualização do filme, os alunos contactarão com a História local e perceberão a importância da contestação estudantil na oposição ao governo marcelista. Deste modo, compreenderão as principais reivindicações dos estudantes da Universidade de Coimbra, o modo como estes se manifestaram, a forma como o Regime reagiu, e os acontecimentos que levaram à crise académica e luto académico que se estendeu de Abril 1969 a Abril 1974.</p> <p>Seguidamente será apresentado à turma um cartaz do III Congresso da Oposição Democrática. O professor informará que neste congresso, realizado em Aveiro, a oposição reuniu-se, defendendo três ideias fundamentais para o país, descolonização, desenvolvimento e democratização. Será ainda analisada uma imagem sobre a ação da polícia de choque, enviada por Marcello Caetano, a este congresso, onde os alunos constatarão mais uma vez a repressão e a violência do Regime à oposição.</p>	<p>pág. 122. Diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Método expositivo.</p> <p>Vídeo retirado de http://www.youtube.com/watch?v=RG2EqXEAYyQ (acedido a 04-05-2013) Diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Doc. 4 do manual “História do Século XX”, pág. 193. Diálogo vertical e horizontal</p> <p>Fotografia retirada de http://aidaespacohistoria.blogspot.pt/2011/04/iii (acedido a 04-05-2013)</p>	
---	---	---	---	--

	<p><u>- A criação do MFA (1973):</u> -Movimento das Forças Armadas, constituído por capitães, que desejava resolver o problema da falta de oficiais com que o Exército se debatia perante a continuação da Guerra Colonial; -Ansiavam por uma solução rápida e prática da questão da Guerra Colonial;</p> <p><u>- A oposição política do General Spínola- Portugal e o Futuro (Fevereiro de 1974):</u> -A solução para a resolução do impasse da Guerra Colonial;</p> <p><u>- O golpe militar das Caldas da Rainha (Março de 1974):</u> -Sinal de descontentamento das Forças Armadas; - Golpe fracassado devido à falta de organização e cooperação das forças envolvidas;</p>	<p>Após este momento, o professor informará os alunos que dentro das Forças Armadas também surgiam vozes de contestação à política de Marcello Caetano. Explicará, deste modo, que em 1973 um grupo de capitães forma o MFA devido a problemas internos na nomeação de capitães. Informará ainda que este movimento ansiava por uma solução rápida e prática da questão da Guerra Colonial, para a qual combatiam há muitos anos. O professor concluirá este tópico, informando os alunos que este movimento estará diretamente envolvido no 25 de Abril de 1974 que futuramente estudarão. Os conteúdos serão ilustrados com uma imagem do ícone do MFA.</p> <p>Em seguida, será apresentado à turma um cabeçalho da revista Expresso da época, onde é referida a obra <i>Portugal e o Futuro</i> do General Spínola. Através da sua análise, os alunos serão levados a compreender que também nos sectores de alta patente das Forças Armadas, surgiam vozes de oposição à política do regime sobre a Guerra Colonial. Os presentes conteúdos serão ilustrados e sintetizados por uma caricatura da época.</p> <p>Por último, de forma a concluir os movimentos de contestação ao regime marcelista, o professor explicará sucintamente o golpe militar das Caldas da Rainha. Nesse sentido informará a turma, que este golpe militar, vem em consequência da contestação militar já anteriormente estudada (ação do MFA) e do afastamento do General Spínola e do General Costa Gomes em Março de 1974, após a publicação de <i>Portugal e o Futuro</i>. O professor explicará ainda que</p>	<p>Método Expositivo</p> <p>Doc. 29 do manual “O tempo da História 12”, pág. 123. Diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Método expositivo</p>	
--	--	--	--	--

		<p>este golpe não foi bem-sucedido devido a problemas de organização e cooperação dos intervenientes. No entanto, concluirá, não deixou de ser um “ensaio” ou um prenúncio da revolução de abril de 1974. Estes conteúdos serão ilustrados com uma imagem do <i>Jornal de Notícias</i> da época.</p> <p>Os alunos registarão os conteúdos no caderno diário.</p> <p>Por último, o professor apresentará à turma um <i>cartoon</i> sobre Marcello Caetano de João Abel Manta. Na imagem surge Marcello Caetano a tentar sustentar a Torre de Belém (que simboliza o Regime do Estado Novo). Pretende-se com a sua análise e interpretação, que os alunos identifiquem as personagens retratadas bem como a simbologia do <i>cartoon</i> consolidando e sintetizando assim a aula lecionada.</p> <p>A aula terminará com a elaboração e registo do sumário por parte dos alunos.</p>	<p>Imagem retirada de http://nucleoestudos25abril.blogspot.pt/2013/03/apo (acedido a 04-05-2013)</p> <p>Imagem retirada de http://www.aph.pt/docs/recursos_downloads/portugal_entre_ditadura_democracia.pdf (acedido a 04-05-2013)</p>	
--	--	--	---	--

Anexo nº IV – Planificação a Curto Prazo de Geografia



Escola Básica e Secundária Quinta das Flores

Ano Lectivo 2012-2013



História e Geografia

TEMA – AMBIENTE E SOCIEDADE

Sub-Tema – As alterações do ambiente global e os grandes desafios ambientais

Unidade Didática – A Hidrosfera: um sistema em risco

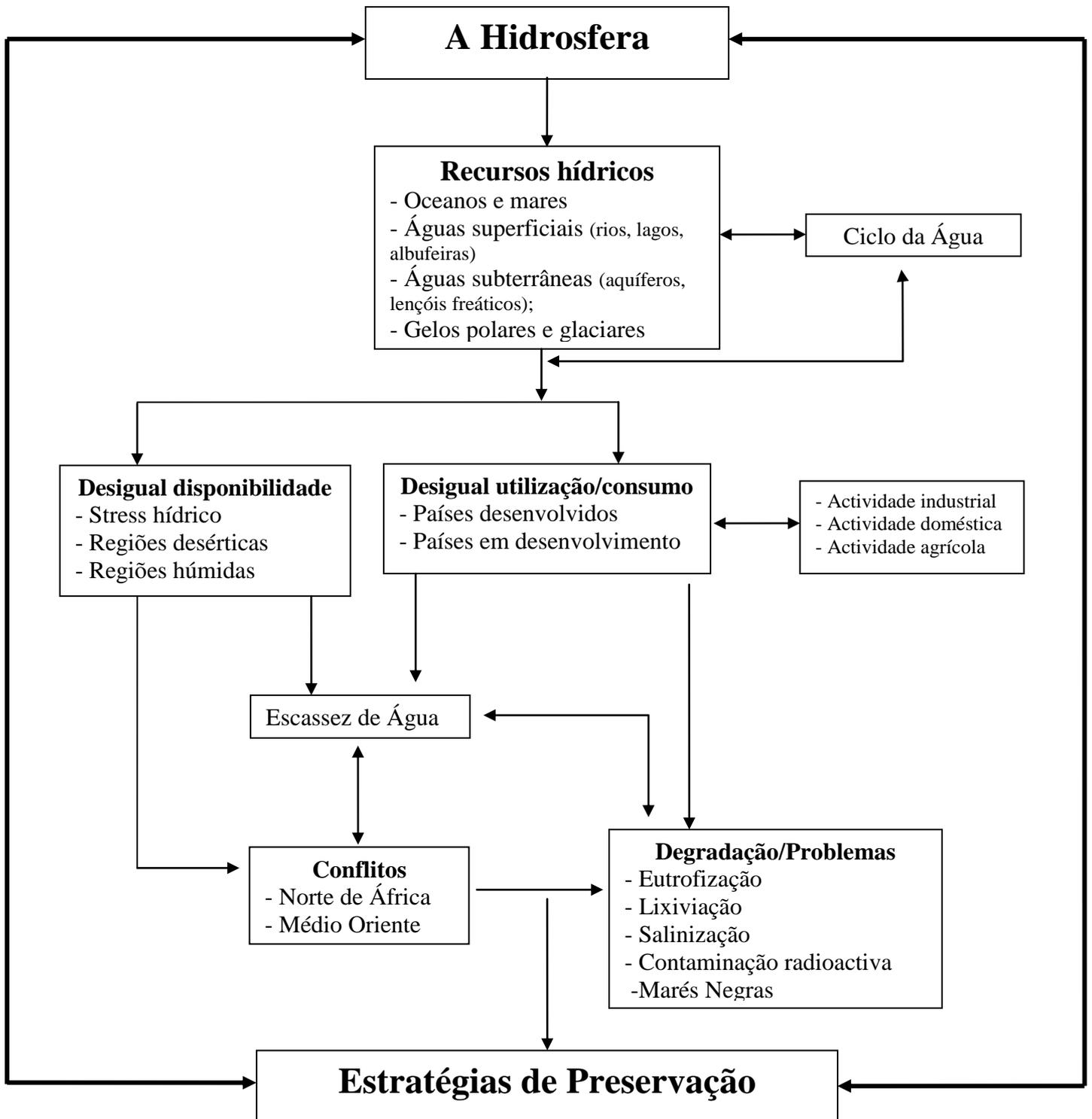
Número de Aulas: 5 aulas (5 x 45 minutos)

Finalidade Educativa: Consciencializar os alunos da importância da Hidrosfera para o ambiente global do planeta e para a existência de vida na Terra, de modo a que possam intervir de uma forma mais consciente na sua preservação.

Questões – Chave:

- ❖ Questionar a desigual distribuição/consumo de água à superfície da Terra.
- ❖ Questionar o papel do Homem na deterioração dos recursos hídricos.
- ❖ Problematizar a importância que cada um de nós pode ter na preservação da Hidrosfera e consequente desenvolvimento sustentável.

Esquema Conceptual:



Pré-requisitos:

- Atmosfera
- Bacia Hidrográfica
- Barragem
- Biosfera
- Ciclo da Água
- Efluente
- Evaporação
- Lago
- Litosfera
- Mar
- Oceano
- Poluição
- Precipitação
- Rio
- Salinização

Termos novos:

- Águas subterrâneas
- Águas superficiais
- Aquífero
- Balanço hídrico
- Eutrofização
- Hidrosfera
- Lixiviação
- Stress hídrico

Conceitos:

Águas subterrâneas – Águas que se infiltram no solo, subsolo e rochas subjacentes, que provêm da chuva por filtragem através de um terreno permeável.

Águas superficiais - Águas que circulam à superfície da Terra. A parte das águas continentais que se encontra sobre a terra e que não passou para o subsolo ou para os organismos vivos. Inclui-se nesta categoria a água dos rios e lagos.

Aquífero/Lençol freático – Reservatório de água a dezenas ou centenas de metros de profundidade, retido em consequência da existência de camadas de rocha impermeáveis.

Balço hídrico – Diferença entre os consumos e as disponibilidades hídricas existentes. Estudo que se realiza para explicar o movimento cíclico que a água realiza entre uma superfície de terreno e a atmosfera.

Eutrofização – Processo pelo qual as águas de um rio ou de um lago se tornam extraordinariamente ricas em nutrientes minerais e orgânicos, provocando um excesso de vida vegetal, que dificulta e aniquila a vida animal, por falta de oxigénio.

Hidrosfera – Total de água, no estado líquido, sólido e gasoso, existente na superfície da Terra.

Lixiviação – Extração de matérias solúveis de um produto que degradam a qualidade das águas e dos solos porque, devido à precipitação, se infiltram ou escorrem à superfície.

Stress hídrico – Relaciona a densidade populacional com a disponibilidade de água.

Objetivos gerais:

- Compreender conceitos geográficos relacionados com esta unidade didática, nomeadamente com a Hidrosfera e poluição dos recursos hídricos;
- Desenvolver processos de pesquisa, organização, análise, tratamento, apresentação e comunicação da informação relativa à Hidrosfera;
- Utilizar correctamente o vocabulário geográfico para explicar os padrões de distribuição dos recursos hídricos, as suas alterações e interrelações;
- Utilizar correctamente as técnicas gráficas e cartográficas de representação espacial para compreender e explicar a distribuição dos recursos hídricos;
- Analisar os problemas concretos da Hidrosfera e dos recursos hídricos para reflectir sobre possíveis soluções;
- Reconhecer a desigual repartição dos recursos hídricos pela população mundial;
- Consciencializar-se dos problemas provocados pela intervenção do Homem sobre a Hidrosfera, de predispor-se favoravelmente para a sua conservação e defesa e de participar em acções que conduzam a um desenvolvimento sustentável.

Objetivos específicos:

- Definir Hidrosfera;
- Referir como se encontra distribuída a água no planeta Terra;
- Analisar o Ciclo Hidrológico;
- Mencionar as áreas do planeta com as maiores e menores disponibilidades hídricas;
- Relacionar a distribuição dos recursos hídricos utilizáveis pelo Homem com as condições climáticas, geomorfológicas, fluviais e lagunares de algumas áreas do globo;
- Referir os continentes/países que consomem mais água;
- Relacionar o grau de desenvolvimento dos países com o maior ou menor consumo de água;
- Definir Stress Hídrico;
- Referir as regiões do Globo com maior e menor Stress Hídrico;
- Consciencializar-se das assimetrias existentes em Portugal relativamente à disponibilidade de água;
- Relacionar a maior ou menor disponibilidade de água em Portugal com as condições climáticas, especialmente com a precipitação;
- Referir através de recurso a exemplos áreas de conflito em torno da água (Norte de África, Médio Oriente);
- Mencionar as causas da degradação da qualidade e quantidade da água dos aquíferos;
- Mencionar as causas da degradação da qualidade das águas fluviais e marinhas;
- Inferir que as actividades humanas interferem na quantidade e na qualidade dos recursos hídricos disponíveis;
- Referir as principais consequências da poluição nas águas superficiais e subterrâneas;
- Referir as principais consequências da poluição nas águas oceânicas;
- Sistematizar os conteúdos relacionados com a temática;
- Manifestar empenho nas atividades propostas.

Avaliação:

Ao longo da execução da planificação desenvolver-se-á:

- Avaliação diagnóstica oral, sobre conteúdos lecionados nomeadamente os que se relacionam com a unidade em estudo;
- Avaliação formativa oral, relacionando e problematizando os conteúdos lecionados;
- Avaliação formativa escrita, através da realização de fichas de trabalho e da resolução de atividades do manual e atividades de remediação.
- Avaliação sumativa, aquando da realização do teste de avaliação que integra os conteúdos abordados.

Bibliografia:

- Montaigne, Fen (2002); *Água: um desafio*; revista National Geographic Portugal nº 18; Setembro de 2002.
- Vieira, Pedro Almeida (2001); *Água no mundo: o petróleo transparente*; revista Forum Ambiente nº 70; Primavera 2001.
- Vieira, Pedro Almeida (2002); *Beber ou não beber, eis a questão...*; revista Forum Ambiente nº 78; Março 2002.
- MEDEIROS, Carlos Alberto, FERREIRA, Denise de Brum: “Geografia de Portugal”, Vol. I; Círculo de Leitores, Lisboa, 2005.
- Atlas Nacional Geographic; Vol. 11, 12, 13, 15; Edição portuguesa, RBA Coleccionables, S. A.; Nacional Geographic Society, 2005.
- LENCASTRE, A., FRANCO, F. M.: “Lições de Hidrologia”; Fundação Armando Lencastre; Caparica, Maio de 2003.
- LE MONDE DIPLOMATIQUE: “Atlas da Globalização”; Lisboa, 2003.

Manuais escolares:

- Rodrigues, Arinda; Coelho, João, *Viagens Geografia 9º ano*, Texto Editores, Lisboa, 2008

Endereços da Internet:

- www.inag.pt – Site do Instituto Nacional da Água
- www.aprh.pt – Site da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos
- <http://www.snirh.pt/junior> - Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos

PLANO A CURTO PRAZO

Aula nº

Sumário:

A Hidrosfera: distribuição dos recursos hídricos.

Disponibilidade e consumo de água a nível mundial.

O conceito de Stress Hídrico.

Material a utilizar:

- Quadro e caneta
- Manual escolar adotado
- Projetor multimédia/ computador
- Apresentação em PowerPoint “Ambiente e Sociedade - Hidrosfera”
- Vídeo - “O ciclo da água”
- Vídeo - “Porque existe água na Terra?”
- Ficha Informativa

Experiências educativas:

A aula terá início com a redacção do sumário no quadro, de modo a que os alunos tomem conhecimento dos conteúdos a lecionar. Seguidamente, o professor entregará a cada aluno uma ficha informativa sobre os conteúdos da aula, para que estes acompanhem devidamente a sua leccionação.

O tema será introduzido através da leitura do artigo 1º e 2º da “Declaração Universal dos Direitos da Água”. Pretende-se com a sua leitura, através do diálogo vertical/horizontal, que os alunos compreendam a importância da água no planeta Terra e a responsabilidade que o Homem tem na sua gestão e preservação. O professor alertará ainda que a “Declaração Universal dos Direitos da Água” estará presente ao longo da aula na explicação dos conteúdos.

Em seguida, o professor perguntará à turma o porque de existir água na Terra. Após recolher as ideias tácitas e prévias dos alunos, será apresentado o filme “Porque existe água na Terra?” com a duração de 2’21”. De seguida, o professor questionará os alunos sobre alguns dos conteúdos que acabaram de visualizar. Pretende-se com esta estratégia, que os alunos pensem sobre a presença da água no nosso planeta, a sua origem, a quantidade de água existente, a quantidade de água doce existente, as suas diferentes formas/estados, entre outros.

Após este pequeno debate, será introduzido o conceito de Hidrosfera. O conceito de Hidrosfera está registado na ficha informativa facultada aos alunos no início da aula. De seguida, com recurso ao PowerPoint (estratégia a utilizar ao longo da aula) e através de algumas imagens e do recurso ao diálogo vertical/horizontal, os alunos serão solicitados a referir as diferentes formas/estados da água à superfície da Terra.

Seguidamente, através da exploração de duas imagens e relacionando os conteúdos anteriormente abordados no filme, os alunos irão concluir que grande parte da superfície terrestre (71%) é ocupada por água. No entanto, serão alertados para o facto da maior parte desta corresponder à água salgada dos oceanos (97%), e apenas 3% ser água doce e desta apenas 0,1% está disponível para consumo.

Após a compreensão destes conteúdos, o professor questionará os alunos sobre o modo como a Hidrosfera se mantém em equilíbrio. Deste modo, será lembrado o conceito de Ciclo da Água. Para melhor compreender o conceito, será apresentado à turma um filme sobre o Ciclo da Água, onde os alunos compreenderão as diversas fases deste ciclo que permite um constante equilíbrio da presença da água no nosso planeta.

Seguidamente o professor apresentará a seguinte questão à turma “Será que a água quando nasce é para todos?”. Após esta questão será lido um texto intitulado de “Água: um problema, várias soluções”. Pretende-se com a sua leitura e análise, através do diálogo horizontal e vertical, que os alunos compreendam que a água é um bem que não está acessível de igual modo para todos os Homens, e que existem por todo o planeta, grandes disparidades no acesso à água e diferentes disponibilidades hídricas. Posteriormente, será apresentado e analisado um mapa relativo à disponibilidade de água por habitante, onde os alunos serão levados a compreender e diferenciar as áreas do planeta com maior ou menor disponibilidade de água doce.

Em seguida, será analisado um mapa referente ao “Consumo mundial de água por Habitante”. Pretende-se que os alunos identifiquem os países que mais e menos água consomem e relacionem o seu consumo com a disponibilidade de água doce verificada nesses mesmos países. Deste modo, será introduzido o conceito de Stress Hídrico, sendo este explicado através da análise de um mapa da *Disponibilidade de água doce, em metros cúbicos por pessoa e por ano - Início do séc. XXI*, onde os alunos concluirão que há uma desigual distribuição/consumo de água a nível mundial. O conceito de Stress Hídrico está registado na ficha informativa facultada aos alunos no início da aula.

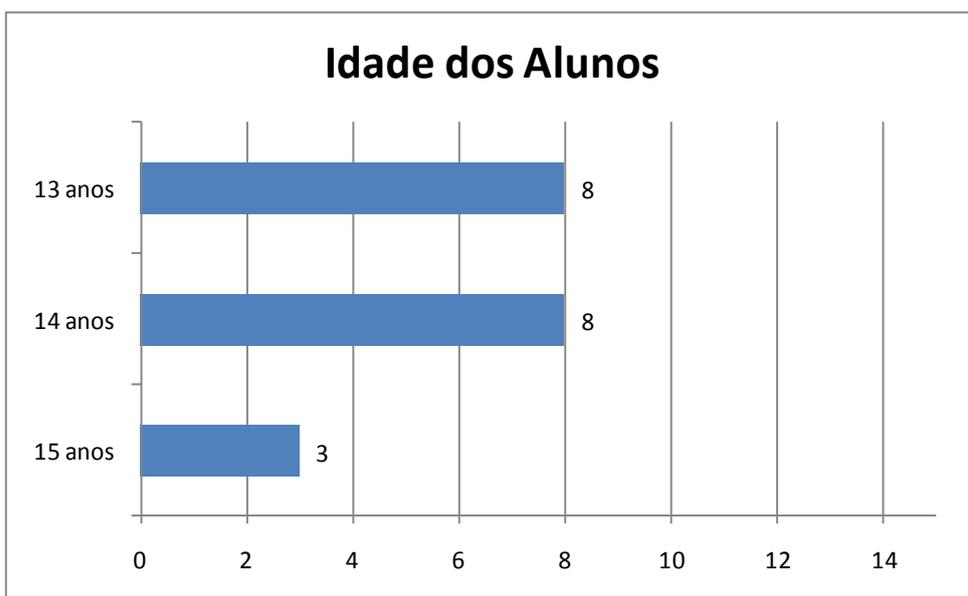
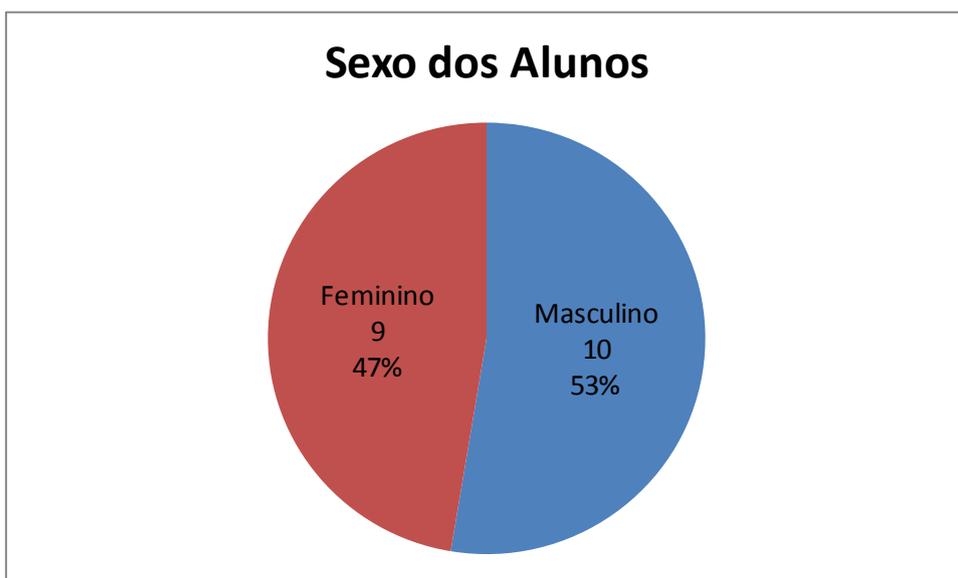
O professor questionará ainda os alunos sobre o porque destas assimetrias. Pretende-se que estes, através do diálogo vertical/ horizontal e recorrendo aos seus conhecimentos prévios, relacionem o crescimento demográfico, o aumento da poluição e a má gestão e aproveitamento da água, como principais causas para as disparidades verificadas na disponibilidade e consumo de água a nível mundial.

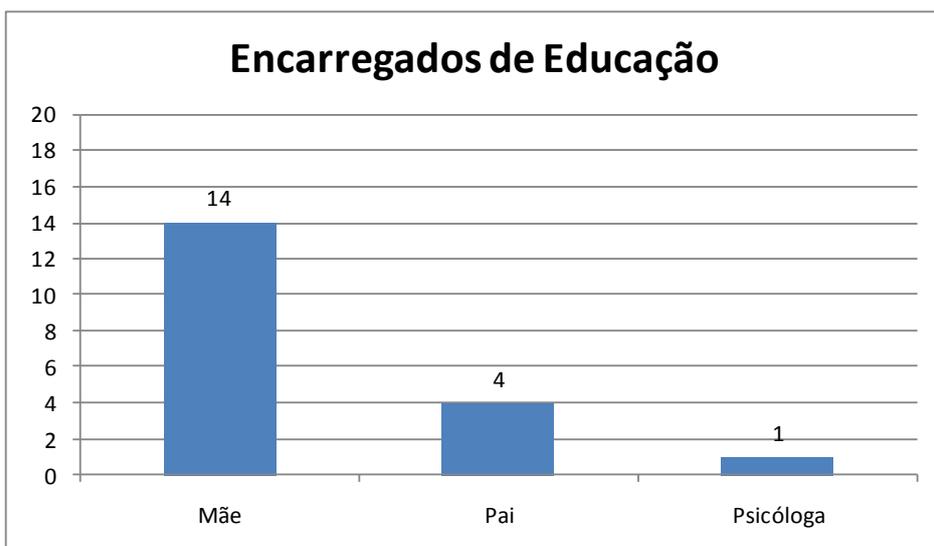
Por último, será apresentada à turma uma imagem referente à água que é utilizada para a produção de certos bens alimentares. Pretende-se, deste modo, que os alunos constatem a realidade do valor da água para uma correta gestão, valorização e preservação deste recurso.

Anexo n° V – Caracterização da turma do 9º ano (x)

CARACTERIZAÇÃO DA TURMA X DO 9º ANO

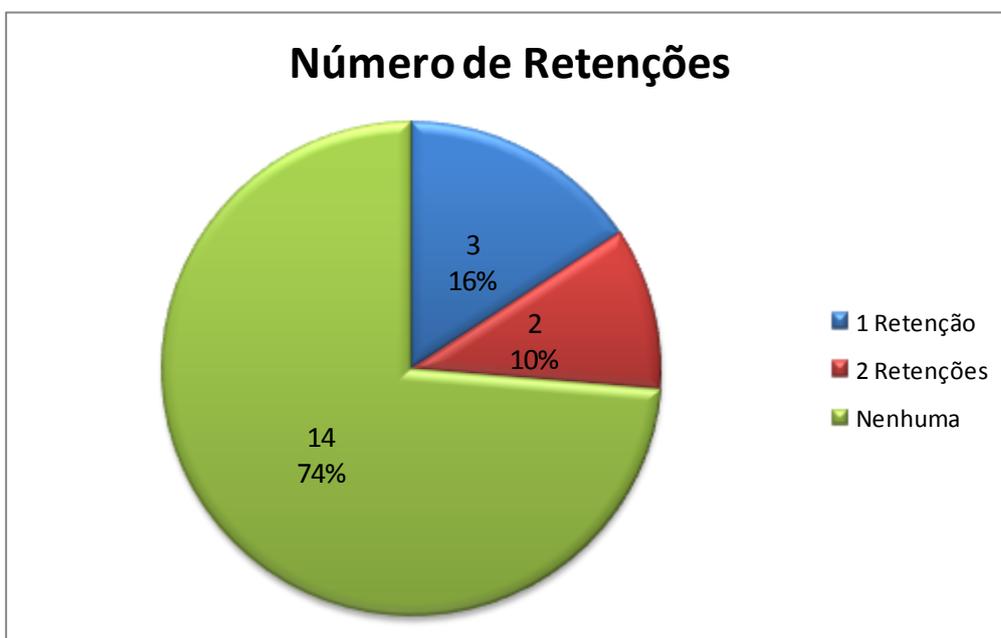
Características da Turma:



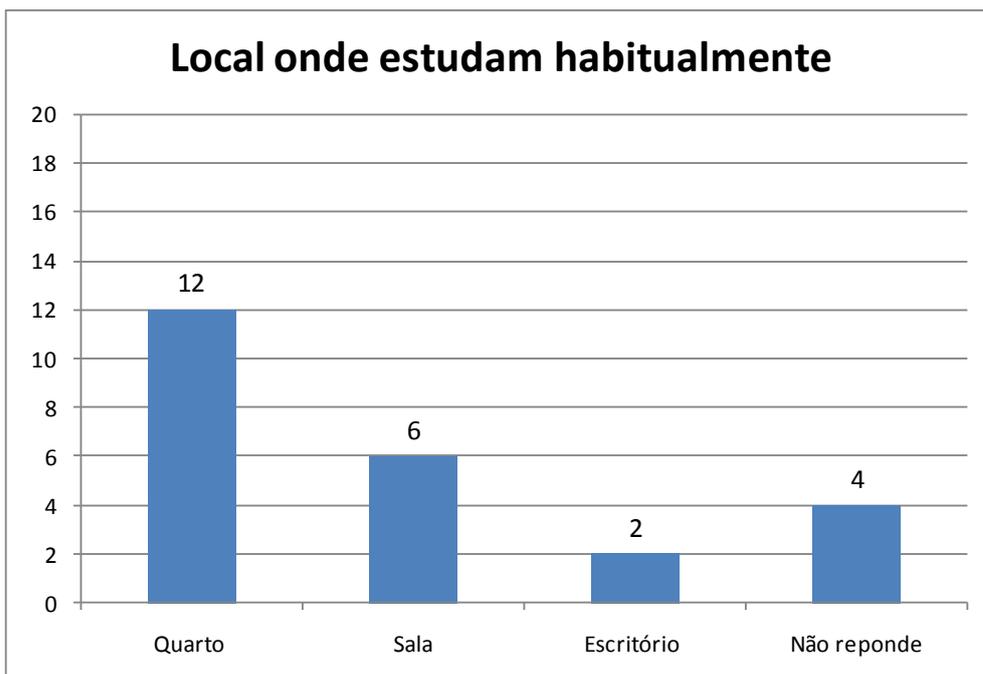
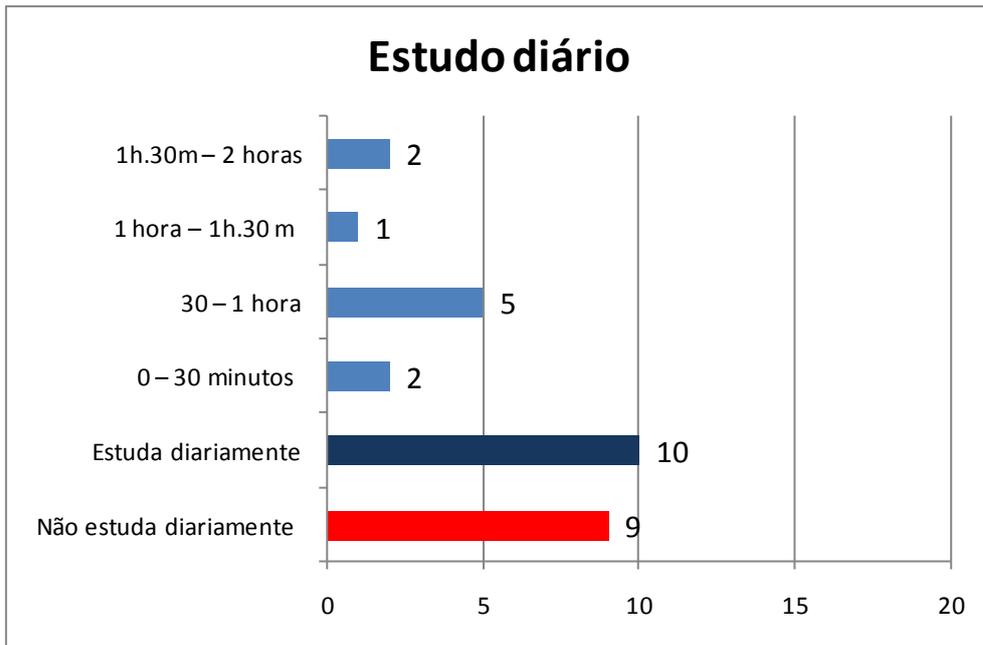


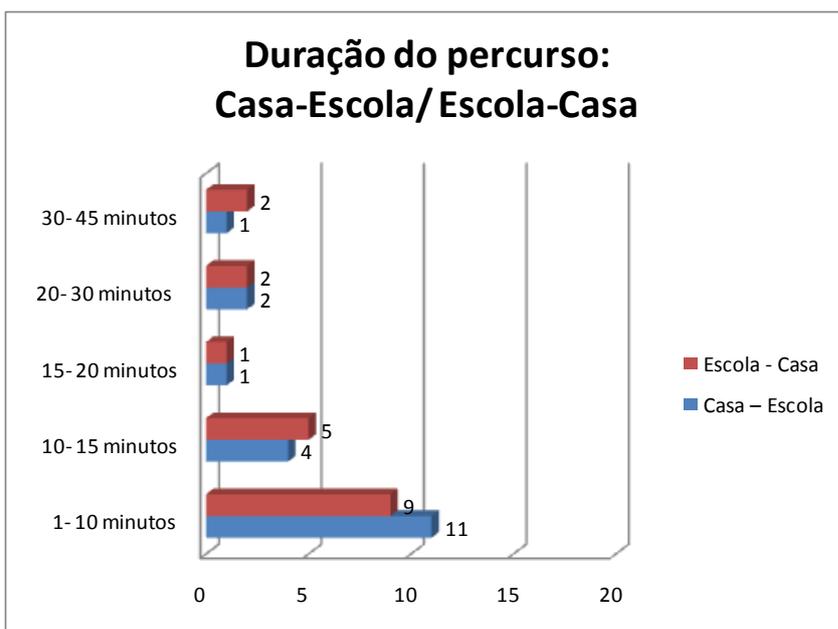
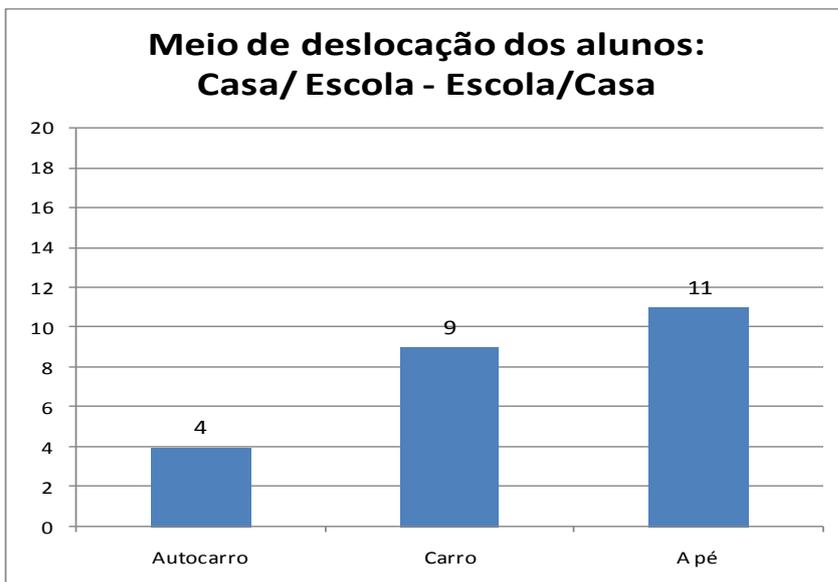
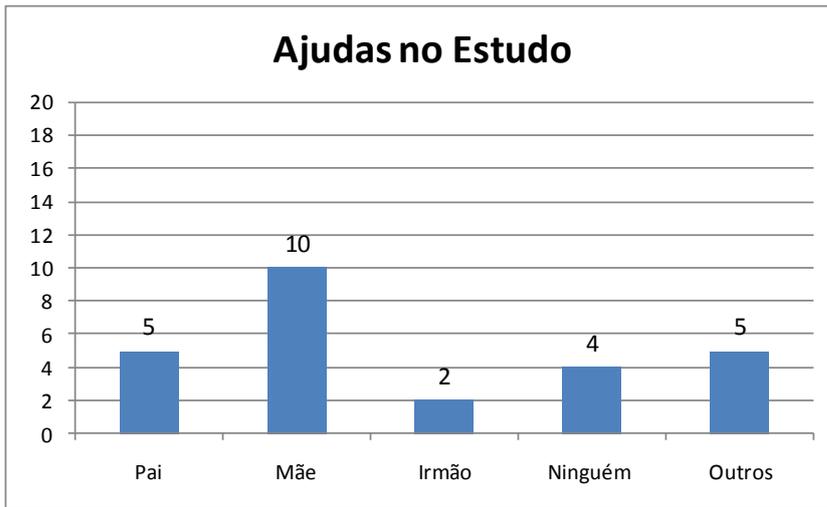
Observações: o aluno nº10 identifica na sua ficha como encarregado de educação a sua psicóloga.

Vida Escolar:

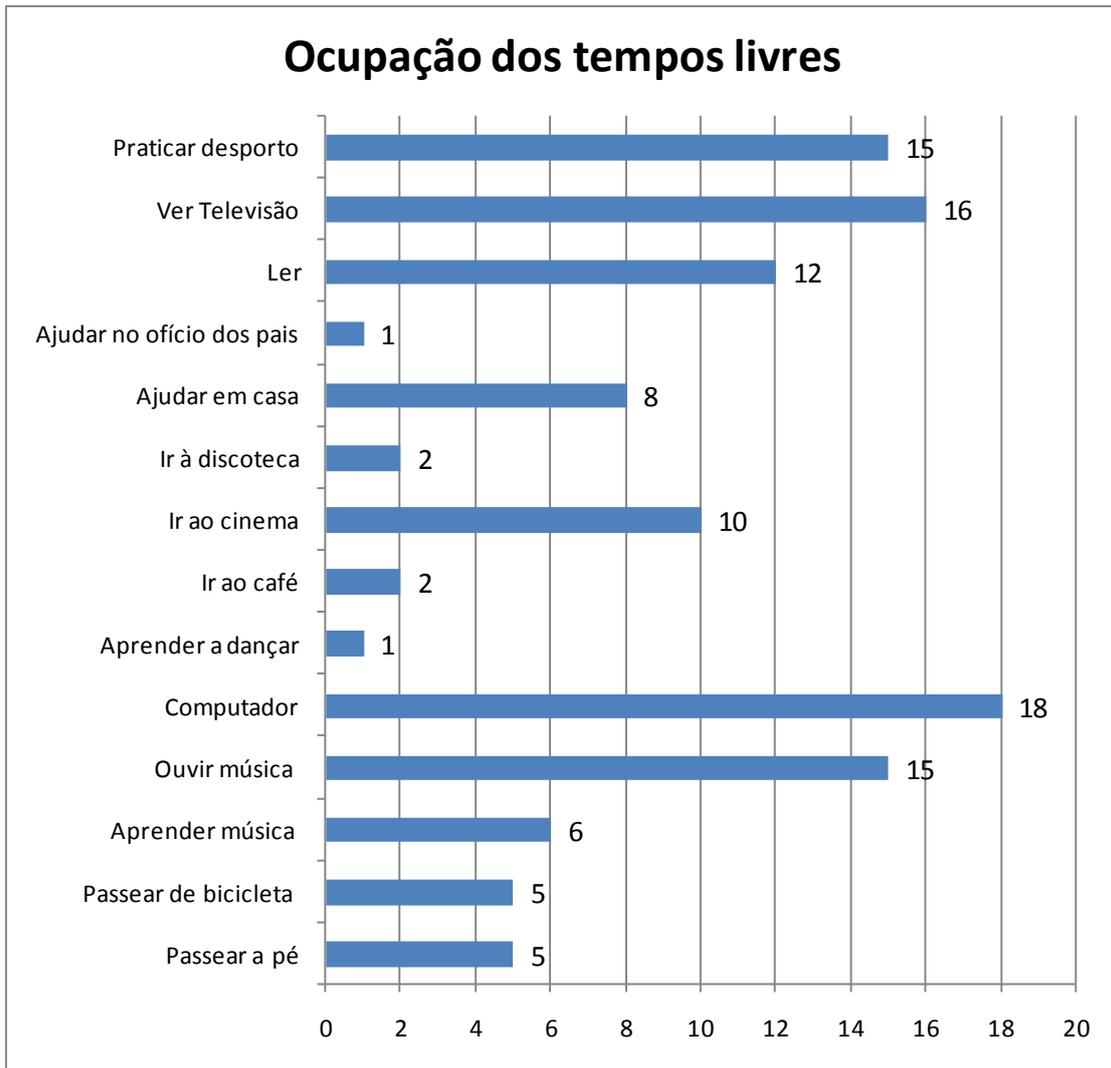


Retenções	
Uma retenção	Duas retenções
Aluno nº 8 (3º ano) Aluno nº10 (9ºano) Aluno nº 15 (2ºano)	Aluno nº 9 (4º e 6º ano) Aluno nº 13 (8º e 9º ano)

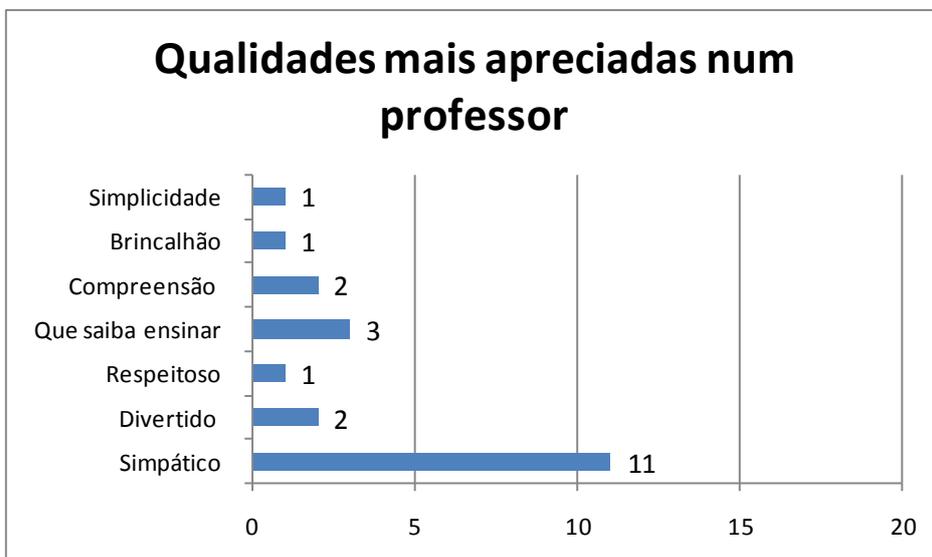




Ocupação de tempos livres:



Qualidades mais apreciadas num professor:



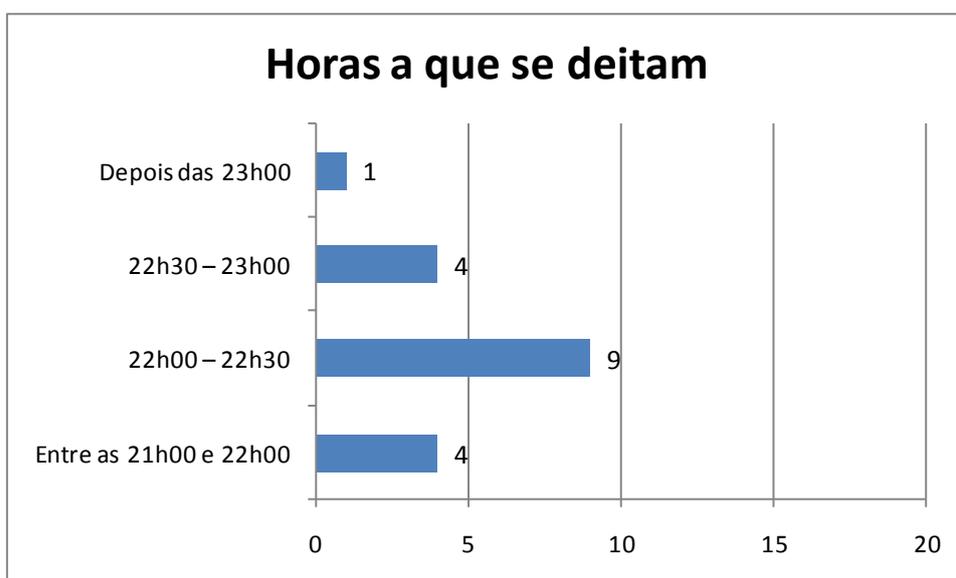
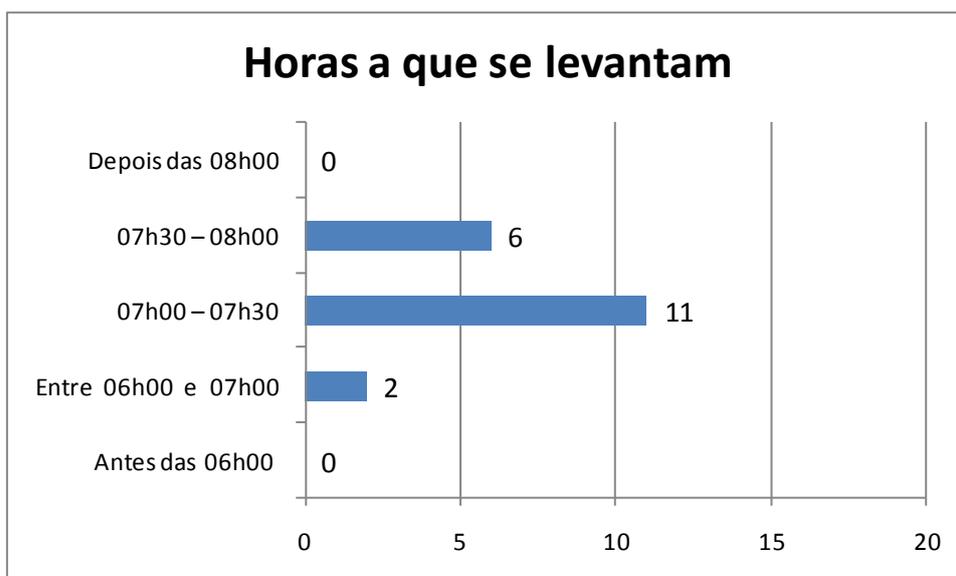
Saúde/ Alimentação:

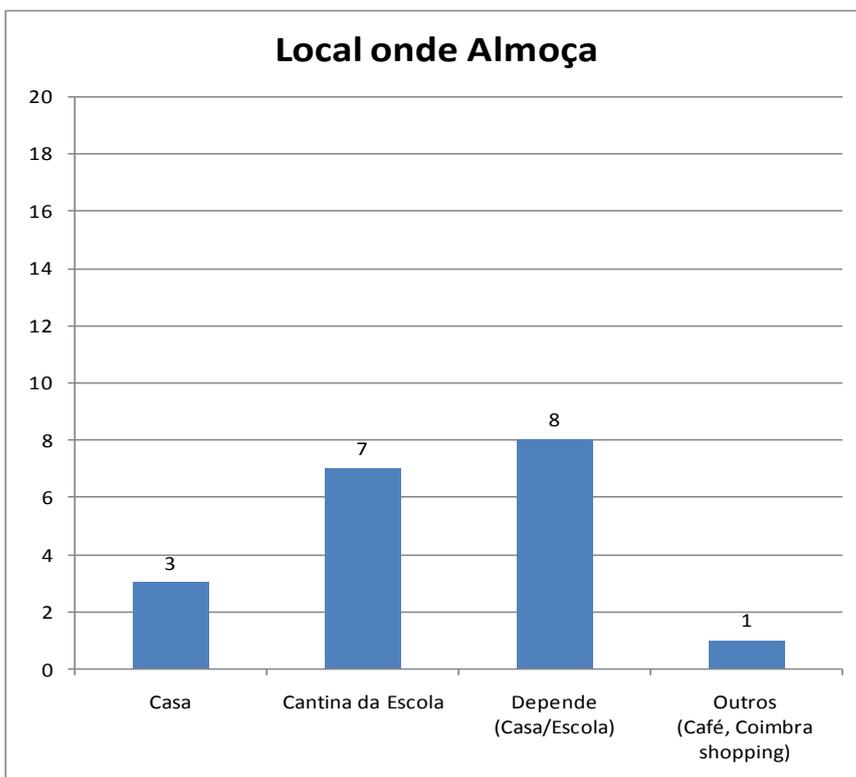
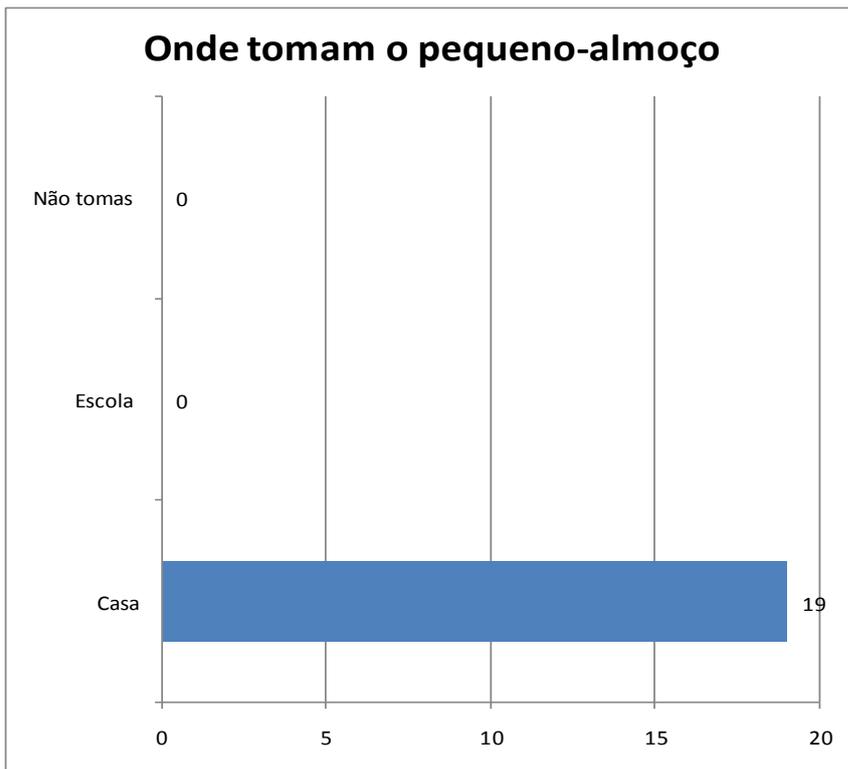
Dificuldades	
Visuais	5
Auditivas	-
Linguagem	-
Motoras	-

Observações:

a) os alunos nº1, nº2, nº5, nº17 e nº18 apresentam dificuldades visuais.

b) A aluna nº1 apresenta para além das dificuldades visuais problemas de Asma e Eczema Atópico. No caso de ataque de asma necessita recorrer ao uso de bomba.





Observações: O aluno nº5 para além de almoçar na cantina da escola traz por vezes almoço de casa.

Anexo nº VI – Imagens

Figura nº 1 - Mapa da localização geográfica da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores (assinalada através do rectângulo vermelho).



Figura nº 2 - Mapa do perímetro muralhado da cidade de Coimbra no século XII

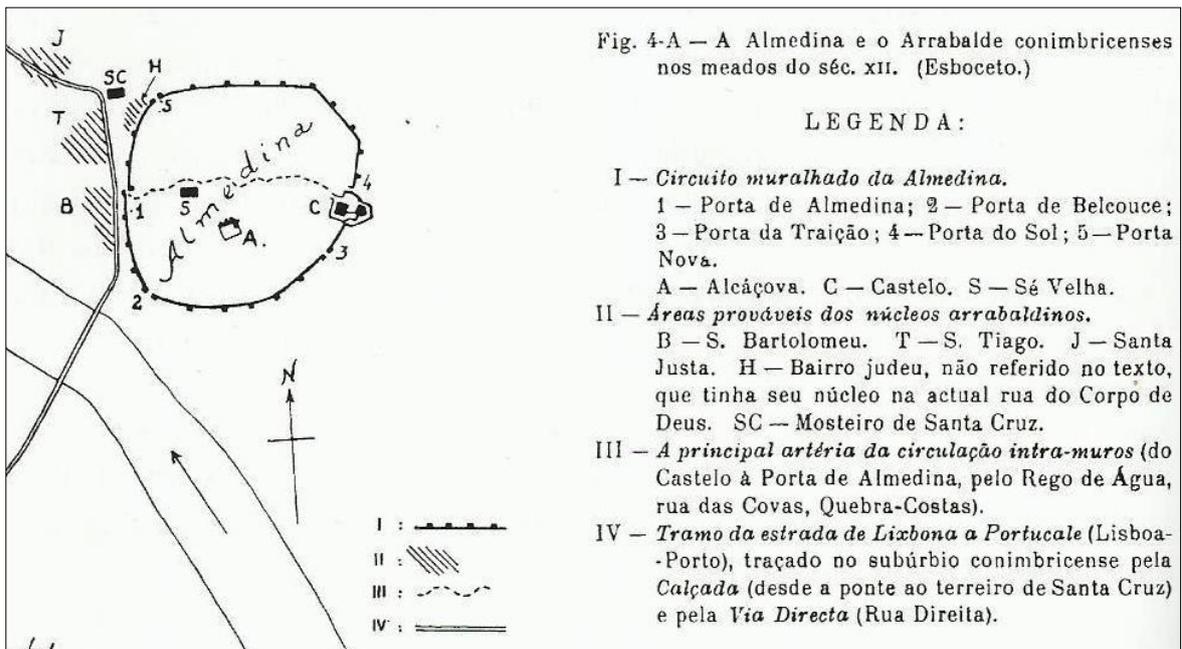


Figura nº 3 – Demarcação de parte das propriedades concelhias situadas na Rua da Calçada, com identificação dos foreiros e respetivo assento no Tombo Antigo de Coimbra

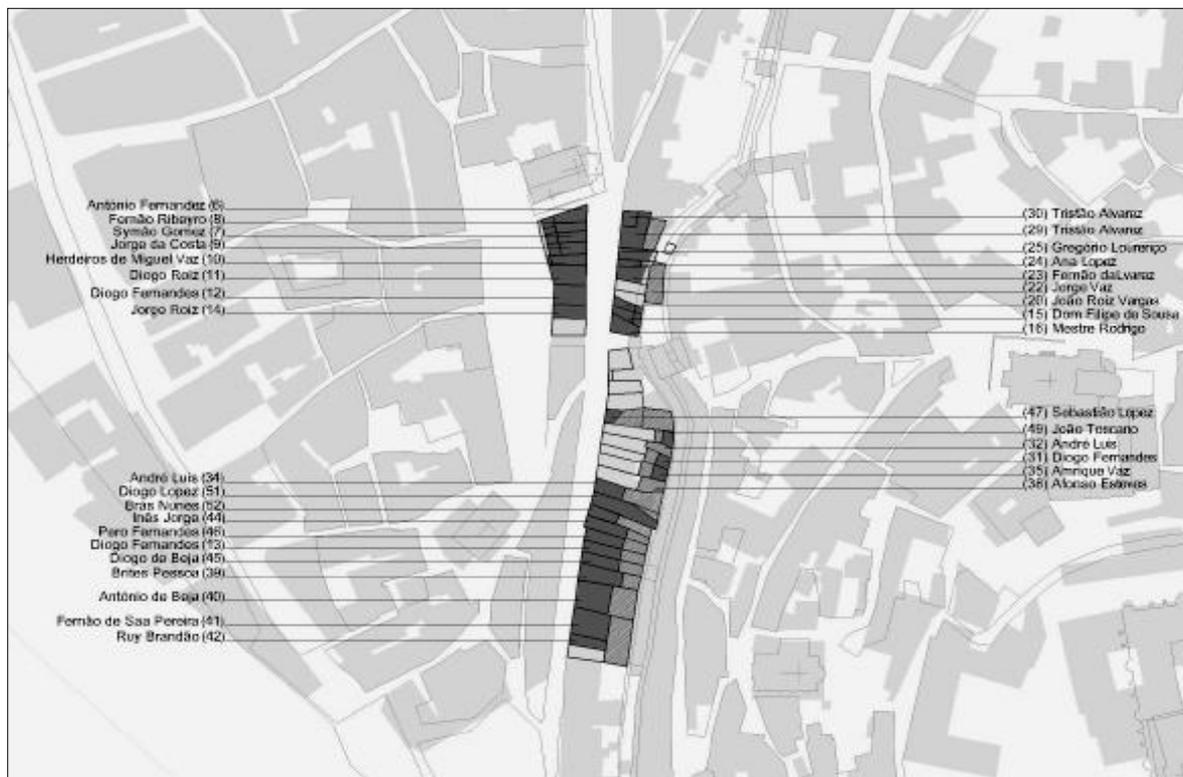


Figura nº4 - Imagem do antigo colégio de S. Tomás antes de ser requalificado como Palácio da Justiça durante os séculos XIX e XX.



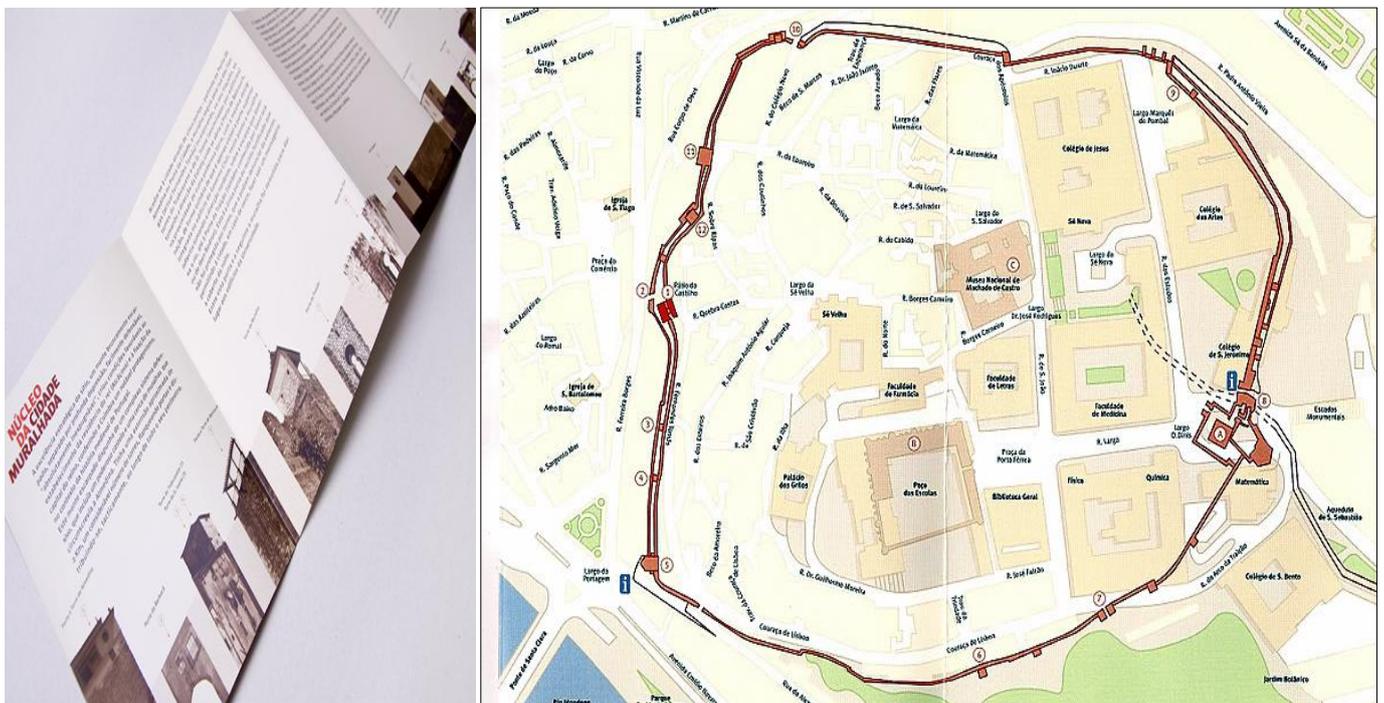
Imagem retirada de <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=503390> em 15/04/2013

Figura nº 5 - Maquete do Castelo de Coimbra (Núcleo da Cidade Muralhada)



Imagem retirada de <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=415957&page=2> em 30/05/2013

Figura nº 6 e 7- Panfleto informativo do Núcleo da Cidade Muralhada



Imagens fotografadas e digitalizadas e fotografadas pelo autor

Anexo nº VII - Exemplo da grelha utilizada para a elaboração do trabalho e cartografia.

Rua: Ferreira Borges (lado direito)								Observações
Descrição do Edifício	Atividade atual	Atividade que tinha	Abandonado	Estado de conservação				
				Bom	Razoável	Mau	Em ruínas	
	Loja de eletrodomésticos	Stand Automóvel			x			- Piso superior apenas com um cabeleiro, o resto está desabitado;
Iris Ótica		Ótica Consultório Médico	x			x		-
Loja de Artesanato	Artesanato			x				- Piso superior com um cabeleireiro e habitação;
Capicua (303)	Vestuário	Café Arcádia			x			- Pisos superiores com uma Clinica médica Dentária e uma Segurador
Farmácia	Farmácia e Perfumaria	Farmácia			x			- Pisos superiores com escritórios e habitações
Café Brasileira	Café	Pronto-a-vestir		x				- Pisos superiores pertencem ao café onde servem almoços

Anexo nº VIII – Roteiro da visita de estudo de História

Escola Básica e Secundária (X)

Ano Lectivo 2012-2013



Roteiro da visita de Estudo- A Baixa de Coimbra

Nome: _____ Turma _____ Nº _____

Material necessário:

- Bloco de apontamentos;
- Lápis e Borracha;
- Máquina fotográfica;
- Calçado confortável;

Indicações:

1. No decorrer da visita devem ir completando as tarefas referidas no presente roteiro.
2. No final da visita devem entregar o roteiro devidamente preenchido e assinado ao professor.

Rua Ferreira Borges



A rua Ferreira Borges é uma das ruas mais antigas da cidade de Coimbra. Esta rua, no século XII, localizava-se fora das muralhas do castelo sendo conhecida por rua dos Francos, por nela se fixarem mercadores vindos do centro da Europa que nela vendiam e compravam produtos.

Posteriormente, no século XV, designou-se de rua da Calçada devido a ter sido submetida a obras de calcetamento no seu pavimento. Estas obras reforçam a sua importância, já que uma rua para ser calcetada tinha de ser muito importante para a cidade. Entre os séculos XIV e XVIII, foram-se fixando nesta rua muitos comerciantes, mas também muitos artífices, que se dedicavam a trabalhar o ouro, ferro, couro, a borracha, os tecidos entre outros. A variedade de artífices era imensa. Existiam carpinteiros, sapateiros, alfaiates, cordoeiros (homens que trabalhavam a corda), ferradores (homens que trabalhavam o ferro) e muitos outros. No entanto, a rua não era só importante por nela se fixarem comerciantes e artífices, mas também por nela habitarem importantes fidalgos, e outros homens que exerciam profissões de maior estatuto social, como médicos, advogados e estudantes.

A rua continuará ao longo dos séculos a crescer e a afirmar-se como importante espaço comercial e económico da cidade. No século XIX, a Câmara Municipal de Coimbra, atribui-lhe um novo nome passando a chamar-se de Rua Ferreira Borges, nome pela qual ainda hoje é conhecida. Atualmente, continua a ser uma das mais importantes ruas da cidade, devido ao seu comércio e diferentes atividades associadas, mas também pelo seu valor histórico e cultural muito apreciado pelos turistas.

Atividades:

- Qual foi o primeiro nome da Rua Ferreira Borges?
- Que tipo de atividades encontramos durante a Época Moderna, fixadas nesta rua?
- Indica um grande acontecimento pela qual a rua tenha passado?
- Qual o monumento de maior relevância situado nesta rua?
- Tira uma fotografia ao edifício do Chiado.
- Procura em casa quem foi Ferreira Borges, personalidade que atualmente dá nome à rua.

Visconde da Luz



A rua Visconde da Luz é, à semelhança com a rua Ferreira Borges, uma das ruas mais antigas da cidade. A sua formação data do século XIII. Nessa época, a rua era conhecida como rua de Coruche – nunca se chegou a compreender bem a origem deste nome.

Era, comparada com a rua Ferreira Borges, uma rua de menor importância para a cidade, sendo considerada como estreita, torta e de difícil passagem. Apesar disso, nela fixavam-se igualmente profissões importantes ligadas ao artesanato como sapateiros, alfaiates, botoeiros (homens que trabalhavam e produziam botões) e muitos ourives (homens que trabalhavam o ouro). A presença de ourives nesta rua era de tal forma elevada que durante muito tempo, e ainda hoje, a rua é conhecida como Rua dos Ourives. Durante o século XIX, a rua sofrerá obras de melhoramento no seu pavimento e mudará de nome para rua Visconde da Luz – homem que na qualidade de Diretor-Geral do Ministério das Obras Públicas de Portugal, contribuiu para facilitar este melhoramento.

Durante o século XX, a rua consolidou a sua importância como importante eixo económico e comercial da cidade estabelecendo-se nela, em 1986, um pequeno Centro Comercial – Centro Comercial Visconde.

Atividades:

- Qual foi o primeiro nome da rua Visconde da Luz?
- Porque outro nome é conhecida a rua Visconde da Luz?
- Qual a atividade que mais se destacou ao longo dos séculos nesta rua?
- Encontras atualmente nesta rua, algum exemplo dessa atividade, se sim diz qual e tira uma fotografia?
- Observa atentamente a rua. Que problemas identificas?

Rua da Sofia



A rua da Sofia foi iniciada em 1535 durante o reinado de D. João III. Esta rua na época seria uma das mais compridas e largas ruas da Europa. Foi construída com o objetivo de nela se estabelecerem os Colégios Universitários a quando da instalação definitiva da Universidade em Coimbra a 1 de Março de 1537. Pretendia-se que de um lado (lado direito no sentido Caixa Geral de Depósitos- Igreja do Carmo) se estabelecessem os colégios e do outro se construísse as habitações necessárias para receber os Mestres e os Estudantes. Nesta época, construiu-se na recente Sofia uma nova porta de entrada da cidade

para os viajantes que vinham do Norte, a porta de Santa Margarida (situava-se onde encontramos atualmente o início da rua Figueira da Foz).

Pouco tempo depois da sua fundação, fixaram-se nesta rua diversas ordens religiosas que construíram os seus respetivos colégios que ainda hoje podemos visitar como o Colégio de S. Pedro, o Colégio da Graça e o Colégio do Carmo. Nos anos seguintes a rua continuou a crescer e a afirmar-se na cidade. Em 1566, é estabelecido nesta rua o Tribunal do Santo Ofício conhecido vulgarmente como Tribunal da Inquisição. Com esta mudança, vieram novos serviços e moradores. Fixaram-se então diversos artesãos, nomeadamente sapateiros, estalajadeiros, alfaiates, ferreiros, entre outros, bem como habitantes de estatuto social elevado como fidalgos, médicos, advogados e doutores.

No século XIX, com a extinção das Ordens Religiosas em Portugal (1834) e com o fim do Tribunal da Inquisição (1821), a rua sofreu alterações no seu espaço. Os antigos colégios foram abandonados sendo a pouco e pouco reocupados para fins comerciais e de habitação.

Atualmente é considerada a rua mais importante da cidade, tendo sido classificada em Junho de 2013, como Património Mundial da Humanidade juntamente com a Universidade.

Atividades:

- Em que ano se iniciaram as obras de construção da Rua da Sofia?
- Para que foi fundada a Rua da Sofia?
- Tira uma foto no local onde se localizava o Pátio da Inquisição.
- Descobre o nome dos oito colégios religiosos presentes ao longo da rua da Sofia.
- Encontra o nome de três ordens religiosas que se fixaram com os seus colégios na rua da Sofia.
- Procura em casa o significado de “Sofia”.
- Observa atentamente a rua. Que problemas identificas?

Bom trabalho!

Anexo nº IX – Guião de orientação para os trabalhos de grupo de História

Escola Básica e Secundária (X)

Ano Lectivo 2012-2013



Tema: Coimbra: a Almedina e o Arrabalde

Indicações:

1. Na composição do trabalho devem escolher uma fotografia por vós retirada durante a visita, coloca-la na cartolina e escrever a sua história. A fotografia pode ser um monumento, uma rua, um edifício, uma praça.
2. Após escolherem a fotografia, devem informar o professor da vossa escolha para que este vos ajude na pesquisa e elaboração do trabalho.
3. Devem usar na composição de trabalho as informações recolhidas por vós durante a visita, bem como o roteiro explicativo da viagem.
4. Antes de iniciarem a decoração da cartolina devem entregar o texto explicativo ao professor até à data definida, para que este o possa corrigir atempadamente.
5. Na cartolina deve constar o título do trabalho bem como o nome e o número dos alunos que compõem o grupo;
6. Por último, podem e devem decorar a cartolina com os elementos que acharem oportunos (textos, testemunhos, excertos de obras, etc. O recomendado é que usem a vossa imaginação!
7. No final, todos os trabalhos serão expostos na escola, procedendo-se posteriormente à seleção das três melhores.

Objetivos gerais que devem ter em conta na explicação da vossa fotografia:

- ✓ A que elemento se refere a fotografia;
- ✓ Qual a sua localização no contexto da cidade;
- ✓ Em que século foi criado o elemento fotografado;
- ✓ Qual a sua importância para a cidade;
- ✓ Porque foi criado o elemento fotografado;
- ✓ Principais acontecimentos da sua história;

Bom trabalho!

Anexo nº X – Exemplo de um mapa auxiliar para o trabalho de campo de Geografia



Anexo nº XI – Guião e grelha de observação do trabalho de campo de Geografia

Escola Básica e Secundária (X)

Ano Lectivo 2012-2013



Geografia

Guião de Observação

As Funções da Baixa de Coimbra

Nome: _____ Turma _____ N° _____

Material necessário:

- Bloco de apontamentos;
- Lápis e Borracha;
- Máquina fotográfica;
- Calçado confortável;

Indicações:

1. No decorrer da visita devem ir completando a grelha de observação como auxílio do mapa que vos foi distribuído.
2. Devem ter em atenção as suas atividades atuais, o seu estado de conservação, e os seus problemas. Podem complementar a grelha com observações que acharem pertinentes.
3. Caso tenham alguma dúvida, sobre os edifícios observados, devem de forma ordeira e educada, questionar os comerciantes.
4. A visita terminará às 13h, sendo o ponto de encontro, para regresso á escola, junto ao Largo da Portagem.
5. No final da atividade, cada grupo deve elaborar um relatório da visita de campo (máximo 5 páginas) com a seguinte formatação: Times New Roman, Tamanho 12, Espaçamento 1,5, Justificado. Devem documentar o vosso trabalho com fotografias da rua e dos edifícios observados. Ao relatório devem anexar o mapa e a grelha devidamente preenchida.
6. As melhores fotografias serão utilizadas para uma exposição a realizar na escola sobre a Baixa de Coimbra.

Grelha de Observação:

Rua:								Observações
Localização:								
Descrição do Edifício	Atividade atual	Atividade anterior	Abandonado	Estado de conservação				
				Bom	Razoável	Mau	Em ruínas	

Questões-chave para a elaboração do relatório:

- Que tipo de serviços e funções encontraram na rua (x)?
- Qual(ais) a(s) atividade(s) com maior presença?
- Como se apresenta o estado de conservação dos edifícios da rua (x)?
- Que problemas encontram ao observarem a rua?
- Encontram edifícios abandonados? Que atividade tinham anteriormente?

Bom trabalho!